

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS - CCHN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

Igor Nunes Costa.

A estrutura “como” (*Als Struktur*) em Martin Heidegger: o discurso (*Rede*) e aquilo sobre o quê (*Worüber*) discorre.

**Vitória, ES
2019**

Igor Nunes Costa.

A estrutura “como” (*Als Struktur*) em Martin Heidegger: o discurso (*Rede*) e aquilo sobre o quê (*Worüber*) discorre.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Orientadora: Dr^a Thana Mara de Souza.

Igor Nunes Costa

A estrutura “como” (*Als Struktur*) em Martin Heidegger: o discurso (*Rede*) e aquilo sobre o quê (*Worüber*) discorre.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Orientadora: Dr^a Thana Mara de Souza.

Aprovada em ____ de _____ de 2019.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Thana Mara de Souza – UFES (Orientadora).

Prof. Dr. Jorge Augusto da Silva Santos – UFES. Examinador interno.

Prof. Dr. Rafael Paes Henriques – UFES. Examinador externo.

**Vitória, ES
2019**

AGRADECIMENTOS

Registro meu agradecimento à minha família, pelo tempo que me deram e pelos questionamentos que fizeram;

Agradeço aos professores Jorge Augusto e Rafael Paes pela disponibilidade, leitura e acompanhamento deste trabalho;

Agradeço, também, à Thana Mara, minha orientadora, pelas observações e leitura desse trabalho e pela serenidade que manteve nas idas e vindas dele;

Por fim, agradeço à CAPES pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

RESUMO

Heidegger afirma que o discurso (*Rede*) deixa ver aquilo “sobre o que” (*Worüber*) discorre e o faz para todos aqueles que discorrem uns com os outros. Investigamos a estrutura “como” (*Als Struktur*) desse “sobre o que”, exposição do compreendido em conjunturas (*Bewandtnis*) significativas que se deixa ver no discurso. A compreensão (*Verstand*) descobre conjunturas onde os entes surgem como possibilidades significativas de ser, se expõem hermeneuticamente explicitando o compreendido “como” algo. Os entes são possibilidades na abertura compreensiva ao mundo (*Welt*) como significância (*Bedeutsamkeit*) e que, no desenvolvimento junto aos outros, são significados e expostos articuladamente “como” algo discorrido no discurso (*Rede*). Esse caminho nos levou a eleger, prioritariamente, *Ser e Tempo* para mostrar esse “como” hermenêutico sendo a explicitação do compreendido que se deixa ver no discurso, pois ali medita-se sobre o mundo, o discurso e a estrutura “como”. Começamos com a mundanidade do mundo e a significância aberta na compreensão que se explicita hermeneuticamente e se deixa ver no discurso. O que é a estrutura “como” (*Als Struktur*)? Qual sua relação com discurso (*Rede*)? E entre eles e o discorrido (*Worüber*)?

Palavras-chave: Heidegger, significância, significação, compreensão, “como”.

ABSTRACT

Heidegger states that the discourse (*Rede*) lets you see what "about what" (*Worüber*) talks about and does so for all those who talk to each other. We investigate the structure "as" (*Als Struktur*) of that "about what" exposition of the understood in conjunctures (*Bewandtnis*) that is allowed to be seen as speech. Comprehension (*Verstand*) discovers conjunctures where the entities arise as significant possibilities of being that are elaborated hermeneutically exposing the understood "how" something. Entities are possibilities in the comprehensible opening to the world (*Welt*) as significance (*Bedeutsankeit*) and that, in development with others, are articulated meaning and exposition "as" something discursed in the discourse (*Rede*). This path led us to choose, first and foremost, *Being and Time* to show this hermeneutic "how" being the explicit comprehension that is seen in the discourse, because there one meditates on the world, the discourse and the "how" structure. We begin with the worldliness of the world and the open significance in the comprehension that is expressed hermeneutically and is seen in the discourse. What is the "how" structure (*Als Struktur*)? What is your relation with discourse (*Rede*)? And between them "about what" is discussed (*Worüber*)?

Keywords: Heidegger, significance, meaning, comprehension, "how".

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: A mundanidade do mundo (<i>Die Weltlichkeit der Welt</i>) e a significância (<i>Bedeutsankeit</i>).....	15
1.1. A mundanidade do mundo (<i>Die Weltlichkeit der Welt</i>).....	17
1.2. Lida (<i>Umgang</i>) e Significância (<i>Bedeutsankeit</i>): a lida significativa.....	30
CAPÍTULO 2: A estrutura “como” (<i>Als Struktur</i>): aquilo sobre o quê (<i>Worüber</i>) se discorre.....	63
2.1. A estrutura “como” (<i>Als Struktur</i>): a explicitação do compreendido que se dá a ver no discurso no modo “como” se compreende.....	65
2.2. O discurso (<i>Rede</i>) deixa ver àquilo “sobre o que” (<i>Worüber</i>) discorre que são os modos “como” o compreendido vai se explicitando em conjunturas.....	118
CONCLUSÃO.....	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	144

INTRODUÇÃO

Esta investigação busca compreender o que Martin Heidegger entende ser a estrutura “como” (*Als Struktur*) ou “como” hermenêutico (*Als hermeneutische*). Em *Ser e Tempo* a estrutura “como” é a “estrutura de explicitação [*Ausdrücklichkeit*] do compreendido” (HEIDEGGER, 2005, p. 205). Se o compreendido é o aberto na compreensão e esta é um modo de ser da pre-sença, então o compreendido é a expressão da própria pre-sença, o modo como se apropriou de si tornando-se ela mesma como compreensibilidade que, articulada em significações, expõe, conjunturalmente, o compreendido, a pre-sença mesma. Essas significações compreensíveis são as referências (*Verweisung*) do discurso, o falado nele, os modos “como” se explicita o compreendido em significados, “como” o falado é circunvisto, “[...] *estructura-como* planteada en las clases de 1925 y 1926, y abiertamente establecida como esquema originario en *Ser y tiempo* [...]” (BAY, 1998, p. 62). A compreensibilidade (*Verstandlichkeit*), o compreendido a cada vez na compreensão, articulada (*Rede*) discursivamente em significações, permite explicitar esse compreendido em suas “possibilidades possíveis”, “como” algo conforme (*Bewandtnis*) o modo como foi articulado e compreendido.

O que investigamos aqui também contribui para entender como Heidegger propõe superar as dualidades metafísicas, superar o distanciamento entre homem e mundo que a tradição pôs em circulação e refletir de que modo se relacionam os “pólos”, por exemplo, homem e mundo, ser e ente, sujeito e objeto, parte e todo, dentro e fora. Para Heidegger a estrutura “como” (*Als Struktur*) ou “como” hermenêutico (*Als hermeneutische*), fazendo alusão à tradição hermenêutica, faz a articulação entre o todo e as partes, abre o ente como possibilidades de ser em significações na abertura articulada da compreensão ao seu mundo, tornando-o compreensível, cujas significações descobrem os entes e os expõem nas conjunturas nos modos “como” foram descobertos, exposição que só é possível referenciando-se àquele mundo de diversos “modos”, em diversos “comos”. O “como” se encontra “antes” da distinção entre sujeito e objeto, pois para que haja acesso do sujeito ao objeto este já deve ter sido acessível ao sujeito, o que é feito pelas significações (*Bedeutend*), que permitem que o ente, antes apenas como possibilidades significativas de ser, exponha-se “como” sendo isso ou aquilo, em suas

“possibilidades possíveis.” É o discorrido, a abertura hermenêutica “prévia” mostrada no discurso nos diversos modos de se mostrar.

A tradição metafísica, de acordo com Heidegger, interpretando insuficientemente Aristóteles, defende que a verdade seja encontrada na proposição, em um predicado que pro-põe o sujeito, proposição que seria a possibilitadora da verdade. Afirmar também que o estagirita tenha defendido que a verdade é a concordância do pensamento com o ente (HEIDEGGER, 2004, P. 108). Heidegger critica essas concepções e segue por um caminho diferente, pois acredita que a proposição está na verdade, não a verdade nela. Sendo assim, Heidegger questiona a proposição como lugar da verdade e parte para descobrir um âmbito mais originário, ontológico, em que a verdade se dá e em modos, pois a existência de diversas interpretações de *logos* “como” proposição, “como” razão, “como” juízo, “como” conceito, definição, fundamento, relação, proporção fizeram com que ele se perguntasse como poderia o discurso modificar-se tanto para que *logos* signifique tudo isso e, justamente, no uso da linguagem científica. O discurso passa a ser remetido para esse âmbito hermenêutico mais fundamental onde os entes se dão e a partir de onde podem ser mostrados. Da proposição (*logos*) rumo ao que lhe funda, ele chega a uma concepção de *logos* mais originária que traduz como *Rede* e cujo âmbito de descobrimento é hermenêutico, compreensivo.

A compreensão projeta significações e abre seu mundo e possibilita, assim, que os entes se abram em suas possibilidades recíprocas o que permite que a pre-sença compreenda ser num sentido, ela compreende articuladamente o compreendido tornando-o compreensível e explicitável em conjunturas “como” isso ou aquilo. Essa índole significativa do compreender descobre, em remissões significativas, os entes, e esse permanente descobrimento significativo nas ocupações é o compreensível (*Verstandlichkeit*)¹, já articulado como discurso (*Rede*) e indiscernível dele, pois o discurso é sempre sobre algo uno, discurso e discorrido, articulação e articulado que é a compreensibilidade, ou seja, explicitação da compreensão. Não há nada “dentro” do discurso e ele não articula algo “fora” dele, mas ele já é compreensibilidade (articulada).

¹ A compreensibilidade (*Verstandlichkeit*) é o dar-se permanente da compreensão, assim como a mundanização (*Weltlichkeit*) é o dar-se de mundo.

Ninguém discursa sobre nada, a articulação sempre articula alguma coisa, aquilo sobre o que se fala é sempre mostrado no falar. Aquilo sobre o quê (*Worüber*) o discurso (*Rede*) discorre se elabora (*Ausarbeitung*) hermeneuticamente em “como” (*Als*) conforme a atualização de suas referências (*Verweisung*) nas circunvisões da ocupação (compreensibilidade). O aberto na compreensão é articulado, re-une o desvelado e o velado, pois esse aberto é a significância projetada pela compreensão num horizonte hermenêutico de sentido em que o ente pode ser exposto junto com os entes com os quais se elabora. O mundo, aberto e antecipado, vivenciado significativamente nas ocupações quando de sua mundanização, se expõe em “como” nas conjunturas.

O “como” (*Als*) se apropria hermeneuticamente do aberto “como” algo compreensível articulado em significações, algo explicitado “como” algo em conjunturas, onde este “algo” é referenciado, significado na significância, remissões referenciais que já foram consolidadas na ocupação cotidiana, na lida compreensiva. O “como” acontece ali na conjuntura, onde o descoberto articulado numa perspectiva é tornado próprio e exposto em modos, conforme as possibilidades de ser da pre-sença, conjuntura que ressalta a importância da hermenêutica nas meditações de Heidegger e do “como” que é a ligação entre a parte e o todo, o todo aberto e explicitado “como” “partes” nas conjunturas, partes compreensíveis apenas naquela abertura. Heidegger, desse modo, não trata a compreensão como ligada apenas às questões textuais, mas como o próprio desenvolvimento fático da pre-sença, desenvolvimento hermenêutico, de exposição, tradução, interpretação do todo quando no desenvolvimento das partes que só ganham seu sentido e compreensibilidade no todo. Trata-se, portanto, da própria estruturação da pre-sença, da *ek-sistência*, que é circular, círculo hermenêutico em que o “como” já se apropriou do todo da compreensão e o expõe nas situações, que fundam-se no todo encaminhado num sentido prévio, apropriação que torna próprio o mundo público, compartilhado. Nessa espécie de círculo fundacional, o dar-se de mundo é compreendido em perspectiva, num sentido em que o mundo mundaniza como articulação de remissões referenciais significativas na ocupação que instaura o sentido antecipado e descobre o ente compreensível, ou, ao inverso, o descoberto só pode se ex-por na significância articulada aberta na compreensão.

Para alcançar nosso objetivo, dividi o trabalho em dois capítulos, cada um com duas divisões. No primeiro capítulo, trato sobre a mundanidade do mundo, momento mais amplo, previamente dado à compreensão antecipadora e estrutural da pre-sença em sua exposição de si. Mundo que será acessível como significância, cujas significações estruturadas como discurso (*Rede*) abrem a possibilidade de irmos à estrutura desse discurso, que será discutido no segundo capítulo. Veremos que o “como” hermenêutico expõe a relação do homem com o mundo, do ente que nós somos com os outros entes, pois a fala, a escuta, o silêncio estruturam-se sobre algo compreensível num sentido aberto e que os possibilita, compreensível que é de diversos modos e, assim, hermeneuticamente, o mundo é exposto e falado.

No primeiro capítulo discutimos a noção de mundanidade do mundo, ou seja, os modos em que o mundo se dá, e a significância, o caráter remissional de mundo, dimensão que possibilita a apropriação e o desenvolvimento da compreensão em significados, onde o mundo mundaniza. Pretendemos acompanhar o modo como Heidegger alcança o modo de dar-se do mundo, partindo de concepções ônticas do que seja o mundo, como coleção de subsistentes ou como conceito, categorias tentativas que falham, pois, quando da conceituação do mundo ele já está presente de diversos modos, já está pressuposto. Para acessar isso que está tão próximo, seguimos para acessar o mundo mais próximo da presença, o mundo circundante. Para acessar este mundo partimos, com Heidegger, para a interpretação ontológica dos entes que se dão dentro do mundo, aquilo com que lidamos cotidianamente, com que nos ocupamos, pois, acredita Heidegger, o acesso ao mundo se dá praticamente, nos diversos modos com que lidamos e, para isso, precisamos já ter acessado o ente em sua totalidade, o mundo já deve ter mundanizado para que a pre-sença possa acessar o ente particular ao seu modo, no modo de ser da pre-sença e no modo de ser do ente que é em função do ser da pre-sença. Esse mundo circundante é o apropriado onde “algo” torna-se compreensível.

Caminhando para o segundo subcapítulo do primeiro capítulo, os entes de “dentro do mundo”, porém, não são acessados em si mesmos, mas significativamente. Lidamos com signos, instrumentos que remetem a totalidade conjuntural e que mostram à circunvisão na ocupação os modos de lidar com os entes, com a cadeira na cozinha, na sala de aula, na Igreja.

Essa lida com signos é significativa, ou seja, esses signos referenciam-se aos outros signos da totalidade significativa na qual são sendo, referindo-se. Os instrumentos signos significam, se enviam e reenviam permanentemente, se referenciam ao todo significativo do qual faz parte seu ser, suas possibilidades de serem conjuntamente. Nessa conjuntura os entes como signos, significando, já não se diferenciam, pois são juntos, como entes e, nisso, são o mesmo. Essa totalidade significativa em que os entes são juntos chama-se significância, remissões da ação de significar. O mundo mundaniza, se dá aqui, quando o ente particular é sendo suas possibilidades significativas, em remissões referenciais significativas. Nos encaminhamos para o segundo capítulo tendo em vista que o ente aberto em suas possibilidades significativas em remissões referenciais num mundo se constituirá como “algo” compreendido e que será explicitado “como” algo, “como” hermenêutico, o que se deixa ver na fala.

No segundo capítulo começamos discutindo a estrutura “como” ou “como” hermenêutico que é a estrutura de explicitação do compreendido. Em *Ser e Tempo* é a apropriação do compreendido pela compreensão em que a compreensão torna-se ela mesma, é a explicitação dessa compreensão em “modos”. É abertura hermenêutica prévia que, articulada, torna-se o compreensível explicitado em significações, aquilo com que se lida e sobre o que se fala.

A compreensão abre o ente na significância em suas possíveis significações, aparecendo como “algo” indefinido, indiscernível da compreensão mesma, pois, compreendendo, se apropriando do compreendido, a compreensão torna-se ela mesma e não outra coisa qualquer. A compreensão se dá nas conjunturas, torna-se compreensibilidade, compreensão compreendendo, que já está articulada em significações na conjuntura quando aquele “algo” indiscernível é explicitado “como” sendo algo, ele mesmo, o primeiro “algo”, não outra coisa qualquer, pois é a compreensão compreendendo em seus diversos modos, é o mesmo “algo” em diversos “modos” de ser sendo na significância, nos modos de significar, nos diversos modos em que a ação de significar constituir significados. A compreensão imprópria torna-se própria nas conjunturas.

A apropriação do compreendido ocorre entre aqueles que se desenvolvem juntos, em que o ente que somos que se faz junto aos outros no manuseio, no uso ou no não uso numa rede de finalidades contextuais projetadas e antecipadas em que o manuseado vai sendo descoberto, tornando-se compreensível em significações, explicitando-se “como” sendo, significando

isso ou aquilo. Partindo, portanto, de um horizonte hermenêutico de sentido os entes compreendidos o são como “algo” e que tornam-se compreensíveis, expressáveis em “comos” em vista das possibilidades da pre-sença, em significações compreensivas articuladas, “como” hermenêutico. Portanto, na lida com significados já se supõe o “algo” compreensível que se explicita como “algo” que vai sendo descoberto, vai sendo explicitado nas ações de significar nas conjunturas significativas, as significações compreensivas descobrem hermenêuticamente os entes no mundo, pois “a pre-sença se compreende em seu próprio ser a partir daquele ente com quem ela se relaciona e se comporta de modo essencial, primeira e continuamente, a saber, a partir do “mundo”” (HEIDEGGER, 2005, p. 43).

No segundo subcapítulo discutiremos a noção de discurso (*Rede*) que, de acordo com Heidegger, deixa ver aquilo sobre o que discorre para todos os que discorrem conjuntamente, discorrido que é o articulado na articulação, no discurso, o que se mostra hermenêuticamente, o compreensível explicitando-se. O discorrido só é visto por todos propriamente, pois já apropriaram-se de seus mundos significativos e o explicitaram e, assim, o discurso pode mostrar essas remissões de significações explicitadas. A pre-sença compreende e, como existencial, ao compreender ela já está “fora”, junto ao compreendido o que revela a dissolução das fronteiras entre “dentro” e “fora” e a instalação de modos de relacionamento. O discurso, como é sempre sobre algo, é sobre o compreendido na conjuntura, o compreensível em significações que dá existência ao discurso que fala, escuta, ouve sempre a partir dessas significações compreensíveis. Rigorosamente, discurso é articulação da compreensibilidade (*Verstandlichkeit*) em significações que estrutura uma totalidade significativa e de onde podem ser desmembradas significações e, daí, palavras, compreensível que é o ente em sua significação, a partir de sua articulação, “como” sendo isso ou aquilo, pois é descoberto hermenêuticamente nas conjunturas. Discursar, portanto, é articular a compreensibilidade em significações avivadas nos diversos modos de se ocupar, na lida, significações que remetem referencialmente à significância familiar aberta na compreensão. Os “modos” de se ocupar, de lidar articuladamente são expressos em significações que descobrem, na circunvisão, os entes em “comos”, explicitando o compreendido, o compreensível nas conjunturas, são a pre-sença compreendendo e se explicitando em significações, pois já vive nelas, explicitação em significados que são

mostrados no discurso, que deixa ver aquilo sobre o que discorre, o modo “como” lida com o ente compreendido a partir do modo “como” ele se explicitou em significações compreensíveis.

As traduções que utilizaremos serão utilizadas conforme a exigência do contexto e será ressaltado sobre que palavra em alemão nos referimos. Portanto, utilizaremos *Bewandtnis* em suas duas traduções, conformidade e conjuntura de acordo com as exigências do contexto, para alcançar maior dinâmica textual e clareza. Assim será com *Auslegung* que significa tanto interpretação como exposição. As outras palavras que mais aparecem serão mantidas, conforme a tradução que seguimos, de Márcia Schuback, como *Verstand* (compreensão) *Verrstandlichkeit* (compreensibilidade), *Umgang* (Lida), *Bedeutsankeit* (significância), *Verweisung* (referência), *Bezug* (remissão), *Welt* (mundo), *Weltlichkeit* (mundanidade), *Umsicht* (circunvisão), *Rede* (discurso).

CAPÍTULO 1.

A mundanidade do mundo (*Die Weltlichkeit der Welt*) e a significância (*Bedeutsankeit*).

Neste capítulo, pretendemos pensar como se constituem a mundanidade do mundo (*Die Weltlichkeit der Welt*) e a significância (*Bedeutsankeit*). O mundo como remissões significativas e como um caráter da pre-sença, em que nos ocupamos, lidamos com coisas e pessoas. Lida que se dá de modo significativo, na significância, onde ocorrem as significações. A ocupação se consolida previamente nas remissões referenciais significativas e, por isso, a pre-sença pode lidar significativamente, pois já carrega consigo tais significações, carrega consigo seu mundo. A estruturação dessas significações é possível no discurso que articula a compreensibilidade em significações, cujo discorrimento baseia-se na exposição conjuntural do compreendido, discutidos no próximo capítulo, compreendido que decorre do modo com que se lida significativamente no mundo, objeto deste capítulo.

No item 1.1 deste capítulo discutirei a noção de mundanidade do mundo, os modos e as noções que Heidegger mobiliza para acessá-la, dado que o que surge, no modo como surge para a pre-sença², só se faz na e a partir dessa mundanidade, o ente se mostra quando o mundo mundaniza, dá-se permanentemente mundo, um caráter da pre-sença, acontecimento de um momento estrutural do fenômeno do mundo possível na lida cotidiana com os entes em seus significados na significância. Lida (*Umgang*) e significância (*Bedeutsankeit*) serão discutidos no item 1.2, pois a significância é a

² Utilizamos neste trabalho a tradução de *Ser e Tempo* feita por Márcia Schuback (2005) e, por isso, para manter a uniformidade e evitar utilizar outros tradutores mantivemos a tradução de *Dasein* por pre-sença, que traz uma ideia de ligação com o tempo, não um presente estático, mas dinâmico como ela mesma explica no livro, *ekstático*. Além disso, ela também traduz *Verstandlichkeit*, termo utilizado neste trabalho, por compreensibilidade, termo mais próximo ao termo compreensão (*Verstehen*), também assim utilizado aqui, diferente de Fausto Castilho que traduz por entendibilidade o que é muito próximo de entender podendo haver confusão com teoria do conhecimento ou o entendimento de sujeitos. Como afirma Kahlmeyer-Mertens (2013, p. 104): “Num segundo momento, o que poderia ser considerado um uso originário do latim nos induz a problemas conceituais, ao exemplo: a tradução da palavra “*Verstehen*” por entendimento, que, ao tentar aproximar tal vocábulo alemão do latino “*intellegerere*”, acaba por colocar de lado o termo compreensão, crucial para a tradição hermenêutica que – de Schleiermacher a Dilthey – fala alto na filosofia heideggeriana marcando indelevelmente a obra aqui enfocada. Tal escolha ainda sugeriria a errônea interpretação de que o projeto da ontologia fundamental contido em *Ser e tempo* passaria por uma teoria de faculdades (faculdades dentre as quais estaria o entendimento, o que, absolutamente, não ocorre).”

estrutura remissional do mundo que mundaniza nos modos de lidar, de se ocupar, lida que é significativa, ação de significar, pois o mundo, a totalidade de significações, já se deu e só assim a pre-sença pode acessar o ente particular que é quando referindo-se a essa totalidade que lhe dá sentido e o tornou compreensível.

O caminhar deste trabalho, portanto, começa na mundanização e na significância dadas previamente e consolidadas na lida cotidiana significativa familiar. Significância esta cujo sentido articula-se como discurso ou fala (*Rede*) que é sempre sobre “algo” já compreendido em significações possíveis e que se explicita na conjuntura como “algo”, em seus usos possíveis, o falado da fala, “algo” compreensível que se explicita em significações “como” algo para o ser da pre-sença. Iniciaremos investigando o mundo em remissões de significados, mundo compartilhado e apropriado nos modos de se ocupar, nos modos de lidar que são significativos e, portanto, partem da significância familiar na qual a pre-sença é, significações que referem-se à essa totalidade significativa que é o mundo em remissões.

No segundo capítulo, discutiremos o que abre essa significância onde os entes são apropriados “como” algo em suas possibilidades significativas e explicitados “como” algo compreensivelmente articulado em uma estrutura significativa de onde surgem as palavras – articulação discutida logo após que deixa ver o que articula, discurso que deixa ver o discorrido, o compreensível se explicitando. Partimos do mais ôntico, da lida significativa com simplesmente dado num mundo cotidiano, impessoal que absorve a pre-sença e caminhamos até o que possibilita essa lida, a articulação em significados com os quais a pre-sença se ocupa, com os quais ela exercita vivamente na lida, onde o ente que somos e os outros encontram-se e reencontram-se permanentemente em conjunturas. Esse é o modo de se encaminhar conforme o princípio hermenêutico “ir do claro ao escuro”,³ da lida cega com o simplesmente dado para a significância e ao que lhe abre, a compreensão e, depois, para o discurso que deixa ver os modos “como” se ocupa.

³ Heidegger, em sua meditação em *Platão: o Sofista*, utiliza o “princípio da hermenêutica: do claro para o escuro. De Aristóteles para Platão” e, seguindo esse caminho, afirma que ir do claro ao escuro “não é inaudito [mas] segue o antigo preceito da hermenêutica, de que se deve partir da interpretação do claro para o obscuro” (2012a, p. 10-11).

1.1. A mundanidade do mundo (*Die Weltlichkeit der Welt*).

A mundanidade do mundo foi discutida por Heidegger no terceiro capítulo de *Ser e Tempo*.⁴ O filósofo descreve o mundo como fenômeno que mostra-se a si mesmo e, nesse mostrar-se, nos propusemos a meditar como a pre-sença humana⁵ o acessa, ou seja, acessa a si mesma como mundo, como tendo caráter de mundo, pois, “enquanto ser-no-mundo a pre-sença descobre o mundo em seu ser, isto é, ela dá sentido e significância ao mundo e, reciprocamente, é constituída por esta mundanidade do mundo” (FERREIRA, 2013, p. 87). Heidegger afirma que o cumprimento dessa tarefa de acesso parece trivial e que, por isso, acredita-se poder prescindir dela, não levar em consideração o mundo onde o ente se mostra na totalidade, o que, na verdade, é um equívoco, pois em tudo o que se faz, no que se diz, no que se compreende o mundo já está sempre pressuposto e, por isso, deve ser tornado visível. Como a primeira parte de nosso trabalho se concentra mais nesse capítulo, iniciamos nossa discussão aqui discutindo os modos de acesso à mundanidade do mundo e a significância que, como veremos, é o caráter referencial de mundo, estrutura formal da mundanidade onde ele é apropriado em significações, em “modos” ou “comos”, pois enquanto se permanece no simples lidar, absorvido e disperso nas ocupações, mantém-se num mundo cotidiano, impróprio, que se abriu, mas não propriamente.

Diga-se, de antemão, que no acesso ao mundo próprio, à mundanidade não se trata de acessar uma coisa fechada, em que há, de um lado, o que acessa e, de outro, o objeto a ser acessado, um em si. Mas é o próprio movimento dos modos de acessar a pre-sença que é o que pretendemos meditar, ou seja, o caráter dinâmico da existência, de acessar esse caráter da pre-sença. Acesso que se faz hermeneuticamente. Pretende-se clarear que o modo fundamental de existir da pre-sença ocorre num círculo hermenêutico em que as

⁴ Tradução de Marcia Schuback, 2005, 15ª edição.

⁵ Em diversos momentos Heidegger utiliza expressões como “presença humana”, o “ente que nós somos” para referir-se ao homem e diferenciar da pre-sença propriamente dita, do movimento conjunto em que homem e mundo fazem-se reciprocamente.

possibilidades significativas de ser do ente em seu sendo, o compreensível, é articulado em significações e explicitado em conjunturas. O apropriado e o exposto o são em “comos” hermenêuticos. Mas por que, para acessar o mundo, temos que acessar o ente, nos concentrarmos nas “coisas” ou instrumentos?

O instrumento só pode ser o que é num todo instrumental que sempre pertence a seu ser. Quer dizer, um instrumento somente se mostra naquilo que ele é quando referenciado a outros instrumentos em uma totalidade instrumental. Esta totalidade é a própria expressão da mundanidade do mundo. Após 1927, Heidegger abandona o uso do termo “instrumento” e institui o termo “coisa” para se referir a mundo. Segundo ele, “a coisa coisifica no sentido de, como coisa, reunir e conjugar numa unidade, coisificar é aproximar mundo” (FERREIRA, 2013, p. 86).

O instrumento é sendo, instrumentalizando, referenciando-se ao todo instrumental do qual faz parte e aos instrumentos que ele não é. Ele, portanto, reúne nele as diferentes manifestações das “coisas” em seu ser, sendo, reúne em si a totalidade instrumental na qual se insere. O modo de ser do intramundano constitui o “nexo” que, por sua vez, constitui as totalidades, instrumental, referencial, conjuntural, significativa que reúne, antecipadamente, os entes no mundo manifestando sua mundanidade e, cuja reunião antecipada de ser e ente em totalidades, expressam a constituição ontológica do ente como sendo circular (FERREIRA, 2013, p. 89-90). Daí o fato de essas totalidades serem a própria expressão da mundanidade.

Em *A mundanidade do mundo*, terceiro capítulo de *Ser e Tempo*, Heidegger descreve o mundo como fenômeno, como um “mostrar-se a si mesmo”, um “momento estrutural do ser no mundo” (HEIDEGGER, 2005, p. 103). Nos aproximaremos dessa noção de mundo como fenômeno, o que se mostra em si mesmo, com o objetivo de acessá-la. Para tanto, o filósofo alemão alerta que não se trata apenas de listar a configuração, o aspecto do conjunto de entes que simplesmente se dão no mundo, enumerar as “coisas” e amontoá-las, somá-las e, assim, mostrá-las no mundo como se fossem entes dentro de um ente mundo.

O que poderia significar descrever o mundo como “fenômeno”? Seria deixar e fazer ver o que se mostra no “ente” dentro do mundo. O primeiro passo consistiria, então, em elencar tudo o que se dá no mundo: casas, árvores, homens, montes, estrelas. Podemos retratar a “configuração” destes entes e contar o que neles e com eles ocorre. Mas é evidente que isso permanecerá um ofício pré-fenomenológico que, do ponto de vista fenomenológico, não pode

ser relevante. A descrição fica presa aos entes. É ôntica (HEIDEGGER, 2005, p. 103).

Não se trata, portanto, de listar um conjunto de “coisas” que se dão no mundo, de coisas que nos aparecem como casas, mesas, etc. Mundo não é um conjunto de coisas, um somatório de subsistentes que se dão isoladamente para um observador de fora, do ponto de vista fenomenológico. Não se trata de “deixar e fazer ver” o que se mostra “no ente” dentro do mundo, como se houvesse um ente e seu dentro, “nele”, “no” ente e que este estaria “dentro do mundo”, dentro do que está fora dele. Esse modo de descrever o mundo, como sendo uma enumeração de entes que se dão dentro do mundo e buscar neles, em sua “essência”, o que se mostra é o modo pré-fenomenológico de operar e permanece preso aos entes, não chega ao ser do ente. Mundo não é uma coleção de entes, não são relações entre entes. Como, então, acessar o fenômeno do mundo, fenomenologicamente?

Descrever o “mundo” fenomenologicamente significa: mostrar e fixar numa categoria conceitual o ser dos entes que simplesmente se dão dentro do mundo. Os entes dentro do mundo são as coisas, as coisas naturais e as coisas “dotadas de valor”. O seu caráter de coisa torna-se problema; e na medida em que o caráter de coisa das coisas dotadas de valor se edifica sobre o caráter da coisa natural, o tema primário é o ser das coisas naturais, a natureza como tal (HEIDEGGER, 2005, p. 104).

Heidegger segue por outro caminho, diferente daquele que elenca um conjunto de entes dentro do mundo e, com isso, pretende dizer o que é o fenômeno da mundanidade do mundo. Heidegger segue por um caminho de interpretação do ser desses entes, buscando a “categoria conceitual” dos entes que se dão dentro do mundo. Mundo não é um conceito do ser das coisas, dotadas de valor ou naturais, mas questiona-se a coisalidade da coisa. Assim, se as coisas de valor e seu caráter de coisa, sua coisalidade “se edificam” sobre o caráter natural é sobre esse caráter que se deve concentrar a atenção para dizer o que a coisa de valor é, sua “natureza”, sua “essência”⁶. Permanecendo no nível ôntico, as “coisas de valor”, os produtos do espírito, da cultura estariam, em essência, fundados sobre a “natureza”. Deveríamos, portanto, ir para trás da coisa de valor, ao que lhe

⁶ Na tradição metafísica, essência é aquilo que está por trás, o que funda uma suposta aparência, aquilo que aparece. Há, portanto, uma aparência e uma essência, esta é subjacente àquela e que mantém a possibilidade daquela aparecer. Contra essa oposição metafísica entre a essência como pura possibilidade e a existência como aquilo que efetivamente aparece, em nosso caso, a essência (*wesen*) é o próprio aparecer do que aparece. Não há algo por trás, fundando algo fundado, mas o próprio movimento de mostração disso que se mostra, que é a essência disso que se mostra de determinado modo.

fundamenta, alcançar sua “natureza como tal” numa “categoria conceitual” e “fixá-la” supostamente alcançando o fenômeno do mundo e, assim, poderíamos dizer o que ela é, como ele se dá “naturalmente”, “objetivamente”. Heidegger, porém, afirma que também não é por esse meio que alcançaríamos o mundo como fenômeno.

Nem um retrato ôntico dos entes intramundanos nem a interpretação ontológica do ser destes entes alcançariam, como tais, o fenômeno do “mundo”. Em ambas as vias de acesso para o ser “objetivo” já se pressupõe, e de muitas maneiras, o “mundo” (HEIDEGGER, 2005, 104).

Para acessarmos o mundo o caminho não seria, portanto, colecionar entes conforme seus aspectos, num somatório de coisas internas que revelaria o mundo externo; nem buscar o ser desse ente, seu conceito, sua “natureza”, pois em si “a natureza é um ente que vem ao encontro dentro do mundo e que pode ser descoberto, seguindo-se caminhos e graus diferentes” (HEIDEGGER, 2005, p. 104). Em ambos os casos já se pressupõe, de muitos modos, o mundo mantendo-lhe velado e, assim, regendo as investigações e descrições e ele mesmo não sendo acessado, o que revela que a busca pelo fundamento do real fracassa, pois ignora-se os fundamentos da própria busca. Assim, em ambos os acessos se perderia de vista o modo de acessar. Mundo não é, portanto, aquilo que a pre-sença não é, algo oposto a ela.

Quando o filósofo alemão persegue um modo de acessar e descrever o mundo como fenômeno ele pretende alcançar o que está subentendido na questão do mundo, que não é o mundo individual, “subjetivo”, que cada um tem o seu, nem apenas um mundo “comum”, em que cada um de nós, sem dúvida, está, mas que mundaniza. “Mundanidade é um conceito ontológico e significa a estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo. [...] determinação existencial da pre-sença [...], é em si mesma um existencial”⁷ (HEIDEGGER, 2005, p. 105), ou seja, sendo um existencial, a estrutura de um momento constitutivo, a mundanidade determina existencialmente a pre-sença e, portanto, seu mundo. A pre-sença é dinâmica de constituição ontológica de homem e mundo em suas possibilidades conjuntas, é sendo possibilidades de ser, de fundamentar-se, cujo ser está sempre em jogo e, por isso, ela pode, em seu ser, isto é, sendo, escolher-se, ganhar-se ou

⁷ Na tradução que utilizamos, da Márcia Schuback, existencial refere-se a ontológico e existenciário a ôntico.

perder-se (HEIDEGGER, 2005, p. 77-78). Se “mundo” é um caráter da própria pre-sença” (HEIDEGGER, 2005, p. 105), de seu sendo possibilidades de ser, então mundanidade do mundo é a determinação existencial de seu ser, a partir de um momento constitutivo de seu próprio caráter, de ser possibilidades. É um momento de constituição de si, de pôr-se, de realização do real. O caráter de mundo é de ser possibilidades que mundanizam, estruturam a constituição da pre-sença.

O que Heidegger nos diz é que mundano é um modo de ser da pre-sença como mundo e, portanto, um “pressuposto” seu. Mundanidade não é um modo de ser de um ente simplesmente dado no mundo, um intramundano do qual a ontologia tradicional partiu para interpretar o mundo. Intramundano que nesse sentido é também a “natureza” como um “conjunto categorial das estruturas ontológicas de um ente determinado, que vem ao encontro dentro do mundo” (HEIDEGGER, 2005, p. 106). Mundanidade é a determinação existencial das possibilidades de ser da pre-sença, determinação existencial que inclui um modo de compreender a “natureza”. Por isso a “natureza” não poderá tornar compreensível a mundanidade, pois o caráter mundano de seu mundo passaria por cima do fenômeno da mundanidade, tentando compreender o mundo a partir de categorias, conceitos, entes e não de si mesma, do modo como é compreendida. Veremos que a discussão de Heidegger com Descartes segue essa problemática.

Para se “ver o mundo” na estrutura de um momento do fazer-se da pre-sença humana, na mundanidade e para nos encaminharmos para os modos de se ocupar, modos de lidar significativo do homem com os entes, porém, é preciso partir do “modo de ser mais próximo da pre-sença”, ou seja, do ser-no-mundo cotidiano de onde deve-se extrair as estruturas essenciais, as que se mantêm ontologicamente determinantes em todo modo de ser de fato da pre-sença, cujo mundo mais próximo é o mundo circundante.

O mundo mais próximo da pre-sença cotidiana é o mundo circundante. Para se chegar à ideia de mundanidade, a investigação seguirá o caminho que parte deste caráter existencial do ser-no-mundo mediano. Passando por uma interpretação ontológica dos entes que vêm ao encontro dentro do mundo circundante é que poderemos buscar a mundanidade do mundo circundante (circumundanidade) (HEIDEGGER, 2005, p. 107).

Justamente, para se ter acesso à mundanidade do mundo, ou seja, a um momento do

fazer-se da pre-sença humana, ao modo como ela se dá, deve-se tentar acessar aquele mundo mais próximo a ela, o mundo circundante, onde somos na maior parte das vezes e que se encobre quando somos. Partindo do “caráter existencial” do ser-no-mundo, de sua mundanidade mediana, o modo de ser cotidiano que na maior parte das vezes ela é, a investigação busca interpretar ontologicamente os entes que vêm ao encontro dentro do mundo, interpretar o ser dos subsistentes, como estes aparecem à pre-sença e, assim, poderemos acessar a mundanidade do mundo mais próximo à pre-sença, ou seja, obter um conceito ontológico que indicará a estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo que determina existencialmente a pre-sença.

“Próximo” – e distante – é uma noção ligada a espaço e, portanto, o mundo circundante é o “espaço” mais próximo da pre-sença que, na verdade, espacializa. Sabemos, mais uma vez, que não se trata de dualismos, de um próximo “fora” da pre-sença do qual ela tenta se “aproximar”, mas esse “mundo mais próximo da pre-sença” é aquele que lhe constitui de maneira mais significativa, pois o caráter espacial da pre-sença há de ser esclarecido a partir de sua mundanidade e não o contrário, a pre-sença, já estando num espaço, ser esclarecido por ele (HEIDEGGER, 2005, p. 107). Por isso, próximo e distante, a espacialidade do mundo circundante, deve ser compreendida a partir de um momento estrutural do fazer-se da pre-sença humana e não a partir da posição do homem dentro de um espaço homogêneo abstrato constituído *a priori*.

Circundante aponta para uma espacialidade constitutiva da pre-sença e Heidegger a examina distinguindo-a da “tendência ontológica cartesiana” que tentava interpretar o mundo como *res extensa* (HEIDEGGER, 2005, p. 107). Assim, Heidegger intenta discutir a questão do circundante e, portanto, da espacialidade a partir de três etapas e constrói sua noção em contraposição à noção de mundo cartesiana. As três etapas discutidas no mesmo capítulo três de *Ser e Tempo, A mundanidade do mundo*, são: análise da mundanidade circundante e da geral; esclarecimento da análise da mundanidade, por contraposição a ontologia do “mundo” de Descartes; o circundante do mundo circundante e a “espacialidade” da pre-sença (HEIDEGGER, 2005, p. 107). A mundanidade do mundo só nos interessa na medida em que caminhamos para o esclarecimento do “como” hermenêutico, objeto direto deste trabalho. Portanto,

discutiremos brevemente os dois últimos itens e mais detidamente o primeiro, que diz respeito mais diretamente ao nosso trabalho, trazendo elementos dos outros quando esclarecerem nosso objeto.

Heidegger constrói seu conceito de mundanidade do mundo tendo como “ponto de apoio negativo” a ontologia do mundo de Descartes, talvez o mais extremado ponto de partida para o entendimento do mundo que parte de um subsistente (HEIDEGGER, 2005, 134). O mundo, em Descartes, é constituído, “em certo sentido”, pela espacialidade e esta é idêntica à extensão. O “mundo”, portanto, é determinado como *res extensa*. “Descartes distingue “ego cogito” como *res cogitans* da *res corpórea*”, posteriormente levada à distinção entre “natureza” e “espírito”. Heidegger chama a atenção para a ambiguidade de Descartes em tratar o “ser do ente como substância, ou seja, como substancialidade, e o próprio ente como substância” (HEIDEGGER, 2005, p. 135), ambiguidade decorrente do termo grego *ousia*, de acordo com o filósofo alemão. É dentro dessa compreensão ontológica ambígua que Descartes determina o ser dos entes, em que se orienta sua compreensão de ser.

Essa ambiguidade entre substancialidade e substância se estende ao ente criado e ao ente perfeitíssimo (*ens creatum* e *ens perfectissimum*), “mundo” e Deus, respectivamente, em que o segundo caracteriza-se pela não necessidade e o primeiro pela necessidade, necessita ser produzido e conservado. Ora, ambos são entes (*ens*), o que causa uma confusão, abrindo a possibilidade de chamar Deus de criado e o “mundo” ou o homem de Deus, no sentido de caracterizá-los como substancialidade, o ser da substância, fundamento do real. Se afirmamos que “Deus é” e o “mundo” é” essa predicção do ser, “é”, deve indicar um ente, cada vez, com significados diferentes pois, do contrário, haveria a confusão citada em que homem pode ver-se como Deus e este seria rebaixado a um criado.⁸ Ao mesmo tempo, porém, sempre na leitura de Descartes feita por Heidegger, há uma “distância infinita” entre os dois entes. Como tratar tal ambiguidade? Como torná-la mais clara? Heidegger afirma que é preciso que o “sentido que os

⁸ Nessas afirmações, “Deus é” e “mundo ou homem é” revela-se o central do pensamento formalista, o que já se distanciou da linguagem natural, da dinâmica de significações. Quando afirma-se que “Deus é” isso ou aquilo, igualando-o a um ente, já se pressupõe nessa afirmação que se parte de um ente, confundindo-se criação e criador, o ente e aquele que lhe possibilita.

significados “exprimem”” seja esclarecido, pois Descartes, como afirmado, já está numa determinada compreensão de ser e num horizonte de sentido e só pode afirmar que o “ser” não é acessível como os entes” (HEIDEGGER, 2005, p. 140) – como Kant, quando afirma que “ser não é um predicado real” – se já estiver numa prévia compreensão de ser, que é o que deve ser esclarecido.

Descartes, porém, força “a ontologia do “mundo” a entrar na ontologia de um ente intramundano determinado” (HEIDEGGER, 2005, p. 145), a Natureza e apreende, também, o “ser da pre-sença [...] da mesma maneira que o ser da *res extensa*, isto é, como substância” (HEIDEGGER, 2005, p. 144), como constância do simplesmente dado e, assim, veda a compreensão do caráter fundado da percepção e dos comportamentos da pre-sença em detrimento do acesso ao ser pela intuição (*noein*). O filósofo francês acredita, segundo Heidegger, que o acesso ao ser do ente, a via de acesso ao mundo se faz pelo “conhecimento físico-matemático” que permite apreender “aquilo que sempre é o que é” (HEIDEGGER, 2005, p. 142), o que permanece constante. Portanto, partindo do conhecimento matemático, da projeção matemática da natureza, o sujeito que se pensa, cujo ser é substância, constância do simplesmente dado, “justaposto a outra *res extensa* simplesmente dada” (HEIDEGGER, 2005, p. 144) que é o objeto a ser conhecido, encontraria, imediatamente, tal objeto, já compreendido previamente como uma entidade matemática. Heidegger se posiciona contra essa ontologia de Descartes, contra sua teoria do ser que confunde ser com ente.

Quanto ao circundante do mundo e a espacialidade da pre-sença, Heidegger pretende mostrar como o circundante do mundo circundante, ou seja, a espacialidade do ente que vem ao encontro no mundo circundante, vista na circunvisão, funda-se na mundanidade do mundo. Para isso, ele investiga a espacialidade da pre-sença e a determinação espacial do mundo partindo do manual intramundano. Heidegger afirma que:

A condição de possibilidade da pertinência localizável de um todo instrumental reside no para onde a que se remete a totalidade de locais de um contexto instrumental. Chamamos de *região* este para onde da possível pertinência instrumental previamente visualizado no modo de lidar da ocupação dotada de uma circunvisão (HEIDEGGER, 2005, p. 150).

Não há, previamente, um espaço, em que se distribuem os instrumentos, espaço uniforme

e abstrato, no qual os entes se distribuiriam em distâncias objetivamente mensuráveis, mas instrumentos que se constituem num todo instrumental pertinente uns aos outros e cuja orientação possível revela-se no para onde a que se remete os contextos instrumentais denominado de região, visualizado previamente no modo de lidar circunvisivo da ocupação. Do todo instrumental cozinha a mesa segue para a totalidade instrumental Igreja, ambas possibilidades da “mesa” que se abrem nesses contextos instrumentais e cuja região são estes contextos para onde a mesa remete-se e onde é possível que ela seja usada.

Em outras palavras, o circundante é uma “orientação regional de uma multiplicidade de locais” (HEIDEGGER, 2005, p. 150) do que está à mão e é pertinente a ele, ao circundante, numa totalidade conjuntural. O que está à mão no espaço serve para (*Umzu*) a pre-sença humana quando lida familiarmente com os manuais articulados significativamente num contexto conjuntural em seu fazer-se a si. Manuais, cuja orientação circundante numa totalidade conjuntural constitui-se numa unidade espacial de manuais pertinentes, usados e possíveis de serem usados. O ente que vem ao encontro nessa orientação regional de múltiplos locais remete-se aos entes numa determinada totalidade conforme sua manualidade, pois “o que continuamente está à mão não tem um local, pois é previamente levado em conta pelo ser-no-mundo da circunvisão” (HEIDEGGER, 2005, p. 151). Só assim os entes que estão à mão podem ser acessados em sua manualidade por uma pre-sença humana que espacializa na lida familiar em contextos conjunturais.

A pre-sença, portanto, espacializa. “Ela é essencialmente espacial” – ela não entra num espaço prévio em que os entes estão todos em um mesmo grau de proximidade, de familiaridade e de irreflexão, em que deve se subordinar a esse espaço objetivo, onde distribuem-se homogênea e independentemente os sujeitos dos entes, as coisas. Na medida em que ela lida dinamicamente com entes singulares em diversos contextos significativos, orientada pela visão prévia da circunvisão (*Umsicht*), que orienta essa lida nos contextos significativos diversos e que determina o que está distante e o que está próximo.

Por isso as distâncias – medidas conforme a circunvisão da ocupação nesses contextos que dizem respeito à pre-sença humana, não são estritamente objetivas, mensuráveis, apesar de também não serem meramente subjetivas. Lidando com coisas e pessoas por aí a manualidade articula significativamente os entes em contextos conjunturais conforme a circunvisão do circundante de seu mundo. Um instrumento não pertence a um lugar, mas o lugar é que pertence ao ser do instrumento. A totalidade conjuntural é o ser do instrumento e é conjuntamente nessa totalidade instrumental significativa que se constitui a circunvisão da pre-sença, que define o que está distante ou próximo, o que, por sua vez, lhe permite espacializar e, então, encontrar um manual que vem ao seu encontro em seu mundo circundante.

Essa espacialização da pre-sença é constituída pelo distanciamento e pelo direcionamento, constitutivos ontológicos dela. Distanciamento é surgimento de distância e, portanto, de proximidade. Não é a distância “em si”, mas para a pre-sença. A cadeira ou a mesa, distantes da pre-sença humana, por exemplo, podem não ter qualquer significado para ela e, no limite, tratar-se da distância objetiva de dois subsistentes. Não se trata de uma distância entre o homem e o objeto, o simplesmente dado ali fora, a cadeira, a mesa, o caderno de modo que possamos medir tal distância com régua ou qualquer outro instrumento de medição objetiva.

“O distanciamento descobre a distância [...] dis-tanciar é, de início e sobretudo, uma aproximação dentro da circunvisão, isto é, trazer para proximidade, no sentido de [...] ter a mão” (HEIDEGGER, 2005, p. 153), ou seja, o que está “a mão” não é o que está na mão física, preso entre os dedos, mas espacialmente, significativamente “próximo”. Ou seja, numa distância, dentro de um espaço criado pela pre-sença. Só no distanciamento, ou seja, na descoberta da distância no cotidiano, é que há espaço e possibilidades de afastar e aproximar os entes, isto é, descobrir seu mundo. As coisas que não afetam, não são significativas à pre-sença, sequer se deixam espacializar por ela, não estão distantes, próximas “dela”, não estão em seu espaço ontológico. O distanciamento é guiado pela circunvisão na cotidianidade, visão que se move em totalidades instrumentais significativas familiares e, assim ela “descobre o ser-em-si do “mundo verdadeiro”, isto é, de um ente junto ao qual a pre-sença, existindo, já sempre está (HEIDEGGER, 2005,

p. 155).

Já quanto à dinâmica de direcionamento, na constituição do espaço, isto é, do direcionamento e do dis-tanciamento, ambos surgem conjuntamente numa região em que se move a compreensão circunvisiva espacializadora, que dis-tancia e direciona a presença deixando surgir seu mundo.

Toda aproximação toma antecipadamente uma direção dentro de uma região, a partir da qual o dis-tanciado se aproxima para poder ser encontrado em seu local. A ocupação exercida na circunvisão é um dis-tanciamento direcional. Nessa ocupação, isto é, no ser-no-mundo da própria presença, já se dá previamente a necessidade de “sinais”; é esse instrumento que assume a indicação explícita e facilmente manuseável das direções. É ele que mantém expressamente abertas as regiões utilizadas na circunvisão, cada destino do pertencer, o encaminhar-se, do ir buscar e levar. Sendo, a presença, na qualidade de um ser que distancia e se direciona, possui uma região já desde sempre descoberta. Assim como o dis-tanciamento, o direcionamento é conduzido, previamente, como modo de ser-no-mundo *pela circunvisão da ocupação* (HEIDEGGER, 2005, p. 157).

É do direcionamento que surgem as direções esquerda e direita. Por espacializar, a presença não pode atravessar essa distância, pois ela sempre cria distâncias. Não são distâncias objetivas, nem mesmo quando a presença humana pega a coisa ela elimina a distância entre ela e essa coisa, pois essa “coisa” já é ela mesma em seu sendo, já é a presença, sua projeção significativa que retorna para si como um poder ser fático que lhe consuma. Direita e esquerda são “direções do direcionamento”, sendo o direcionamento o mais originário. Heidegger, como exemplo, observa que o manual que tem de realizar os mesmos movimentos da mão, por exemplo, uma luva, segue essa direção, esquerda e direita e, por isso há luvas esquerdas e direitas, pois deve adequar-se às necessidades, às finalidades.

Porém, o filósofo alemão alerta que o martelo, por exemplo, não segue a divisão direita e esquerda, pois sua projeção, a constituição da presença sendo no mundo, já fez com que ela abrisse possibilidades, que não se pré-determinam às duas indicadas. E isso só pode ser feito porque o mundo já se deu a presença humana como possibilidades significativas que, em conjunturas, tornam-se “possibilidades possíveis”. O mundo mundanizou. A presença humana projeta essas possibilidades e, assim, espacializa, portanto, realiza distanciamentos e só posteriormente as direções direita e esquerda, pois essa própria

divisão funda-se em possibilidades de uma pre-sença humana que é junto ao mundo, já se apropriou do dado e “externalizou” o apropriado, pois o homem já é “fora”, é o aberto, o livre, “voltado” para “fora”, “fora” que, na verdade, é um “dentro”, “fora” e “dentro” que são constitutivos ontológicos da pre-sença.

Percebe-se, assim, que a pre-sença é espacial e abre espaços, pois o espaço nem está no sujeito nem o mundo está no espaço, mas apenas quando a pre-sença espacializa, lida articulando significativamente um todo instrumental é que descobre-se o espaço e ela só se subordina a espacialidade da manualidade se ela mesma, a pre-sença, for espacial. A compreensão circunvisiva, portanto, constitui-se sempre totalizando os diversos contextos significativos em que a pre-sença se move, contextos que constituem o ser dos manuais particulares com os quais lida e que, desde sempre, utilizou em sua serventia tornando-se familiar, irrepresentável, não se reduzindo a um aspecto, a uma representação e, por isso, não se pré-determinando em suas possibilidades.

Em resumo, mundanidade do mundo é um momento estrutural do ser-no-mundo e um caráter da pre-sença e a espacialidade liga-se ontologicamente a ele. A utilizabilidade ou manualidade, sendo um exercício de uso nos modos em que o instrumento revela-se por si mesmo remetendo-se a totalidade instrumental, dinâmica de utilização do ser-em-si do instrumento singular, nesse manejo do singular conforme aquilo que ele é – e ele só é no todo –, já se pressupõe o mundo nos diversos contextos instrumentais. Sendo no uso possível aberto na projeção da pre-sença, o instrumento utilizado impõe-se como possibilidades determinadas a essa mesma pre-sença humana que o manuseia e é por isso que ele “revela-se por si mesmo”, espacializando na totalidade instrumental significativa, revelando suas possibilidades determinadas nessa totalidade significada primariamente, imediatamente apreendida. Essas “possibilidades determinadas” são “algo” já compreendido, importante para o esclarecimento da noção de “como” feita no segundo capítulo, que fazem parte dessa estrutura prévia da compreensão constituída historicamente e que orienta e se expõe quando do manejo com o instrumento singular, esse martelo, essa mesa, esse lápis como significados vivenciados em modos numa significância.

Na manualidade, no modo de lidar com os entes singulares, em que já está pressuposto o mundo circundante, torna-se visível a circunvisão que compreende. Essa circunvisão (*Umsicht*) se subordina à totalidade significativa dos modos de lidar com o instrumento particular conforme seu ser para... (*Um-zu*), conduz previamente o distanciamento e o direcionamento espaciais na espacialização, orienta a pre-sença no mundo circundante, orientação que é “regulada a partir do uso, do manuseio” (HEIDEGGER, 2005, p. 150) do manual em seu ser, isto é, sendo naquela totalidade significativa dada, circunvisão, visão do todo circundante que permanentemente totaliza, incluindo-se a si próprio no todo que visualiza. Portanto, espacializando, a pre-sença faz-se, revela seu “caráter”, a mundanidade de seu mundo como um momento estrutural seu sendo, fazendo-se.

Assim, diferentemente da visão cartesiana de mundo, cuja ontologia partiu de um ente intramundano, a natureza, e alinhado com a espacialidade da pre-sença e o circundante do mundo circundante, convergentes na circunvisão numa totalidade instrumental como região previamente vista e que é a possibilidade de pertinência instrumental em contextos instrumentais espaciais, que revela o caráter espacial da pre-sença, no acesso ao fenômeno do mundo, Heidegger afasta a possibilidade de se fazê-lo por uma ontologia de um subsistente e afirma a necessidade de se considerar essa intersecção entre espacialidade da pre-sença e o circundante do mundo circundante na circunvisão.

Retornando à primeira etapa das três ditas anteriormente, para o esclarecimento do fenômeno do mundo, terceiro capítulo de *Ser e Tempo*, uma das diretrizes para se ter acesso a mundanidade do mundo é buscar interpretar ontologicamente os entes, interpretar o ser dos entes que vem ao encontro na mundanidade do mundo circundante, partindo de um intramundano tomado de modo pré-temático, mas não fundando-se nele. A demonstração fenomenológica do ser desses entes faz-se:

[...] pelo fio condutor do ser no mundo cotidiano, que também chamamos de *modo de lidar* no mundo e *com* o ente intramundano. Esse modo de lidar já sempre se dispersou numa multiplicidade de modos de ocupação. Como se viu, o modo mais imediato de lidar não é o conhecimento meramente perceptivo e sim a ocupação no manuseio e uso, a qual possui um “conhecimento próprio” (HEIDEGGER, 2005, p. 108).

Com o intuito de obter uma “visão” que permita “conhecer” o ser dos entes que vem ao

encontro na ocupação, o ente pré-temático que vem ao encontro no mundo circundante, o que é visualizado pré-tematicamente por um “conhecimento” fenomenológico do ser, “conhecimento” que não é o de propriedades entitativas dos entes, mas o que busca a estrutura de ser desse ente, seu sendo, da compreensão dinâmica que se obtém do compreendido, Heidegger propõe que comecemos pelo modo de lidar com os entes intramundanos, no modo do manuseio, da manualidade na ocupação, que é significativo, pois “[...] a mundanidade do mundo [é] um “significar” vivo movendo-se em uma totalidade de relações de sentido” (DUBOIS, 2004, p. 30), ocupação que é onde “a presença encontra de saída “a si mesma” naquilo que ela empreende, usa, espera, resguarda – no que está imediatamente à mão no mundo circundante” (HEIDEGGER, 2005, p. 170). Discutiremos esses modos de lidar, a manualidade, juntamente a partir de onde ela é possível, na significância.

1.2. Lida (*Umgang*) e Significância (*Bedeutsankeit*): a lida significativa

Para alcançar a visão que permita conhecer o ser dos entes que vem ao encontro na ocupação seguindo o fio condutor dos modos de lidar, investigaremos a lida e a significância, pois a ação de lidar já é significativa, “[...] el ámbito del primario encuentro del hombre con las cosas es de índole significativa [...]” (BAY, 1998, p. 77), âmbito que será aberto na compreensão (*Verstehen*), cujo caráter de projeto abre um campo atemático significativo de ação em que se compreende “algo”. A compreensão projetiva será discutida no próximo capítulo. Já a significância, cujo caráter familiar, impessoal, de abertura e de manifestação de mundo, é o modo em que a mundanidade do mundo se dá à compreensão como sendo suas remissões referenciais constitutivas e que permite compreender algo como algo, permite a exposição formal do mundo e onde são possíveis as significações. Veremos que a lida já deve ser significativa, pois o único modo de lidar com entes particulares é acessá-los significando nessa significância já aberta e articulada.

Pois bem, a presença humana se ocupa na cotidianidade com instrumentos para atingir seus fins práticos e realizar suas possibilidades. Puxando, empurrando, produzindo,

manuseando age praticamente conforme as finalidades singulares dos instrumentos na ocupação, que é o poder ser da pre-sença humana como possibilidades antecipadas, poder ser levado a efeito quando me ocupo (*Besorgen*)⁹ com o outro ente, outro a partir do qual a pre-sença humana se faz, se expõe na cotidianidade, outro num todo significativo com sentido. É ação prática, lida com coisas úteis que fazem parte de seu ser, fazem parte da própria *ek-sistencia*, modo de objetivar o subjetivado, ação num horizonte atemático de sentido possível antecipado como abertura em que a pre-sença pode ser, horizonte significativo chamado de significância.

Sendo o ser da pre-sença possibilidades¹⁰, a pre-sença humana em suas ações práticas visa, nesse horizonte de constituição de si, fazer-se como possibilidades nos modos como se expõe hermeneuticamente, possibilidades que se ocultam quando das práticas finalísticas com os instrumentos particulares e que, por se ocultarem, permanecem silenciosamente vigorando, possibilitando. Heidegger afirma que a pre-sença “está sempre nesse modo cotidiano quando, por exemplo, ao abrir a porta faço uso do trinco”, ou seja, nas vivências cotidianas banais, mais comuns, é ali que a pre-sença está “avivada”. Nas ocupações cotidianas que prescindem de qualquer teoretização para serem “conhecidas” na medida em que já são reconhecidas, tão imediatas para a pre-sença humana que a constituem não precisando, por exemplo, de mediações reflexivas para abrir uma porta, para lidar com ela. Neste caso, o trinco apareceu “como” algo para abrir a porta, em função de minhas vivências, “abrir” que determinará conjunturalmente o modo de ser do homem frente ao do trinco.

Quando uso o trinco para abrir a porta, ao invés da dobradiça ou ao invés de dar socos na porta para que ela abra, já possuo um certo “conhecimento” de como lidar com essa

⁹ *Besorgen* significa “ocupación, preocupación (o inquietud), ocuparse” e é um dos modos de atualização do cuidado (*Sorge*) da pre-sença quando de seu relacionamento prático ou teórico com o que lhe vem ao encontro no horizonte em que se faz, ou seja, a ocupação possibilita, pois é anterior, todo tipo de relacionamento teórico e prático do “ente que nós somos” com o mundo. Numa circunvisão compreensiva, a ocupação é o relacionamento possível com o que lhe vem ao encontro na conjuntura quando da realização fática das possibilidades da pre-sença. Expressa “[...] uno de los modos de actualización del “cuidad” (*Sorge*) que consiste principalmente en la relación tanto practica como teórica que el *Dasein* establece con los entes que comparecen en el mundo.” (ESCUADERO, 2009, p. 57).

¹⁰ Possibilidades, aqui, referem-se às possibilidades existenciais da pre-sença, ou seja, na medida em que sua existência é um modo de ser na compreensão ser, a compreensão de ser abre suas possibilidades fáticas de ser. Essas possibilidades existenciais da pre-sença estão em sua existência, em seu pré, de onde acontece seu ser. O “ente que nós somos” se essencializa na compreensão de seu próprio ser, sendo o que ele é na instância existencial de seu aparecimento. O ser desse ente está no que somos a cada vez e em cada momento e sempre somos o que estamos sendo.

porta, “conhecimento” prévio que impõe um horizonte de uso à pre-sença humana que é obrigada a ter determinado comportamento em relação ao ente, cujo ser projetado abre determinadas possibilidades de uso. É por isso, também, que a pre-sença está viva nessa lida circunvisiva, pois é o modo de lidar mais familiar e irrefletido com os entes que vem ao encontro dela e não ao modo teórico. Ela já recebe um mundo compreendido, um mundo significativo e cuja dinâmica de encontros significativos e da construção de si da pre-sença num horizonte de sentido, em suas projeções cotemporalizadas, possibilita a interpretação do que vem ao encontro de modos diversos.¹¹ A circunvisão que compreende, a compreensibilidade está viva na lida, guia a lida e contribui para sua cotemporização, e é nessa circunvisão que vê porque já viu, já compreendeu, que “o assunto próprio da lida se apreende”, pois “já oferece à vida um mundo interpretado” (HEIDEGGER, 2002, p. 36-37). Esse “conhecimento”¹² relaciona-se com o todo instrumental em que a porta remete-se à janela, ao sofá, à parede, aos lados de dentro e de fora, ao homem, etc., remissões de significações.

Heidegger chamará de instrumento o que os gregos interpretaram como “coisa”. E, buscando acessar o fenômeno da mundanidade do mundo, Heidegger problematiza e trata dessa concepção de “coisa”, afirmando que, apesar de os gregos terem um termo adequado para isso, esqueceram, justamente, a dinâmica histórica de aparecimento da “coisa”. A tomaram num sentido já dado, o que possibilitou a compreensão do ente como “coisa”.

Os gregos possuíam um termo adequado para dizer as “coisas”: *pragmata*, isto é, aquilo com que se lida (*práxis*) na ocupação. Eles, no entanto, deixaram de esclarecer ontologicamente, justamente o caráter “pragmático” dos *pragmata*, determinando-os “imediatamente” como “meras coisas” (HEIDEGGER, 2005, p. 109).

Retornamos a problemática já levantada anteriormente, sobre “coisas naturais” e “coisas de valor”, dotadas de valor, ambas coisas intramundanas. Heidegger mostra que o caráter

¹¹ A pre-sença só lida de modos diversos com instrumentos particulares (mesa, cadeira, sinal etc, por exemplo, com a mesa como objeto de cortar alimentos na cozinha e altar sagrado na Igreja) porque já possui em si tais possibilidades, já é essas possibilidades significativas o que lhe permite navegar em conjunturas diversas num horizonte de sentido e, a partir delas, significar. Não há uma normatividade em seu comportamento, mas possibilidades.

¹² Conhecimento, aqui, não se trata de conhecimento ao modo da teoria do conhecimento, de um sujeito que conhece, representa o objeto.

de coisa, de um ou de outro, é problemático e a coisalidade da coisa, o modo como a coisa é mostrada na lida na conjuntura há de ser esclarecida. Os gregos determinaram de modo “imediativo” os entes como meras coisas e, assim, deixaram de esclarecer o que faz com que o *pragmata*, a coisa seja uma coisa, deixaram de esclarecer o que faz com que a coisa seja o que é, a “essência” da coisa. A pre-sença, relacionando-se com seu sendo, faz com que a coisa torne-se coisa. O que faz com que a coisa seja é seu caráter de coisalidade, de ter sido aberta em possibilidades em função das possibilidades da presença. Uma dessas possibilidades é a de descobrir “algo” como coisa, que foi o que os gregos fizeram, sem se perguntar sobre as possibilidades conjuntas que o tornam uma coisa. Na sua tarefa de inaugurar a filosofia, a fundamentação teórica e crítica do real, os gregos, questionando o ser do ente, confundiram ser com ente quando nomearam o fundamento do real de Ideia, causa incausada deixando de levantar que essas são possibilidades que surgiam para eles naquele momento de fundação da filosofia.

Heidegger chamou a “coisa” com que se lida, que vem ao encontro na ocupação, de instrumento, o ente pré-temático que vem ao encontro na ocupação no mundo circundante. Um instrumento remete-se a um todo instrumental do qual ele faz parte e onde reside seu sentido e, por isso, um instrumento nunca é, ele está sendo conforme as conjunturas. Com isso Heidegger parte do intramundano para avançar ao nível ontológico.

Designamos o ente que vem ao encontro na ocupação de instrumento. No modo de lidar por aí, encontram-se instrumentos de escrever, de medição, de costura, carros, ferramentas. Trata-se, pois, de expor o modo de ser do instrumento. Essa exposição acontece seguindo-se o fio condutor de uma delimitação prévia daquilo que faz de um instrumento, instrumento, ou seja, da instrumentalidade. Rigorosamente, um instrumento nunca “é”. O instrumento só pode ser o que é num todo instrumental que sempre pertence a seu ser. Em sua essência, todo instrumento é “algo para...”. Os diversos modos de “ser para (*Um-zu*) como serventia, contribuição, aplicabilidade, manuseio constituem uma totalidade instrumental (HEIDEGGER, 2005, p. 110).

Se mantendo na crítica aos gregos, de não terem atentado à coisalidade da coisa, ao que lhe possibilita, Heidegger afirma que a coisa, um instrumento nunca é, só é sendo, referenciando-se a uma totalidade instrumental. O instrumento é possibilidade, e é sendo nessa totalidade que constitui seu ser. O “ser em si” do instrumento é sendo num todo instrumental, sendo para (*Umzu*) isso, para aquilo, ou seja, seu ser é dinâmica de uso

conforme sua função nesse todo, totalidade instrumental que “pertence ao ser” do instrumento singular. Nessa dinâmica, a lida com o instrumento particular, cujo ser pertence a totalidade instrumental, o instrumento não é apreensível enunciativamente, teoricamente, não é determinado, não tem forma, é apenas compreensível. O manejo com o instrumento, portanto, sempre refere-se a essa totalidade instrumental. Importante para nossos objetivos é esse ser possibilidades do instrumento em vista das possibilidades da pre-sença de ser, instrumentalidade que não é delimitada, mas surgimento para isso ou aquilo em referência às possibilidades da pre-sença, à manifestação das possibilidades de ser conjuntas de homem e mundo.

Uma mesa na cozinha refere-se à alimentação, é para suportar os alimentos, serve para acomodar cadeiras em seu entorno, etc.. Uma mesa na Igreja, que serve para suporte ao padre para que ele coloque a hóstia e o cálice, em cujo entorno estão imagens religiosas, fiéis, etc. Sua possibilidade de utilização refere-se a um conjunto de outros instrumentos em que cada um remete-se a todos os outros e esse conjunto de referências constitui o modo de ser do instrumento singular, faz parte de seu ser, daquilo que ele é. Referências que também apontam para o ente que somos que se faz nesses entornos, o cozinheiro, o cristão. Rigorosamente o instrumento singular nunca é, ele está sempre sendo para isso ou para aquilo, servindo para isso ou para aquilo. O prévio na caracterização do instrumento singular é sempre o todo, no caso, a totalidade instrumental e, a partir daí, podemos dizer o que é o singular.

Nessa lida com o instrumento singular, para isso ou para aquilo, permanecemos buscando acesso ao mundo circundante que se faz no modo de lidar cotidiano, familiar, irrefletido com os instrumentos na totalidade instrumental, permanecemos investigando o ser do ente a partir do modo de lidar cotidiano, com o ente pré-temático que é usado, produzido e que, por ser fenomenológico, “aspira primordialmente o ser” (HEIDEGGER, 2005, p. 108). Essa “cotidianidade mediana” é o modo em que a presença “de início e na maior parte das vezes se dá” (HEIDEGGER, 2005, p. 79), no modo em que na maior parte das vezes a presença humana se dá suas possibilidades de ser faticamente, em seu modo indeterminado de ser, sem partir “de uma determinada ideia de existência” que dirija previamente o olhar e determine a cotidianidade da presença

de fora. Sem determinar a essência do homem de modo prévio, mas, porque essa “indiferença da cotidianidade não é um nada negativo, mas positivo” (HEIDEGGER, 2005, p. 108). É preciso descobrir a pre-sença no modo como é suas possibilidades na maioria das vezes.

Esse modo em que se é na maior parte das vezes da cotidianidade mediana, cotidianidade histórica será encoberto quando do predomínio da ocupação com a comunicação, com o mundo compartilhado, onde a convivência se dá e de onde surge a predicação em que parte-se de um aspecto do ente para determiná-lo e, assim, comunicá-lo. A cotidianidade, portanto, será encoberta pelas objetivações, pelas positivações encobridoras do nada positivo. Mas também será, ao mesmo tempo, para onde deve retornar toda analítica existencial para que, a partir dessa cotidianidade histórica e compartilhadamente constituída, revelar o horizonte de ser da pre-sença, o horizonte de suas possibilidades “avivadas” na prática. Nos diversos modos de lidar com o instrumento, o que se “[...] encobre é, sobretudo, o ente tal *como* ele, a partir de si mesmo, vem ao encontro *na* ocupação e para ela” (HEIDEGGER, 2005, p. 109). Permanece encoberto, portanto, na cotidianidade mediana o modo “como” o ente, a partir de si mesmo, isto é, sendo, vem ao encontro na ocupação, os “comos” de suas possibilidades.

Para que esses instrumentos apareçam para mim em seu sendo, para que esse mundo no qual lido com instrumentos numa totalidade instrumental seja acessível por mim, mundo circundante, irrefletido e, portanto, mundo pré-temático, em que os simplesmente dados se dão de algum “modo”, em “comos” (*Als*), no qual a pre-sença humana se faz conjuntamente com os outros entes é preciso que os instrumentos refiram-se ao ser da pre-sença num modo de lidar conjunto, que o sendo do instrumento, suas possibilidades de uso, sejam em função do ser da pre-sença. A pre-sença, existindo, já está fazendo-se pré-predicativamente junto aos entes. Nos diversos modos de lidar que se dispersam em ocupações e preocupações, com coisas e pessoas, já se revela esse modo de lidar conjunto que faz com que o ente se encubra em seu “modo” de ser, em suas possibilidades, que faz com que esse ente apareça “como” algo, indefinido, pois não é determinado, conceituado, mas é compreensível. Heidegger chamou esse surgimento conjunto dos que se fazem, dos que se expõem de conformidade ou conjuntura (*Bewandtnis*).

Lidando numa totalidade instrumental com o instrumento singular, tal modo de lidar refere-se ao ser da pre-sença, ao seu sendo, “indica a remissão do instrumento ao ser” da pre-sença (OLIVEIRA, 2014, p. 3). Sendo, vivendo, lidando, experienciando o mundo a pre-sença faz-se, se expõe, o ser do homem constitui-se na dinâmica de suas ocupações e preocupações em seu mundo, refere-se a tudo àquilo com que ele se ocupa e se preocupa, lidando com particulares que são mostrados quando da ocultação do todo que lhe possibilita. Lidando com a cama, o guarda roupa, as colchas, em seu modo de lidar, o homem revela-se como projeto, seu sendo como os fins daquele todo instrumental antecipado, como poder ser junto aos instrumentos. A cama refere-se a seu “ser em si” – da cama – pois este ser em si, a totalidade instrumental, tornou-se acessível ao ser do homem que lida com a cama, pois ela refere-se a seu ser, a seu sendo, a sua compreensão projetiva de significados. A pre-sença abre os entes que se descobrem na conjuntura, quando o ente que somos realiza seu modo de ser junto aos entes que descobriu em suas possibilidades de ser. A significação (*Bedeutung*) surge na lida, nessa relação entre o homem e os entes fazendo-os encontrarem-se, um para o outro, e os constituindo nessa relação, manifestam-se juntos naquilo que significam.

O ente, a cama, referindo-se a totalidade instrumental da qual faz parte seu ser, totalidade referencial que é o ser da cama, quando apropriada pela compreensão, é reenviada a esse todo instrumental, se relançando permanentemente e, assim, reunindo os modos distintos do ente, como simplesmente dado e como manual na manualidade, “totalidade de reenvios que reúne o ente e o ser em sua diferença ontológica” (FERREIRA, 2013, p. 91), em sua dinâmica de ser sendo, referenciando, reenvio realizado pela pre-sença, pois os entes em seu ser, na totalidade, só são em função da pre-sença, são para suas finalidades, seu projeto.

O instrumento singular, portanto, em seu ser, imerso em sua totalidade referencial, tornou-se acessível à pre-sença humana, pois tal totalidade refere-se ao seu sendo, o fazer-se de si na relação consigo mesma, na relação da pre-sença com seu sendo, com seu mundo. O ente que somos e os entes com os quais lidamos fazem-se conjuntamente, quando o homem abre significados a partir dos quais os entes surgem em suas possibilidades significativas e que, nas conjunturas, ambos surgirão em suas significações. O

marceneiro como aquele que trabalha na marcenaria, o açougueiro no açougue lidando com os instrumentos relativos a essa atividade. A significação liga a ação de lidar com o respectivo instrumento no todo instrumental, lida significativa na medida em que a significação refere, significa, pois, quando a pre-sença compreende o instrumento ela já compreendeu a si mesma e a partir de si mesma é que ela pode significar o instrumento. Como afirma Dubois (2004, p. 30) no mundo familiar, cotidiano “[...] significo-me a mim mesmo para mim mesmo do ponto de vista de minhas possibilidades descobertas diretamente do ente intramundano [...]”, possibilidades abertas pela pre-sença e desenvolvidas nas conjunturas circunvisivas quando a pre-sença compreende o intramundano em seu ser e, portanto, compreende-se a si mesma sendo. Também disse Heidegger (2005, p. 43) “[...] a pre-sença tem a tendência de compreender seu próprio ser a partir daquele ente com quem ela se relaciona e se comporta de modo essencial, primariamente e continuamente, a saber, a partir do “mundo”.¹³

Assim, a lida com o instrumento singular em remissões referenciais torna tal instrumento um manual, remissões referenciais que constituem a manualidade do manual, o instrumento que desencobre-se para a pre-sença. Manualidade, utilizabilidade ou disponibilidade (*Zurhandenheit*), dependendo da tradução, é “[...] o modo de ser do instrumento em que ele se revela por si mesmo [...] o “ser-em-si” do instrumento que não simplesmente ocorre, mas exercita-se seu uso (HEIDEGGER, 2005, p. 111), ou seja, o manuseio do instrumento que refere-se permanentemente às remissões referenciais onde ele está é sua manualidade, seu “ser-em-si”, o ser do manual, em que ele revela-se por si mesmo. Manualidade é a dinâmica de utilização do instrumento singular, manejo do singular conforme aquilo que ele é e ele só é em função da pre-sença no todo das remissões referenciais na conjuntura.

A manualidade revela que o ente instrumento guarda em seu ser o caráter de referência aos outros entes com os quais se relaciona sendo no uso, manual que, como ente remete-se aos outros entes em seu ser e que só se pode dizer que manual é esse, só se pode definir o

¹³ “En la hermenéutica se configura para el existir una posibilidad de llegar a [*comprenderse*] y de ser ese [*comprender*]. Ese [*comprender*] que se origina en la interpretación el algo que no tiene nada que ver con lo que generalmente se llama entender, un modo de conocer otras vidas; no es ningún actuar para con... (intencionalidad), sino un como del existir mismo.” (HEIDEGGER, 2000, p. 33).

manual a partir da referência que faz ao todo instrumental ao qual se refere. Assim, o manual está, ao mesmo tempo, dentro e fora de si, é um ente, mas só é se referenciar ao outro que ele também é, como ente, e nessas referências constituir seu ser, seu sendo. Assim também é com a pre-sença que, compreendendo o ente em suas remissões referenciais às quais se atém a compreensão, já está nas remissões referenciais significativas da significância, no mundo, isto é, consigo mesma. Como diz Heidegger (2005, p. 101):

em seu modo de ser originário, a pre-sença já está sempre fora, junto a um ente que lhe vem ao encontro num mundo já descoberto [...] nesse “estar fora”, junto ao objeto, a pre-sença “está dentro” [...] Quando, em sua atividade de conhecer, a pre-sença percebe, conserva e mantém, ela, *como pre-sença, permanece fora*.

A pre-sença permanece “dentro”, ou seja, “fora”, em remissões referenciais¹⁴, quando, apropriando-se do compreendido, compreende ser, remissões nas quais o ente vem ao encontro, tornou-se compreensível. Esse todo, agora, portanto, é um todo de remissões referenciais, pois as remissões, onde o instrumento é na familiaridade pré-predicativa dos modos de se ocupar, refere-se ao sendo compreensivo projetivo da pre-sença, modos de se ocupar em que a pre-sença sempre encontra, de saída, a si mesma no que usa, espera, guarda (HEIDEGGER, 2005, p. 170).

Veremos no próximo capítulo, que a compreensão abre significados a partir de onde os entes surgem em suas significações possíveis para a pre-sença e, assim, abre possibilidades fáticas, efetivas de lidar, lidar compreensivamente em remissões referenciais significativas. Por exemplo, a mesa, em seu significado de acordo com o todo a partir do qual se lida com ela, pode ser para (*Umzu*) cortar alimentos na cozinha ou ser usado para colocar hóstias no altar da Igreja¹⁵ ou ainda pode ser aquilo em torno do qual encontramos os amigos num momento de alegria ou aquilo sobre o qual cortei meu dedo quando cortava os alimentos, cozinha, Igreja, etc, totalidades significativas já antecipadas em que a pre-sença cotidianamente, impropriamente sempre é e lhe constitui mais profundamente, lhe aparecendo como “natural”, “objetivo” que o homem possa por

¹⁴ Seguimos a proposta de Fonseca (2013, p. 100) quanto a diferença entre referência (*Verweisung*) e remissão (*Bezug*): “[...] a referência é sustentada de modo mais específico entre entes intramundanos na manualidade, inclusive sinais, a remissão é sustentada entre tais entes e a conjuntura que lhes é pertinente, o arcabouço ontológico a partir do qual o ente pode ser compreendido como aquilo que ele é.”

¹⁵ O princípio da não-contradição diz que duas proposições contraditórias não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. Por exemplo: "A é B" e "A não é B". Essas proposições são mutualmente exclusivas. Ela, porém, nada diz sobre a possibilidade de a mesa ser também, altar, nada diz das possibilidades inerentes aos entes.

exemplo, cortar alimentos na cozinha, não na Igreja.

O “caráter ontológico do manual é a conjuntura, como dissemos, [onde] algo se deixa e faz junto” (HEIDEGGER, 2005, p. 128) e, portanto, é a “condição ontológica” para que o intramundano seja determinado, pois tornou-se acessível ao homem por se deixar e fazer junto com os outros entes. Na conjuntura, os entes possuem um para quê e o “o para quê” (*Wozu*) primordial é um estar “em função de” (*Worumwillen*) [...] “em função de” (*Umwillen*), porém, que sempre diz respeito ao ser da pre-sença que, sendo, está essencialmente em jogo seu próprio ser (HEIDEGGER, 2005, p. 129), autotelia da presença, em vista de seu mundo familiar (*Um*). Esse “em função de”, a autotelia da presença, refere-se ao “sobre o que” (*Worüber*), o falado na fala, o mundo significativo ao qual refere-se quando fala, é em função dela. No todo das remissões referenciais conjunturais os entes são sempre em função do ser da pre-sença, de suas possibilidades. Na relação entre homem e coisas, estas são para o homem, servem para seus fins nos quais essas “coisas” se abriram e que nessa relação o próprio homem se constitui, por exemplo, o açougueiro cortando carne no açougue, o padeiro fazendo pão, o estudante lendo e que o mesmo homem pode cortar carne, fazer pão e ler, casos em que será determinado pela conjuntura. “Em função de” sempre diz respeito ao ser da pre-sença que, sendo, está essencialmente em jogo seu próprio ser” (HEIDEGGER, 2005, p. 129).

Conjuntura é o ser dos entes intramundanos em que cada um deles já, desde sempre, liberou-se. Junto com ele, enquanto ente, sempre se dá uma conjuntura. O fato de se dar uma conjuntura constitui a determinação ontológica do ser deste ente e não uma afirmação ôntica sobre ele. [...] A partir da totalidade con-juntural, sempre se delineia que conjuntura se dá com um manual. A totalidade conjuntural que constitui, por exemplo, o manual em sua manualidade numa oficina é “anterior” a cada instrumento singular, da mesma forma que a totalidade conjuntural de uma estância com todos os utensílios e apetrechos (HEIDEGGER, 2005, p. 128-129).

Na conformidade ou conjuntura (*Bewandtnis*) padaria, por exemplo, padeiro e forno são entes e, portanto, identificam-se, referem-se em seu ser, mas o ente que somos abriu o forno em sua significação, pois ele, em seu ser, se compreendeu e, assim, abriu o ser do ente com o qual lida, compreendeu-se como padeiro frente ao forno aberto em seu ser por ele e compreende-se nessa diferença de ser e ente, o ser projetivo que é e que abre esse ente, como ente, em seu ser, o ente na totalidade. O padeiro, afirmando que o forno é, abriu esse ente em seu sendo, na totalidade remissional a partir da qual o forno é, no

mundo no qual o padeiro também é, abre-se em seu ser. É na conjuntura que o homem e os outros entes são, em conjunto, referenciam-se como entes em seu ser, sendo nessas referências. A dinâmica de referências dos entes refere-se à dinâmica de ser da pre-sença. Só são descobertos nessa dinâmica, não como objetos fixos. Só são na permanente conjuntura com outros entes e referindo-se ao ser da pre-sença.

O martelo é descoberto no martelar, na manualidade do instrumento martelo nas remissões referenciais. O exercício do martelar nas remissões referenciais são mais originárias e fundam a enunciação sobre o martelo. Não preciso saber o que é o martelo para, depois, usá-lo. Não preciso conhecer suas propriedades e, então, utilizá-lo. Na verdade ocorre o contrário e a possibilidade de dizer o que o martelo “é” é apenas uma das possibilidades existentes, pois para manusear o martelo simplesmente se usa na conjunção dos fins práticos particulares com as possibilidades que se visa, não se destrincha suas propriedades para, só então, utilizá-lo. Dizer o que o “martelo é” é reduzir suas possibilidades abertas em função das possibilidades da pre-sença a um de seus aspectos. Ao invés dele aparecer “como” sendo isso, “como” sendo para aquilo, “como” sendo o instrumento com o qual apoiei objetos, “como” sendo o instrumento que coloquei abaixo da cadeira para nivelá-la, “como” sendo brinquedo com o qual meus filhos brincaram, enfim, ao invés de ser um manual em sua manualidade descoberto hermeneuticamente, o restringimos numa proposição.

O martelo, como manual, já foi compreendido em seu ser pela pre-sença e, por isso, pode ser usado em possibilidades projetadas. A “obra” já se deu e vai se desvelar nos modos de lidar, na dinâmica conjuntural. Só se aprende a pregar pregando e o que orienta esse “pregando”, o que faz com que utilizemos o martelo para pregar é o “como” hermenêutico, martelo aberto na compreensão e apropriado na conjuntura e, assim, pronto para ser utilizado, para pregar. O horizonte hermenêutico articulado do compreender, onde os entes utilizados já se deram a pre-sença, constituem o âmbito de sua ação. A pre-sença é projetando-se e essa projeção reúne e, assim, descobre os entes na conjuntura, determina ontologicamente o ser do ente, o que o martelo é, na finalidade ativa de cada um na lida, nos diversos modos de se ocupar e se preocupar possíveis.

Essa lida mostra o mundo como dinâmica de fazer-se irreflexivo, pré-predicativo da presença, nesses modos de se ocupar e quando ela se relaciona com algum ente: mexo na maçaneta, subo a escada, enfim, nas banalidades cotidianas, familiares, pré-temáticas que mostram-se para a presença, o revelado na relação entre a presença humana e o ente, o aparecer do que aparece. Diz Heidegger:

O ente tem a estrutura da referência. Isso significa: que ele possui, em si mesmo o caráter de ser-referido-a. O ente se descobre na medida em que ele está referido a uma coisa como o ente que ele mesmo é. O ente tem com o ser que ele é algo junto. O caráter ontológico do manual é a conjuntura. Na conjuntura se diz: algo se deixa e faz junto. É essa remissão de “com...junto...” que se pretende indicar com o termo referência (HEIDEGGER, 2005, p. 128).

No todo de uma obra um ente só é conjuntamente com os outros entes, quando refere-se (*Verweisung*) a eles, quando a obra refere-se ao martelo, ao prego, a plaina ao local de refeição, etc. e essas remissões de conjunto referem-se à presença, referem-se à seu ser, ao seu sendo. O ser para... (*Umzu*) das referências é uma estrutura que se constitui de entes que se referem conforme suas finalidades instrumentais, ao para que... (*Wozu*) da serventia, entes cuja presença é um deles e, assim, encontra sua finalidade como tal nessa estrutura que, porém, é conforme (*Bewandtnis*) ao seu sendo, refere-se ao ser da presença, aos modos com que ela vivencia o ente na totalidade. “A obra constitui o sentido de toda ação” (LEÃO, 2000, p. 157) e se toda ação, por exemplo, martelar, sempre possui uma finalidade instrumental já antecipada a antecipação da ação é o sentido, o contexto em que os entes podem se consumir, se fazer juntos: “*Telos* é o sentido, enquanto sentido implica princípio de desenvolvimento, vigor de vida, plenitude de estruturação. Assim, o *telos*, o sentido de toda ação é consumir a atitude [...]” (LEÃO, 2000, p. 156), *telos*, ação, martelar com sentido que alcança a autotelia quando, unindo princípio e fim na consumação, martelando e, assim, sendo para isso ou aquilo nas referências da totalidade instrumental, alcançamos retroativamente o ente que projeta tais finalidades.

O martelo é para martelar e desencobre-se no martelar, no uso, para o que ele foi projetado e ele está em função da obra, em função de sua consumação, já antecipada. Sendo usado para martelar, o martelo revela seu ser, seu martelar em sua referência aos outros. No martelar revela-se o todo da obra (*Werk*) em que o martelo insere-se, pois revela-se ele mesmo, como afirmou o trecho destacado, que “o ente se descobre na

medida em que ele está referido a uma coisa como o ente que ele mesmo é”. Essa “coisa que ele mesmo é” é a totalidade, a obra, um ente como qualquer outro, totalidade referencial que está em conformidade (*Bewandtnis*) com o ser da pre-sença e, portanto, com o horizonte de seu sentido. Heidegger (2005, p. 110) afirma que:

Na estrutura “ser para” (*Umzu*) acha-se uma referência de algo para algo. [...] O instrumento sempre corresponde à sua instrumentalidade *a partir* da pertinência a outros instrumentos: instrumentos para escrever, pena, tinta, papel, suporte, mesa, lâmpada, móvel, janela, portas, quarto. Essas “coisas” nunca se mostram primeiro por si para então encherem um quarto como um conjunto de coisas reais. Embora não apreendido tematicamente, o que primeiro vem ao encontro é o quarto, não como o vazio entre quatro paredes”, no sentido de espaço geométrico, mas como instrumento de habitação.

“Referência de algo para algo”, ou seja, os entes que se referenciam, são conjuntamente, nessa referência encontra-se a estrutura do ser para (*Umzu*) do instrumento que, em sua referência é para isso e aquilo, o martelo refere-se ao prego que refere-se à madeira que refere-se à parede. E todos referem-se à obra, ao quarto como instrumento que primeiro vem ao encontro, é o todo que primeiro vem ao encontro e essa totalidade instrumental não apreendida tematicamente é constituída pelo conjunto de referências, quarto ou obra como instrumento que, por sua vez, remete à casa, ao prédio, a algo maior até remeter à significância, ao mundo, se formos expandindo as referências. O quarto, a obra como entes são referidos ao ente mundo, como ente na totalidade, como aquilo mesmo, como entes, que eles são, o quarto, a obra. Esses entes tem com o ser algo que eles são juntos, entes referenciando-se como entes que são, são nessa referência, nessa conjuntura, um para o outro, um referindo-se ao outro para definir a si mesmo como ente, que só é nessas remissões conjuntas. Um ente é referindo-se aos outros entes, é sendo em suas possibilidades de uso em função da pre-sença.

“Referências deveriam ser pensadas primordialmente como possibilidades de emprego do ente manual, que podem ou não se atualizar” (FONSECA, 013, p. 100), ou seja, referências são as possibilidades de uso do manual na totalidade da qual faz parte. Na estrutura das finalidades instrumentais encontra-se uma referência de algo para algo, ou seja, a pre-sença compreende que algo seja para algo, o instrumento vem de encontro como algo. Porém, já existe nesse “algo” uma certa “delimitação indistinta”, que não delimita instrumentos, mas também “é” algo, não é um nada, um vazio, silêncio do qual

nada podemos pronunciar, pois *é* algo, *é* algo que se usa, mas não *é* formalizado, determinado, fala-se dele, de algo, mas como *é* “algo” e não uma mesa, cadeira, carro, pensamento, dor *é* indiferenciado. *É* algo já compreendido e, por isso, pode ser usado como algo conforme a compreensibilidade que se tem desse algo: na obra o martelo *é* algo para martelar, mas num ambiente hostil, em outra conjuntura, vira uma arma para matar, ou seja, depende de como se abre compreensivamente esse martelo, depende das possibilidades que há de serem juntos num sentido.

Pode ser para pregar ou para matar, possibilidades abertas que serão elaboradas em contextos referenciais conforme (*Bewandtnis*) as finalidades da pre-sença e que determinarão o martelo, que *é* para matar, uma determinação possível do martelo, destaca-se o martelo, cuja referência *é* o matar e, desse modo, eleva-se o martelo ao todo instrumental para ser visto pela circunvisão. Só a partir do indistinto martelar em suas referências *é* possível destacá-lo dessa indistinção no modo “como” me ocupei com o martelo, no modo como o vivenciei, como está aberto para meu poder ser, para matar e, a partir dessa determinação possível do martelo “como” algo que mata, que *é* o modo como tornou-se articuladamente compreensível, *é* que permite-se enunciar o próprio martelo como sujeito de uma proposição. Agora posso falar que o martelo “*é*”, pois a pre-sença *é* junto (*Bewandtnis*) com o martelar em suas referências, “[...] com aquilo que lidava manualmente o fazer [...]” (HEIDEGGER, 2005, p. 215) significativo. Essa indistinção significativa *é* “o sobre o quê” da fala que articula a compreensibilidade em significações num sentido dado - martelar significa matar - e permite expor o compreensível na circunvisão ocupacional “como” aquilo que mata. Realiza-se uma das possibilidades do martelo em função do poder ser da pre-sença. Na conformidade ou conjuntura (*Bewandtnis*) os entes são indiferenciados, pois são apenas em referência aos outros e em função do ser da pre-sença, as possibilidades de os entes serem juntos em função das possibilidades da pre-sença poder ser, possibilidades que se abriam e vem à presença quando articulados, quando tornam-se daquilo sobre o quê se fala.¹⁶

¹⁶ Heidegger (2012, p. 662) se pergunta como essa indistinção do sobre-o-quê *é* possível: “Ao contrário, *é* só a partir do ter presente um sobre-o-quê indistinto, um determinado estado de fato indistinto, que o de-quê, Teeteto, o carro, *é* realçado por meio do destacar do como-o-quê, do ranger, do encontrar-se sentado. [Nota de rodapé] Observação marginal: De onde e como isso (“estado de fato indistinto”)? O já- “ser” –junto!”. Segue nessa direção do “indiferenciado”, já dado de entrada,

De maneira tradicional, portanto, ou primeiro se vê o quarto como um espaço vazio a ser preenchido por coisas ou vê-se um aglomerado de coisas juntas. O que Heidegger afirma é que, primeiro, vem a obra (*Werk*), mas a obra não é um todo vazio, é também um instrumento que remete a todo um conjunto de instrumentos ordenados a partir do instrumento obra – ou quarto – projetado pela pre-sença humana e referindo-se ao seu ser. Esse instrumento que reúne dinamicamente outros instrumentos em que remetem-se uns aos outros possibilita que os diversos instrumentos singulares sejam deslocados, retirados, colocados, estejam quebrados e mesmo assim seja denominado de quarto.

Faltaria um nome, não conseguiríamos conceber todo o espaço que contivesse uma cama e ao lado um vaso sanitário e a frente uma geladeira, etc, objetos que, juntos, causaria surpresa, pois a pre-sença os compreende em suas respectivas totalidades. O que vem primeiro é a totalidade remissivo referencial que vai surgindo nas conjunturas. O ente surge em conjunturas, em redes que vão sendo perspectivadas e nas quais ele mesmo é na medida em que está sendo, se referindo. Mesmo assim, não deixaríamos de saber o que fazer com cada um desses instrumentos singulares, pois os instrumentos de que eles fazem parte, respectivamente, quarto, banheiro, cozinha já foram projetados, se remetem uns aos outros e já são familiares à pre-sença, o que mostra que ela já possui dinamicamente as remissões instrumentais, as remissões referenciais significativas da disponibilidade, uma dinâmica que lhe permite viver diversas situações e reconhecê-las.

Portanto, o que vem primeiro é a obra, a antecipação possível do que deve ser feito e que realiza-se permanentemente como possibilidades, e só porque ela vem primeiro e se relaciona com os demais instrumentos é que é possível o encontro entre a pre-sença humana que projeta e os demais entes que não possuem o caráter de pre-sença. Só porque há essa projeção compreensiva permanente da obra, projeção de possibilidades que retorna como poder ser é que é possível o manuseio de instrumentos específicos de

a partir do qual tudo mais está sustentado, outra observação: “Ahora entendemos de modo más adecuado y traducimos: “que hace ver mostrando (enunciado) és sólo el hablar en el que sucede el descubrir o el ocultar”. En el lugar de nuestro termino “suceder” está en griego: *ypárchein*, “estar presente”. Pero aquí no significa lo que a menudo puede significar, “suceder” en el sentido más amplio de “hay algo”, como si Aristóteles quisiera decir: sólo es mostrativo el hablar en el que hay por tanto tal cosa como un descubrir o un ocultar, como si el ocultar y el descubrir pudieran a veces suceder y a veces no suceder en el enunciado, sino que *ypárchein* tiene aquí el sentido exacto del concepto filosófico tal como lo utiliza Aristóteles, a saber, *ypárchein* significa “estar dado de entrada”, “yacer a la base de algo, de modo que todo los demás es sostenido por esto que está dado de entrada”. Por eso Boecio traduce también del todo correctamente el griego *ypárchein* como *in-esse*, estar-en, perteneciente a la esencia de proprio habla” (HEIDEGGER, 2004, p. 111).

modos diversos. Na projeção da totalidade, da obra, do quarto os “instrumentos singulares” remetem-se a esse todo projetado e, assim é possível manuseá-los, de haver o encontro com todos os instrumentos que se dão como um todo na obra compreensivamente projetada. Ou seja, quando interpreta-se (*Auslegung*) esse ente intramundano a mundanidade se dá, o mundo já está pressuposto e se desvela de um determinado modo, numa determinada perspectiva.

Na interpretação desse ente intramundano, o mundo já é sempre “pressuposto”. O mundo porém não resulta da reunião desses entes como uma soma. [...] O mundo ele mesmo não é um ente intramundano, embora o determine de tal modo que, ao ser descoberto e encontrado em seu ser, o ente intramundano só pode se mostrar porque o mundo “se dá” (HEIDEGGER, 2005, p. 114).

Quando interpreto o ente intramundano se anuncia ali a determinação mundana do mundo circundante, que já é sempre “pressuposta”, entre aspas, pois não se trata de uma causa no modo tradicional, não se trata de um antes de um depois, mas o mundo permanece “pressupondo”, começando o começo da interpretação, mundanizando. Do mesmo modo que ocorre com o quarto descrito acima, ocorre com o mundo, o ente na totalidade compreendido e a partir do qual pode acontecer a enunciação do ente “dentro do mundo”. Esse mundo é constituído de significações projetadas familiares nas quais ela sempre já é e, a partir daí, sendo mundo, mundanizando é possível a interpretação dos entes intramundanos. Nessa vivência intencionalmente significativa entre entes e presença humana, um ente dentre outros, ela projeta suas possibilidades a partir das remissões referenciais constitutivas de seu mundo circundante e, a partir das quais ela pode estabelecer uma relação compreensiva consigo, isto é, sendo com os outros, pois são em função da abertura do pré onde todos são uns com os outros, são em função de ser com os outros na cotidianidade.

O ente que somos se transcende quando se dirige ao ente e só assim ele pode ser, abrir possibilidades, existir. Nesse mundo circundante familiar da presença humana, em que ela vive e se apropria significativamente da totalidade remissiva dos entes acontece o encontro entre aqueles que compartilham a obra, os que possuem o “modo de ser do homem”, ou seja, aqueles que projetam e realizam o real, ex-sistem.

Com a obra, portanto, não se dá ao encontro apenas um ente manual, mas

também entes que possuem o modo de ser do homem, para os quais o produto se acha à mão na ocupação. Junto com isso, vem ao encontro o mundo em que vivem os portadores e usuários, mundo que é ao mesmo tempo o nosso. A obra no horizonte de sua ocupação não é manuseada somente no mundo doméstico da oficina mas também no mundo público. Com ele descobre-se a *natureza do mundo circundante* que então, se torna acessível a qualquer um (HEIDEGGER, 2005, p. 113).

No horizonte da obra reúnem-se aqueles que se ocupam de diversos modos e nessa reunião dá-se significativamente o “mundo”, a mundanidade, que se torna acessível também na mundanidade do mundo em geral, no mundo que sempre somos e estamos no cotidiano. O manuseio, o uso, o porte, a vivência do instrumento singular descobre toda a obra que lhe evoca, descobre o ser do instrumento, a manualidade e, assim, reúnem-se no horizonte da obra, das possibilidades descobertas nas referências constitutivas desse instrumento, o mundo daqueles que o vivenciam.

No uso do instrumento relógio, manuseados discreta e diretamente, a natureza do mundo circundante também está a mão. Pertence à essência da função de descoberta de cada empenho ocupacional no mundo imediato das obras a possibilidade de descobrir, segundo cada modo de empenho, o ente intramundano evocado na obra. Isso significa: descobri-lo nas referências constitutivas da obra, em vários graus de explicitação e em diferentes envergaduras de aprofundamento da circunvisão. O modo de ser deste ente é a manualidade. Não se pode compreendê-la, porém, como mero caráter de apreensão, como se tais “aspectos” fossem impostos num discurso ao “ente” que de imediato vem ao encontro, ou como se uma matéria do mundo, já simplesmente dada em si, fosse desse modo “colorida subjetivamente” (HEIDEGGER, 2005, p. 113).

O ente invocado na obra é descoberto nos diversos modos de se ocupar com ele, descoberto nas referências da obra, na conjuntura na medida em que se manuseia o ente em modos e que se explicitará em vários graus. As possibilidades constitutivas da relação entre a pre-sença e os entes que não possuem o caráter de pre-sença, não podem ser violentadas num modo unilateral, idealista em que uma subjetividade impõe seus gostos, seu discurso sobre o ente dizendo o que ele é ou deveria ser. É preciso partir das “coisas mesmas”, do modo como vivenciamos os entes que se dão como “algo” e, nesse encontro, antes de uma representação do sujeito de um objeto apartado, podermos falar sobre ele nele. Não vemos primeiro uma coisa ao modo teórico, conceitual, representado, mas algo com que fazemos alguma coisa, compreendemos, em possibilidades significativas.

Um problema que pode se colocar aqui, do ponto de vista da tradição, é que não é possível qualquer conhecimento que permaneça mergulhado no que pretende conhecer e, portanto, é preciso que haja um certo distanciamento. É preciso que haja uma mediação entre as vivências particulares e a universalidade das possibilidades para que se possa falar que algo é verdadeiro. Essa “mediação”, que não se trata mais de um ente que esteja no meio, entre o particular e o universal, é o mundo que surge em conjunturas num sentido, perspectivado conforme a mundanização. Na conjuntura, em que a pre-sença se faz em conjunto, em que o todo referencial do ente está em função da pre-sença, o mundo se abre quando, compreendendo ser, compreendemos o ente intramundano em que se anuncia o mundo, pois o ente intramundano só pode se mostrar porque o mundo “se dá. E de que modo o dar-se mundo e, assim, o ser dos instrumentos podem ser percebidos?

Na surpresa, na importunidade e impertinência, o manual perde, de certo modo, a sua manualidade. No modo de lidar com o que está a mão, porém, sempre se compreende a manualidade, se bem que de maneira não temática. [...] As referências determinam a estrutura do ser do manual enquanto instrumentos. [...] Numa *perturbação da referência* – na impossibilidade de emprego para..., a referência se explicita, se bem que ainda não como estrutura ontológica, mas onticamente, para a circunvisão, que se depara com o dano da ferramenta. A circunvisão desperta a referência a um específico ser para isso (*Dazu*) e, assim, torna-se visível não apenas tal ser, mas o contexto da obra, todo o “canteiro da obra” e, na verdade, como aquilo em que a ocupação sempre se detém. O conjunto instrumental não se evidencia como algo nunca visto, mas como um todo já sempre visto antecipadamente na circunvisão. Nesse todo anuncia-se o mundo (HEIDEGGER, 2005, p. 117).

Devido a permanente ocupação da pre-sença humana com entes, com o que está à mão a manualidade permanece “pressuposta”, não tematizável, apesar de ser sempre compreendida. Quando da surpresa por não poder usar um instrumento ou quando faltar o necessário gerando importunidade ou ainda quando não houver pertinência de instrumentos o todo pressuposto se anuncia, portanto, o mundo circundante do obreiro, pois seu mundo é completamente indistinto dele e só pode ser percebido quando da perturbação das referências. É assim que o manual “perde” sua manualidade, se recolhe para, assim, revelar-se o simplesmente dado, tematizável. O caráter negativo de “não” surpresa, “não” importunidade e “não” impertinência que fazem com que o mundo não se anuncie permanece, porém, como condição de possibilidade para que ele o faça. Por isso:

[...] a falta de um manual, cuja disponibilidade cotidiana é tão evidente que dele nem sequer tomamos conhecimento, constitui quebra dos nexos referenciais descobertos na circunvisão. A circunvisão depara-se com o vazio [...] (HEIDEGGER, 2005, p. 118).

A compreensão circunvisiva, que vigora orientando a pre-sença num todo conforme os usos dos instrumentos, pode ser percebida em suas referências quando há quebra dessas reuniões referenciais dos instrumentos e que, quando mantém-se a manualidade dos instrumentos vigorando, sem haver surpresa, importunidade ou impertinência, o que ocorre é o “manter-se em si do manual [e] é o que temos em mente com a expressão ser-em-si” (HEIDEGGER, 2005, p. 118), é o que possibilita que o ser do instrumento mantenha-se vigorando em toda obra. Na medida em que o instrumento é sempre pertinente, nunca causa surpresa, e é sempre oportuno, ele torna-se extremamente familiar e, assim, velado, pressuposto, longe do alcance da proposição, do conhecimento e da representação, apesar de sempre compreendido, pois já foi aberto como mundo. O mundo da pre-sença já não se diferencia dela quando compreendida na familiaridade, na cotidianidade histórica, aberta na compreensão, tornou-se compreensível, cuja articulação em significações possibilitará a fala.

Quando perturba-se o todo das remissões referenciais da pre-sença humana anuncia-se seu mundo e surgem essas referências que são o “externo” de seu “interno”, o mundo de sua ocupação, seu mundo circundante, aquilo que ela mesma é por sempre ter sido. Citando o susto como reação de uma “criança no primeiro momento de seu ser-aí terreno” Heidegger (2008, p. 131-132) afirma que nos depararemos com o movimento agitado dela “sem nenhuma finalidade, porém, orientado”, direcionado para fora de..., em um estado de ânimo que, num choque como um susto, “uma sensibilidade à perturbação”, há uma perturbação das referências constitutivas de sua compreensão. O mundo, as referências que a compreensão se atém, que até então estavam ocultas e, por isso, operando e possibilitando o desenvolvimento da pre-sença, sua realização, portanto, passa a anunciar-se, àquilo a que a pre-sença se refere, pois sempre se referiu, que é seu ser sendo com os outros possibilitando se descobrir a si mesma, tornando visível o mundo com o qual se ocupa, surge o todo no qual lida-se significativa e irrefletidamente.

Ou seja, é próprio da pre-sença humana já estar fora junto a..., *ek-sistir*¹⁷, se apropriar do dado e “externalizar” o apropriado, se expressar sem nenhuma finalidade pré-estabelecida, mas orientar-se em possibilidades, e isso lhe consumir, é por isso que ela se assusta, fica perplexa, sente desconforto, tem aversão, sente calor, frio, etc. nessa relação do “interno” com o “externo”, nessa abertura de uma pre-sença disposta. O homem, assim, pode conhecer os pressupostos que lhe motivam e que, ao mesmo tempo, exige realização. É sob esse caráter familiar da circunvisão não tematizável, mas já em vigor, que pode surgir o simplesmente dado, quando há um estranhamento decorrente de perturbações referenciais que divergem daquilo que sempre foi dado, do que estamos acostumados e, por isso, torna possível os diversos usos dos instrumentos, a ocupação e preocupação de maneira “natural”, irrefletida.

O ente é por sempre estar referido a outro ente como tal, que ele também é e, assim, na totalidade, ele está sendo, em referências conjuntas. O ente está sempre sendo, como disse Heidegger, propriamente, “*um* instrumento nunca é”. Um instrumento nunca é, só é sendo para isso ou para aquilo conjuntamente. Como ocorre, porém, a apropriação ontológica na conjuntura, pela pre-sença, do ente que não tem caráter de pre-sença e, assim, possibilite que a pre-sença humana os interprete e os comunique? Para isso a presença precisa “sair de si” e rumar ao outro, transcender e, só aí, o ente se anunciará à presença humana, aparece para ela significando num horizonte de sentido e isso ocorre na esfera dos sinais ou signos, na significância e nas ações de significar. Ou seja, na esfera da ação humana significativa.

Sobre isso, Heidegger (2005, p. 120) diz que:

[...] toda referência é relação, mas nem toda relação é referência [e] toda “ação de mostrar” é uma referência, mas nem toda referência mostra. Com isso também se diz: toda “ação de mostrar” é uma relação, mas nem toda relação mostra. Assim aparece o caráter formal e geral da relação. Para investigar os próprios fenômenos de referência, sinal e significado, de nada adianta caracterizá-los como relação. Deve-se, em última instância mostrar que a própria “relação”, devido a seu caráter formal geral, tem sua própria origem ontológica numa referência (HEIDEGGER, 2005, p. 121).

¹⁷ *Ek-sistir* é dinâmica de “exteriorização” e, portanto, em modos. A pre-sença não é, mas sempre está sendo, se ex-pondo, existindo na relação de si consigo, com seu ser, com suas possibilidades. Não lhe cabe decidir se se põe para “fora” ou não, pois, existir é esse surgimento, sua manifestação, cuja partícula *ex* indica esse movimento de pôr-se. A própria pre-sença surge, o ente que nós somos surge cotemporalmente no cotidiano histórico.

Um ente sempre está referido a outros. Toda remissão conjunta, ou seja, toda conjuntura em que pre-sença humana e outros entes elaboram-se juntos é referência, mas nem toda referência é relação. Ou seja, os fenômenos de referência, sinal e significado, podem ser formalizados, apesar de nem toda formalização mostrar a referência, os signos ou sinais e significados. Toda referência pode ser enunciada, mas nem toda enunciação mostra sua origem referencial. Os sinais são instrumentos, de acordo com Heidegger, instrumentos-sinais. Sendo instrumentos eles possuem sua totalidade instrumental significativa e, assim, manualidade, em que o exercício com os sinais mostra o ser de cada um num todo de remissões referenciais, exercícios que são as ações de mostrar. “A referência” mostrar é a concreção ôntica do para quê (*Wozu*) de uma serventia” (HEIDEGGER, 2005, p. 122), ou seja, o ente que se mostra é para algo, serve para algo em função do ser da presença, de suas possibilidades. Agora, a pre-sença humana, permanecendo junto aos entes, pode vê-los, eles já se abriram para ela. Os sinais, instrumentos, são sendo no todo de sinais, em que referem-se uns aos outros, elaboram-se, desenvolvem-se conjuntamente e assim, mostram do que são signos. Estamos, agora, em uma totalidade referencial de sinais, mundo significativo que mundaniza-se para a pre-sença, que o que vem ao encontro é o que ela projetou.

A ação dos signos ou sinais (*Zeichen*) é referência, pois refere-se conjuntamente e são em função da pre-sença e, vimos, relação é uma determinação formal, que mostra o que se manifesta. Portanto, a referência é uma relação cuja ação é de mostrar, é uma relação entre ações de mostrar, referência que também é conjuntura, fazer-se juntos, agora, em que ambos se mostram, o ente que somos e o mundo, a pre-sença. Mas o quê a referência mostra? A totalidade referencial de sinais. O que o sinal mostra? Nas referências remissionais, o sinal mostra o modo de lidar com o instrumento, chamado por Heidegger de “instrumento-sinal” (HEIDEGGER, 2005, p. 122). O mostrar do sinal funda-se em referências (*Verweisung*), cujas “atualizações” chama atenção para os diversos usos possíveis dos sinais, sustentados na manualidade e eles próprios entes manuais que servem para mostrar aos envolvidos os remetimentos aos quais se sujeitam suas circunvisões (FONSECA, 2013, p. 100).

O instrumento-sinal se constitui fazendo referência à totalidade de instrumentos-sinais da conjuntura e mostra essa totalidade remissional, mostra os modos de lidar com os instrumentos singulares nessa conjuntura, nessas remissões referenciais, o modo como se vivencia esses instrumentos. Nos signos e, prosseguindo, na significância e no sentido que lhe diz respeito, o mundo mundaniza-se para a pre-sença, refere-se a seu ser, é para ela. Dando exemplo da seta do carro, Heidegger mostra a relação entre as remissões referenciais (*Bewandtnis*), o sinal que é a seta do carro e o compartilhamento de seu significado:

Recentemente instalou-se nos veículos uma seta vermelha e móvel, cujo posicionamento mostra, cada vez, por exemplo, num cruzamento, qual o caminho que o carro vai seguir. O posicionamento da seta é acionado pelo motorista. Esse sinal é um instrumento que está à mão, não apenas na ocupação (dirigir) do motorista. Também os que não estão no veículo e justamente eles fazem uso desse instrumento, esquivando-se para o lado indicado ou ficando parados. Esse sinal está a mão dentro do mundo na totalidade do conjunto instrumental dos meios de transporte e regras de trânsito. Enquanto instrumento, esse instrumento-sinal se constitui por referência. Possui o caráter de “ser para” (*Um-zu*), possui sua serventia definida, ele é para mostrar (HEIDEGGER, 2005, p. 121).

Portanto, o sinal mostra o fenômeno para os que estão juntos, pois mostra o modo como se lida com o instrumento particular, por assim dizer, pois é manualidade do instrumento-sinal, portanto, a mostraçãõ do modo como me ocupo do que se manifestou e, vimos, a lida com o manual revela o todo das referências do ser para (*Umzu*), mostra a totalidade instrumental significativa na conjuntura. O sinal mostra o manifesto para os que estão juntos e, assim, mostra àqueles mesmos que estão juntos uns para os outros, as totalidades referenciais abertas para eles e nas quais eles lidam, no modo como lidam, nos modos com são. Manifestado, o sinal aparece em seu significado para aqueles que se fazem conjuntamente e só por isso o motorista pode dar o sinal e ser compreendido pelos que estão ao seu redor, pois compartilham um mundo comum, significações comuns. A “referência” mostrar é a concreção ôntica do para quê (*Wozu*) de uma serventia, que determina um instrumento específico” (HEIDEGGER, 2005, p. 122).

O sinal, portanto, é:

[...] um instrumento que, explicitamente, eleva um todo instrumental à circunvisão, de modo que a determinação mundana do manual se anuncie conjuntamente. No anúncio e prenúncio, “mostra-se” o “que vem”, embora não

no sentido do que há apenas de ocorrer, do que se acrescenta ao que já é simplesmente dado; o “que vem” é algo para o que estávamos preparados ou “devemos nos preparar” quando ocupados com outra coisa. No vestígio, o que se deu e aconteceu torna-se acessível à circunvisão (HEIDEGGER, 2005, p. 123).

O sinal mostra um todo instrumental à compreensão circunvisiva que, por já viver dentre sinais que significam, constituir-se dinamicamente de significações, já se possui a possibilidade de se ter expectativa de que algo venha ou que devamos estar preparado para algo, pois já vivemos praticamente nele, o caráter mundano do manual se anuncia nos sinais. Já existe uma visão prévia da totalidade de sinais em que o sinal singular revela o todo e, assim, permite-se apreender até mesmo a dinâmica da ocupação com tais sinais e, assim, prever algo que saia do esperado, do constituído na experiência.

Mesmo quando seguimos com os olhos a direção mostrada pela seta [do carro] e vemos algo simplesmente dado no sentido em que aponta a seta, também não a encontramos, em sentido próprio, com o sinal. Ele se volta para a circunvisão do modo de lidar da ocupação e isso de tal maneira que a circunvisão, seguindo-lhe a indicação, dá uma “visão panorâmica” explícita de cada envergadura do mundo circundante (HEIDEGGER, 2005, p. 123).

O modo como lidamos com os instrumentos-signo na ocupação é guiada pela circunvisão (*Umsicht*), pela visão dinâmica do todo do entorno se totalizando, que eleva o todo instrumental dos sinais à visão e, por isso, guia o modo como lidamos com a seta do carro quando, por exemplo, a vemos e sabemos, por isso, que o carro vai virar à direita ou que o carro irá estacionar à esquerda ou, na sua ausência, supomos que o carro continuará a se deslocar em linha reta, não vai virar para nenhum lado ou parar, visão que explicita as referências nas quais se constitui. Em um conjunto instrumental o modo como lidamos com o sinal revela que o que se deu ou aconteceu é revelado na compreensão circunvisiva, ou seja, a projeção de possibilidades que pretende realizar para alcançar seu fim numa totalidade referencial de sinais se deu e, assim, o motorista liga a seta e realiza seu projeto se locomovendo na significância já previamente circunvista e revelada nesse deslocamento espacial. O sinal mostra o conjunto instrumental, cuja compreensão circunvisiva orienta o modo de lidar com os instrumentos disponíveis.

Assim, se o signo mostra o modo de lidar com o instrumento, modo de lidar cotidiano, irrefletido e que é “fio condutor da demonstração fenomenológica do ser dos entes que

se encontram mais próximos” (HEIDEGGER, 2005, p. 108) e se, por outro lado, ele é referência, cuja ação é de mostrar, relação entre ações de mostrar em que “relações são sempre algo pensado” (HEIDEGGER, 2005, p. 133), o encontro entre homem e os entes ocorre nos signos e em seus significados que, portanto, mostram a estrutura ontológica da pre-sença. É isso que Heidegger afirma quando diz que o sinal é um instrumento que “eleva um todo instrumental à circunvisão”, faz com que a determinação do manual se anuncie conjuntamente (HEIDEGGER, 2005, p. 123). É nessa totalidade referencial de sinais que a circunvisão (*Umsicht*) se move (HEIDEGGER, 2005, p. 119). É nessa totalidade instrumental de referências do ser para (*Um-zu*) isso ou aquilo dos signos que constitui-se a circunvisão, cuja visão só pode ver porque já viu, já compreendeu. A orientação da visão de conjunto no cotidiano, a circunvisão é irrefletida, imediata, “pré-teórica e ilumina o contexto do que está por fazer” (DUBOIS, 2004, p. 222) por derivar da compreensão.

Os sinais manifestam o que se mostra em si mesmo, o que se anuncia. Só é possível a manifestação, o anúncio se o referente (o que anuncia) for um fenômeno, isto é, que ele mostre-se em si mesmo (HEIDEGGER, 2005, p. 61) em remissões referenciais numa totalidade significativa. Para anunciar o que se mostra, o fenômeno, é preciso que ele, o que se manifesta, seja um fenômeno. O que se mostra em si é o ser do instrumento, que manifesta-se como sinal, instrumento, portanto, que serve para... e cujas remissões referenciais fundam-se em seu ser, sendo na totalidade significativa articulada e, assim, tornada compreensível.

Assim, o que se manifesta, o anúncio, mostra-se em si mesmo. O que manifesta o que se mostra e, portanto, a si mesmo, são os sinais. A cadeira que mostra-se em si mesma (o fenômeno) mostra-se como sinal que faz com que a cadeira seja determinada conjuntamente na significância, sendo, referenciando-se aos outros entes. A cadeira é um signo, ela significa e só assim o homem tem acesso a ela, não a acessa “em si”. A vida do homem, portanto, está na esfera das significações. Em Heidegger, a conexão essencial do fenômeno, do que se mostra em si mesmo, com seu significado, que é o que manifesta

isso que se mostra, é a significância,¹⁸ “[...] a perspectiva em função da qual o mundo se abre como tal” (HEIDEGGER, 2005, p. 198). Assim, o sinal, como instrumento que mostra o ente no modo que ele se mostra em si, revela sua origem ontológica, isto é, “faz com que a determinação do manual se anuncie conjuntamente”. Só vejo a cadeira como signo, que anuncia a conjuntura referencial significativa. “O mundo é o lugar onde se instala a significância” (STEIN, 2004, p. 70) e ela é a totalidade a partir da qual nos compreendemos e, portanto, podemos compreender o mundo:

A significância (os alemães chamam de *Bedeutsankeit*, quer dizer, significância, é aquilo que permite a produção de significado, de significações, de significantes) permite, de certo modo, ou pretende ser, a origem, ou o lugar de onde nasce o significado, o significante, significações, etc. Mas, acontece que o nosso significar no nível consciente já são operações ligadas a subjetividade; é o eu que atribui nomes, que é capaz de compreender frases, que como sujeito é capaz de organizar todo um universo semântico, onde ele se compreende porque sabe que tais e tais nomes se referem a tais e tais coisas e assim se articula o mundo cultural, social no qual ele vive (STEIN, 2004, p. 71).

A significância é a totalidade de remissões da significação, totalidade de conjunturas possíveis nas quais os entes se liberam em suas possibilidades significativas e a ação de significar, que remete à conjuntura que lhe é pertinente, é a significação em com...junto. O mundo é uma totalidade prática em que manejando, utilizando, largando os entes já deve ter sido acessado, pois aberto, e só assim é possível o uso, e esse acesso, essa compreensão é prática, pois para lidar compreensivamente com um martelo é preciso que seu ser já tenha sido compreendido. Seu ser, que é sendo nas totalidades instrumentais, já deve ter se remetido às remissões significativas de que a compreensão se constitui, remissões de significações que é a significância. A palavra “sujeito”, a que se refere Stein na nota, não é a melhor para o que Heidegger pretende, pois não se trata de um sujeito e, portanto, do outro lado, um objeto ou mundo, mas aquele que já carrega seu mundo consigo, articulado em significações, pois sempre viveu nelas, nos modos em que mundo se deu, mundanizou-se, mundo já compreendido, articulado. Ao invés de sujeito, portanto, pre-sença. Assim, se “o mundo se constitui enquanto compreensão de nós enquanto somos, nós sempre já nos apanhamos neste mundo prático como uma totalidade, quer dizer, nós como que apanhamos um sentido que

¹⁸ “E eu admito, francamente, que esta expressão [significância] não é a mais adequada, mas durante anos eu não achei nada melhor, em particular nada que dê voz a uma conexão essencial do fenômeno com aquilo que nós designamos como significado no sentido do significado de palavras (...)”. (HEIDEGGER apud VANNY, 2009, p. 44).

nós temos” (STEIN, 2004, p. 73), nós já nos re-conhecemos, nos compreendemos quando compreendemos o que está “fora” e cada vez conforme o ente com o qual nos ocupamos na totalidade significativa antecipada, pois o ente que nós somos já é uma totalidade significativa com sentido, numa direção possível, totalidade que se mundaniza quando da compreensão do que está “fora” e, portanto, do que está “dentro”.

Já viemos falando sobre a significância, estrutura significativa remissional familiar do mundo que pode ser formalizada e a partir de onde se realiza a mundanidade, as significações e onde ocorre a conexão do fenômeno, do que aparece à pre-sença, com seu significado, que mostra o que se manifesta. Significância são remissões de significação estruturantes do mundo da pre-sença que abre a pre-sença a partir de sua familiaridade com essas remissões no mundo cotidiano compartilhado e historicamente constituído como possibilidades significativas e por ser familiar encobre-se quando das ações de significar nas conjunturas. A ação de significar tem o caráter de “remissão de referência”, ou seja, referir conjuntamente. Essa referência, as remissões com...juntas, estão “contidas na compreensão” e “acopladas em si como totalidade originária”, compreensão “que se atém a essas remissões como o contexto em que se movem suas referências” (HEIDEGGER, 2005, p. 132). Ou seja, compreender é dinâmica referencial num todo significativo remissional de ações em que a pre-sença humana em sua relação com o ente, como ente na totalidade, elabora-se em suas possibilidades, em sua relação com o mundo, cuja significância, aberta e fundada na compreensão, abre o que enuciamos como sendo mundo.

No que nos interessa nessa altura do trabalho, compreensão significa *hermenéia*, compreender, o sempre compreendido na compreensão nas conjunturas e é uma conduta fundamental da existência (HEIDEGGER, 2004, p. 125), compreendido na compreensão que é o “algo”, cujo o encontro entre o homem e mundo na conjuntura é o encontro de possibilidades diversas, por vezes contrárias e que segue uma orientação dada praticamente nos modos de lidar com sentido. Compreendido que já não se distingue da compreensão, pois quando ela compreende torna-se ela mesma, compreensão, que é um modo de ser da pre-sença e, portanto, o compreendido é esse modo explicitando-se. Nessa conjuntura que, ontologicamente, deixa e faz ver previamente os entes em

conjunto, permite-se “descobrir em sua manualidade, o que já “é” e, assim, deixar e fazer vir ao encontro o ente desse modo de ser” (HEIDEGGER, 2005, p. 129), a determinação mundana do manual. As remissões da ação de significar, portanto, são a totalidade originária da compreensão e é onde “a pre-sença se dá a compreender previamente a si mesma no seu ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2005, p. 132). E essa compreensão prévia, familiar da pre-sença, ocorre na estrutura da perspectiva em que ela refere-se a si mesma num contexto de compreensão referencial, agora significativa. A ação de significar dessas remissões são significações compreensivas, em que desenvolve-se o “como” hermenêutico, e é nelas que a pre-sença se dá a compreender.

A perspectiva dentro da qual se deixa e se faz o encontro prévio dos entes constitui o contexto em que a pre-sença se compreende previamente segundo o modo de referência. O fenômeno do mundo é o contexto em que (Worin) da compreensão referencial, enquanto perspectiva de um deixar e fazer encontrar um ente no modo de ser da conjuntura. A estrutura da perspectiva em que a pre-sença se refere constitui a mundanidade do mundo. [E é] na familiaridade com o mundo, constitutiva da pre-sença e que também constitui a compreensão do ser da pre-sença, funda-se a possibilidade de uma interpretação ontológico-existencial explícita dessas remissões (HEIDEGGER, 2005, p. 131).

Na compreensão referencial da pre-sença ela se compreende sendo no mundo na perspectiva dentro da qual ela refere-se aos entes que encontra “previamente”, isto é, no ser da pre-sença ela encontra o ser dos entes significados por ela enquanto sendo, em suas possibilidades. Nesse sentido, a pre-sença humana, enquanto ente como outros, faz-se a si própria quando faz, ordena, destrói, ignora os entes com os quais lida e que, conjuntamente, se fazem, tanto a pre-sença humana projetando e lidando, de um lado, quanto a totalidade instrumental de entes significativos que constituem o mundo da pre-sença e a partir do qual ela pode projetá-lo e fazê-lo, pois “mundo é totalidade relacional” (PALMER, 1969, p. 139).

A lida significativa é, também, compreensiva, na medida em que, apropriada a totalidade de significações, os signos significam (*Be-deuten*), descobrem os entes hermeneuticamente em suas finalidades na medida em que se elaboram juntos, mostram-se no todo conjuntural. Heidegger dá um exemplo de uso do sinal como instrumento e a circunvisão descobridora que vê o mostrado pelos sinais, os modos de lidar num todo de significativo.

Se, por exemplo, no cultivo do campo, o vento sudeste “vale” como sinal de chuva, então essa “validade” ou o “valor atribuído” a esse ente não é um acréscimo a algo já simplesmente dado em si mesmo como a corrente de ar ou uma determinada direção geográfica. Enquanto algo que somente ocorre, mesmo que possa ser meteorologicamente acessível, o vento sudeste nunca é simplesmente dado *antes* de qualquer coisa para então adquirir a função de um prenúncio. A circunvisão própria ao cultivo do campo é que, levando em conta, descobre justamente aí o vento sudeste em seu ser (HEIDEGGER, 2005, p. 124).

O vento sudeste foi descoberto em seu ser, sendo para a pre-sença, como sinal de chuva e, assim, tornou-se disponível para o uso meteorológico. Sinal descoberto em sua totalidade de remissões significativas, em sua manualidade. Só posso “usar”, manejar se já estiver manifestado num todo significativo, o que se mostra, no modo como se mostra, nesse caso, como vento sul disponível ao uso meteorológico e não, por exemplo, como “o vento frio que pode gripar”, como dizem os mais velhos às crianças. Só posso usar o que se deixa ver e aquilo que a pre-sença humana faz ver. Havia vento sul antes, obviamente, de sua nomeação como vento sul e de sua utilização, antes da atribuição de valor como um sinal de uma conjuntura significativa. A “corrente de ar”, como coisa, digamos, já existia, mas é descoberta em seu ser na manualidade, o que ela está sendo quando é significada num todo referencial, na mundanidade o que a torna um “sinal de chuva”. Isso de forma esquemática, já que não se dá “primeiro” um “depois” o outro.

O sinal está onticamente à mão e, enquanto esse instrumento determinado, desempenha, ao mesmo tempo, a função de algo que indica a estrutura ontológica de manualidade, totalidade referencial e mundanidade. Aí se enraíza o privilégio desse manual em meio ao mundo circundante ocupado pela circunvisão (HEIDEGGER, 2005, p. 127).

Como “corrente de ar” ainda não aparecia para a circunvisão (*Umsicht*), pois não se constituía numa conjuntura remissiva de sinais, cuja função indica a estrutura ontológica da manualidade na respectiva totalidade referencial e a mundanidade quando do aparecimento à circunvisão. Nessa função de vento sul ele foi descoberto num modo de ser dele, como manual nessa conjuntura, como sinal de chuva, pois é na vivência da totalidade remissiva de sinais que constitui-se a circunvisão que orienta as ações a serem tomadas.

Onticamente o sinal desempenha a “função de algo que indica a estrutura ontológica” da

corrente de ar em sua totalidade remissivo referencial, ou seja, nas vivências disso – da corrente de ar – esse “algo”, em sua exigência de mostrar-se, expor-se (*Auslegung*) o faz como um sinal, um manual, cujo exercício, numa totalidade significativa funcional, de ser para, indica a corrente de ar. Essas vivências significativas, modos de lidar com os entes significativos é que torna possível as mudanças de conjuntura, que nunca são físicas ou mecânicas, mas significativas e cujos significados emergem do contexto referencial e é só nessa relação da pre-sença humana com os demais entes, só sendo no mundo, compreendendo ser no contexto referencial significativo em conjunto é que se pode, onticamente, refletir, saber, predicar um objeto. Portanto, existindo, já não se deixa de “saber” o que se faz com o vento, pois já faz parte das remissões referenciais em que a compreensão se constitui.

Prova de que a ocupação permanente com o vento sudeste como sinal de chuva já constitui a pre-sença é que se esse vento começasse a sinalizar sol causaria estranheza nos que estudam e acompanham, estranheza fundada na familiaridade da conjuntura significativa. Já indicaria que se esperava algo, já se projetava que o vento indicasse um determinado sinal, mas indicou outro. E, mesmo assim, não deixou de indicar um sinal. Do mesmo modo que um instrumento quebrado ou deslocado rompe as referências significativas causando estranhamento, por exemplo, um vaso sanitário na sala. O rompimento, a perturbação dessas referências significativas, é o que revela o próprio mundo circundante, referências que nos constituem e sobre as quais se fundam nossas expectativas. Ou seja, só posso estranhar se eu esperava algo diferente. O vento se descobriu na significância aberta na compreensão projetiva e tornou-se inteligível numa conjuntura significativa. O “como” hermenêutico, neste caso, compreende o vento (algo) em suas remissões referenciais conjunturais “como” sinal de chuva (algo) e assim o vento torna-se compreensível e pode ser falado, ser sinal de chuva é uma de suas possibilidades frente ao ser da pre-sença, possibilidades que se descobrem conjunturalmente, em que o ente se liberou.

A vivência do mundo circundante é, portanto, primariamente significativa e, só depois do encontro do homem com os significados na conjuntura, é que ele pode teoretizar.

Na circunvisão, o assunto próprio do trato se apreende, de entrada, de tal ou qual maneira, se orienta para tal ou qual direção, se interpreta como isto ou aquilo. O que é objetivo se dá aqui significando tal ou qual coisa; o mundo sai ao encontro com o caráter de significância (HEIDEGGER, 2002, p. 36, tradução livre).

Esses nexos de significados primários são a significância que reúne os significados em remissões, dinamicamente. É assim que o fenômeno da mundanidade do mundo começa a se desvelar para a pre-sença humana, de modo significativo. A estrutura da ação de significação, as remissões da ação de significar, que constituem o compreender que abre significados na lida e que, assim, possibilita compartilhar mundo chama-se significância:

Chamamos de significância o todo das remissões dessa ação de significar (*Bedeutend*). A significância é o que constitui a estrutura do mundo em que a pre-sença já é sempre como é. Em sua familiaridade com a significância, a pre-sença é a condição ôntica de possibilidade para se poder descobrir os entes que num mundo lhe vêm ao encontro no modo de ser da conjuntura (manualidade) e que podem se anunciar em seu ser em si (HEIDEGGER, 2005, p. 132).

O ente deu-se a ver significando numa trama de significados que, quando articulados e tornados compreensíveis, surge e possibilita que se veja a significância do mundo circundante encoberta e que ele, o ente, tenha sentido nessa visada. A significância é a estrutura do mundo, o caráter formal de mundo e, portanto, a possibilidade de expor o mundo, ordená-lo, estruturá-lo. Essa estrutura se estrutura na manualidade previamente aberta como remissões da ação de significar no todo instrumental quando da lida com o instrumento singular, remissões que se constituem como estrutura da compreensão e que, devido à familiaridade da significância, os entes podem vir ao encontro de determinados modos nas situações concretas significando isso ou aquilo, pois o fenômeno do mundo já se deu a pre-sença, o mundo em sua mundanidade, a estrutura ontológica de qualquer mundo, a significância já se deu (DUBOIS, 2004, p. 30) e, assim, possibilita o desdobramento da pre-sença.

A ação de significar (*Be-deuten*), a significação, onde encontram-se a compreensão e o compreendido, possibilita o signo, instrumento que mostra um todo instrumental à circunvisão que compreende em remissões de significações, na significância, significações que o signo mostra onticamente. A significação se realiza quando a presença humana, ultrapassando a si em direção ao ente, significa tal ente nessa relação

para si, como sendo diferente de si. Nessa ação significativa – e toda ação possui sua finalidade que a motiva, um fim que retorna e torna-se começo – surge a significação que motiva, orienta as ações práticas no campo de ação aberto e que permite que a presença navegue, se locomova nesse campo já compreendido sem necessidade de reflexão, por exemplo, que se abra a porta de imediato e com a maçaneta, não dando chutes.

A ação de significar que permite o reconhecimento dos instrumentos particulares no todo instrumental significativo aberto na projeção comprensiva da pre-sença, constitui o “como”, cuja discussão aprofundaremos à frente. É a significação que mostra a significância que funda os entes que se referem, significação que irrompe das relações do homem com o mundo, com pessoas e coisas particulares. O ato de significar isso ou aquilo pelo homem que revela a mundanidade de seu mundo e orienta sua ação. A mundanidade do mundo, agora com a significância, pode se mostrar formalizada, pode aparecer de diversos modos, em diversas formas científicas, teóricas, artísticas, em enunciações sobre o mundo e a partir dele.

Significar, portanto, é ação, na medida em que a pre-sença é sendo, ou seja, abrindo significações compreensivas, exercício de significar que caracteriza mais propriamente o modo como a pre-sença humana se apropria do dado e o “externaliza”, se apropria do conjunto instrumental de sinais acessando-lhes e, assim, pode significar os entes, atribuir-lhes sentido. Como dissemos anteriormente, “na ocupação já se dá previamente a necessidade de “sinais”, instrumento que desvela a totalidade de remissões significativas onde ocorre a manualidade do instrumento, “seu modo de ser”, seu manejo, que é o “ser-em-si” (HEIDEGGER, 2005, p. 111) do instrumento. Sendo os sinais instrumentos que se manifestam no manuseio em conjunturas significativas o que se mostra, a totalidade de remissões significativas, o “ser-em-si” dos entes, sua “necessidade” revela a própria exigência de manifestação, trata-se da própria existência, *ek-sistere*, da apropriação da ordem significativa e “externalização” de seu modo de significar, de realizar o real. Assim, a compreensão do ser da pre-sença ocorre na significância projetada por ela, por seu sendo, que retorna para a pre-sença humana como possibilidade de poder ser de fato, cujas ações de significar se constituem num todo onde

movem-se suas referências e, portanto, suas possibilidades fáticas de formalização.

A significância, como um todo de remissões significativas, constitui a mundanidade do mundo e pode ser formalizada num sistema de relações, pode ser pensada e, assim, os entes podem ser nomeados, predicados, formalizados, pois as palavras decorrem dos significados, não o contrário. O mundo aberto, mundanizado em significações pela presença, é o mundo da pre-sença descoberto hermeneuticamente no “como”, no falado (*Worün*) da fala, nos modos de ser hermenêuticos da pre-sença que são pronunciados como discurso. O “como” hermenêutico é a estrutura que regula a primeira abertura da pre-sença ao mundo e os elementos que lhe integram se dão no contexto familiar (BAY, 1998, p. 75), na lida compreensiva com o ente na totalidade significativa já aberta e descoberta na circunvisão da ocupação, estrutura “como” que é o falado da fala. O mundo, como abertura prévia, como mundo compartilhado, mundaniza nas conjunturas significativas em que a pre-sença se faz hermeneuticamente descobrindo os entes abertos e que, a partir daí, fala. Qualquer fenômeno que seja interpretado ou teorizado deve permanecer em seu complexo de significados, na significância, pois, do contrário, desvivificamos a vida que foi o que o teórico fez até hoje. Se determinado instrumental for destacado da significância perde seu conteúdo fenomênico, mas se se mantiver no horizonte de visão e de sua orientação da ação, ela mantém-se constituindo a mundanidade do mundo, pois a vida é já significativa, nosso acesso às coisas só se dá como significado.

Para chegar aqui tivemos de acessar o mundo e, nesse caminho, partimos do subsistente de dentro do mundo, da coleção deles ou de categorias, conceitos. Porém, sempre que enunciamos ou lidamos com subsistentes já se pressupõe o mundo. Com Heidegger, caminhamos do ser do ente de dentro do mundo e encontramos totalidades instrumentais que são o ser do ente na medida em que é em referência, sendo para, em seu uso nessa totalidade em que o ente pode ser compreendido em seu ser, ou seja, sendo em significações, seja o ente que nós somos ou os outros. Para manejar, lidar com entes o ente que somos precisa estar juntos dos entes e, nesse fazer-se conjunto, homem e aquilo com que ele se relaciona são um para o outro e aquele realiza suas possibilidades de ser, pois os entes são em função da pre-sença.

Essas relações fundam-se em remissões referenciais, nas significações quando do manuseio do signo, pois este só diz algo, só torna visível algo na significância, remissões da ação de significar. Os instrumentos signos ganham dinâmica quando a pre-sença significa e tal significação prende-se, remete-se às remissões da significância. A significação surge na lida com os entes, nos modos de se ocupar e só na medida em que a pre-sença significa ela pode lidar significativamente com o ente em seu ser, no todo significativo, na significância. O mundo mudaniza nessa lida significativa com o ente particular em seu ser na significância. Para que tudo isso seja possível, já deve ter sido dado mundo, pois os entes só podem ser manejados se forem previamente acessíveis como mundo, como significância previamente consolidada na ocupação, na lida. Com o mundo aberto, a pre-sença pode acessar, lidar com os entes que vem ao encontro e, de outro lado, o que vem ao encontro é algo útil, cujas finalidades estão em função do pré-da pre-sença, abertura de seu mundo.

Essa segunda parte, da lida significativa que abre lidando, finalizamos aqui. O descobrimento originário de mundo veremos agora, apesar de já termos visto, mas de modo pontual. Esse mundo já deve estar aberto para que o ente significativo da lida circunvisiva seja acessado e articulado. Essa abertura ocorre na compreensão, um dos pré da pre-sença. A abertura compreensiva projeta e abre a significância, abre seu mundo, projeção de onde surgem significados, abrem-se os entes em suas significações que vem ao encontro em função das possibilidades da pre-sença, significações que podem ser articuladas como discurso e, assim, serem compreensíveis. Essas significações percebidas são o sobre o que do discurso, o “como”, o falado da fala. Portanto, discutiremos agora o “como” hermenêutico e, posteriormente, o discurso que o articula.

CAPÍTULO 2.

O “como” hermenêutico (*Als hermeneutische*): aquilo sobre o quê (*Worüber*) se fala.

Nesse segundo capítulo, acessada a mundanidade como “um significar vivo”, investigo, no subcapítulo 2.1, o “como” hermenêutico (*Als hermeneutische*), “como” que estrutura cotemporalmente o discurso (*Rede*) e é indiscernível dele, é o discorrido (*Worüber*) no discurso, o que possibilita os diversos modos de falar, escutar, silenciar, “como” que é “[...] a manifestabilidade do homem e das coisas” (FERREIRA, 1997, p. 192). O “como” tem a estrutura expositiva ou interpretativa (*Auslegung*) da compreensão (*Verstand*), é apropriação de si da pre-sença como compreensão em que ela torna-se ela mesma em seu modo de ser, é a compreensão compreendendo e se explicitando, ou seja, é o compreensível se explicitando em significações nas quais vive. Como se constitui essa compreensibilidade e sua relação com o “como”? Qual sua relação com o discurso? De que modo esse “como”, como compreensibilidade, torna-se o sobre o quê do discurso? O discurso (*Rede*)¹⁹ sempre parte do falado (*Worüber*), sempre parte do que vai sendo descoberto em suas possibilidades e deixado ver em suas referências, discurso que discutiremos no item 2.2, articulação da compreensibilidade hermenêutica em significações, do sobre o quê do discurso.

O objetivo aqui é mostrar que a estrutura “como” (*Als struktur*), chamada também de “como” hermenêutico, é a explicitação, na lida significativa, dos modos em que são vistos os entes nas explicitações das remissões referenciais do ser para ..., explicitação do compreendido em significações estruturadas e compreensíveis. Explicitação que é o falado, o articulado (*Worüber*) na fala, o mostrado no falar, no escutar, no silenciar nos modos “como” articula e explicita o sobre o quê: o carro “como” sendo aquilo que range, algo como algo, o “sobre o quê” se fala (o carro) num “como” (rangendo na rua)²⁰, isto

¹⁹ Há uma ambivalência na noção de *logos*. A tradição metafísica, criticada por Heidegger, a traduziu como sendo proposição (*Satz*, para Heidegger) e esta como lugar da verdade. Invertendo essa fundação, Heidegger defende que a verdade é que é o lugar da proposição e, assim, busca um *logos* mais fundamental. O acha em sua leitura de Aristóteles, de seu *logos apofântico*. Porém, Heidegger percebe que este *logos* está ligado a possibilidade de que o que ele mostra seja verdadeiro ou falso. Se *pode* ser verdadeiro ou falso, Heidegger busca essa estrutura possibilitadora, um *logos* mais fundamental que o apofântico, que chama de *Rede*. Cf. Bay, 1998, p. 63-70.

²⁰ Não compreendo o carro como algo que relincha na rua, pois quem relincha é o cavalo, mas como aquilo que range, como aquilo que fica na rua, que anda rápido, que polui, etc. Não faz sentido, não faz parte do todo significativo no qual somos compreendê-lo como o que relincha. Daí a possibilidade do falso, de dissimular ou confundir, pois o carro já se deu. Não há um falso contraposto ao verdadeiro, em absolutos, mas, como já se está na verdade, num mundo e numa abertura

é, o carro não me é compreensível em si mesmo. “Como” que são os modos de significação (hermenêutica) na conjuntura descoberta onde se desenvolve a circunvisão da ocupação que dirige a lida, significados que são estruturados na articulação discursiva e que descobrem àquilo de que se fala. O falado é o compreensível (hermenêutico), o que se descobriu na sinificância e se explicita nas remissões referenciais circundantes da visão (circunvisão da ocupação), que refere-se ao “algo” descoberto na compreensão e torna-se compreensível nas conjunturas em que é explicitado “como algo”. O “hablado equivale aquí a lo apto para ser descubierto, y el habla a lo capaz de desocultar. El habla hace accessible lo hablado pero no de una manera postergada, sino en la simultaneidad de su correspondencia” (BAY, 1998, p. 74). Só é possível falar de algo compreendido “como” algo que se explicita hermeneuticamente nas conjunturas.

Heidegger alcança o “como” hermenêutico quando critica o modo como o *logos* foi entendido pela tradição, como proposição e esta como sendo o lugar da verdade. Defendendo que a proposição não seria o lugar da verdade, mas a verdade é que seria o lugar da proposição, Heidegger, ao modo fenomenológico-hermenêutico, segue para trás da proposição, buscando o que lhe “fundamenta” e alcança um *logos* mais originário que denominou de *Rede* e o que lhe possibilita como sendo a estrutura “como”. A tradição teria esquecido o *logos* como reu-nião e interpretou o *logos* como enunciado. Assim, Heidegger passa a buscar o que torna possível esse enunciado iniciando, justamente, pelo modo como ele foi entendido pela tradição, pelo que está claro e partindo para o que foi ocultado, em direção ao modo como a coisa mesma foi vivenciada.

Desse modo, Heidegger conclui que *logos* não se reduz ao enunciado, nem a comunicação, mas é articulação, reunião do velado e do desvelado a partir do que se abriu significativamente; articulação possível por se fundar no que foi aberto conjunturalmente na compreensão, o compreendido, o que tornou-se compreensível. O “como” possibilita discursos por ser uma abertura “anterior” a ele que manifesta, de diversos modos, hermeneuticamente, o compreensível estruturado em significações referidas à significância na qual o ente se abriu em suas possibilidades. O discurso

hermenêutica o falso aparece como dissimulação.

articula a compreensibilidade do descoberto e explicitado na conjuntura, do que é hermeneuticamente explicitado em conjunturas, compreensibilidade que é “[...] una especie de saber natural que nos capacita para “habérmolas con lo que nos rodea [...]” e é o “[...] ámbito del primario encuentro del hombre con las cosas [que] es de índole significativa” (BAY, 1998, p. 77).

Porque o “como” é estrutura da explicitação do compreendido, constitui a interpretação (HEIDEGGER, 2005, p. 205), discutiremos essa estrutura, a exposição hermenêutica do que se compreende nas diversas ocupações cotidianas. Na apropriação de si a compreensão se atém a significância e, por isso, já é um expor-se, estar “fora” em “comos”, em modos, conduta com os entes que vem ao encontro em remissões referenciais significativas. Nessas, faz-se a experiência do todo do projetado e antecipado significativamente na compreensão e que só pode ser exposto articuladamente “como” algo, pois aqueles entes em seus significados são indiscerníveis da fala. Partimos do “como”, a abertura hermenêutica prévia da pre-sença em significações em conjunturas num horizonte de sentido, significados que serão estruturados e tornados compreensíveis no articular do discurso, discutido no segundo subcapítulo deste segundo capítulo.

2.1. A estrutura “como” (*Als Struktur*): a explicitação do compreendido que se dá a ver no modo “como” se compreende.

O “como” é um fenômeno unitário entre compreensão e interpretação, uma abertura hermenêutica antes da verdade lógico-formal, antes da enunciação, cujo sentido deriva da significação compreensiva, isto é, da apropriação do compreendido e exposição conjuntural do compreensível em significações. Nas diversas conjunturas o “como” expõe o compreendido desenvolvendo hermeneuticamente as possibilidades projetadas na compreensão, explicitando em significações o ente, pois “[...] o que a explicitação explicita, e inicialmente não em enunciados, e até mesmo silenciosamente é, portanto, já o compreensível discursivamente articulado” (DUBOIS, 2004, p. 147). Da lida instrumental, como vimos, passamos para a lida significativa, com os signos em seus

significados e, agora, chegamos a lida compreensiva, lida com o ente aberto na significância pela compreensão e que vai sendo descoberto compreensivamente na visão circundante da ocupação, nas conjunturas. Ou seja, para lidar significativamente nas ocupações as significações já devem ter sido dadas. Onde? na significância aberta na compreensão que se mantém articulada e, portanto, estruturando significações que descubrem o “algo” aberto na compreensão “como” sendo algo para (*Umzu*) na lida, articulação em significações que é o falado (*Worüber*) na fala. É a compreensibilidade, o compreendido na significância que vai sendo explicitado em significações na circunvisão ocupacional.

Nosso objetivo, portanto, é mostrar como Heidegger compreende esse “como” hermenêutico, principalmente em *Ser e Tempo*, em seu parágrafo 32, onde ele relaciona compreensão e interpretação ou exposição (*Auslegung*). Compreender a relação que constitui o “como”²¹ em que a compreensão se apropria do aberto significativamente e, assim, o expõe em significações e mostrar que essas significações são articuladas de modo a tornarem-se compreensíveis constituindo o falado na fala. Essa ex-posição (*Auslegung*) é ação, autoexposição da pre-sença numa repetida autocompreensão. Se lido significativamente com o ente é porque já o apropriei nas remissões referenciais da significância e o exponho na lida conjuntural, em “modos”. O “como”, portanto, torna conjunturalmente seu o mundo compartilhado aberto na compreensão. É nessa relação entre as significações referenciais da compreensão e sua explicitação em ações de significar, que vamos nos concentrar agora.

Pois bem, vimos que a mundanidade do mundo já se desvelou nas remissões da significância familiar aberta na projeção da compreensão. Essa estrutura da mundanidade do mundo, a estrutura de significações, é abertura como compreensão de ser sendo na lida fática, nas ocupações cotidianas da pre-sença, compreensão que se expõe em formas diversas descobrindo o ente em suas possibilidades hermenêuticas. Nos

²¹ Na estrutura “como”, interpretação e compreensão convergem, na medida em que *Auslegung* é traduzido tanto como exposição quanto como interpretação, ambos exposição da compreensão. Utilizaremos *Auslegung* mais no sentido de exposição, pois é exposição em conjunturas. Heidegger afirma em *Ser e Tempo* (2005, p. 205) que a estrutura “como” é a interpretação e no livro *Lógica, la pregunta por la verdad* (2004, p. 8), afirma que a estrutura “como” é da compreensão primária o que mostra a íntima relação entre compreensão e interpretação do ponto de vista do “como”.

diversos modos de nos ocuparmos lidamos com o ente particular em seu significado na significância onde movem-se as referências da compreensão que, na ação de significar, a compreensão compreende-se a si na lida. A compreensão se desenvolve numa perspectiva, num horizonte de sentido. Quando a compreensão compreende esse ente particular com que lidamos na circunvisão da conjuntura, objeto de nossas ocupações, surge o sentido prévio, surge a perspectiva a partir de onde se estruturou o projeto da compreensão e, assim, permitiu compreender algo como algo²², surge o contexto em que o ente pode ser.

Do círculo hermenêutico, que é a autotelia da pre-sença, que vai e volta, da estrutura prévia historicamente constituída da compreensão até sua exposição a pre-sença não deve sair, nem pode, mas se apropria e expõe de diversos modos o ente compreendido. Apreende atemáticamente o aberto na compreensão e o expõe na circunvisão que compreende. A pre-sença é ser e ente, ôntico-ontológico que, hermeneuticamente, se apropria de suas possibilidades e as desenvolve nas conjunturas, quando da manifestação conjunta de homem e mundo.

O “como” tem estrutura interpretativa ou expositiva, *Auslegung*, é “a compreensão se expondo, elaborando-se em formas” (HEIDEGGER, 2005, p. 204). Formas discursivas em seus significados, sejam elas artísticas, científicas, gestuais, de pintura, etc., pondo-se fora num modo de ser si mesma, em “comos”, num modo de ser suas possibilidades, pois a dinâmica da compreensão não se fixa nem se esgota em sua explicitação. A estrutura da exposição do compreendido, o “como”, se apropria do que compreende e se desenvolve nas conjunturas:

Na interpretação a compreensão se torna ela mesma e não outra coisa. A interpretação se funda existencialmente na compreensão e não vice-versa. Interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas na compreensão” (HEIDEGGER, 2005, p. 204).

Se a compreensão é um modo de ser da pre-sença e fundamento existencial da

²² Heidegger (2012, p. 519), meditando sobre o “algo”, afirma que “dá-se uma determinação do *on* (ente), da *ousia* (entidade), como *dynamis* (possibilidade) [...], ela [a entidade do ente, sua possibilidade] é “dada antecipadamente” como algo [...] que mais tarde se mostrará como algo diverso. Apresenta-se aqui uma determinação do *on* (ente) como *dynamis* (possibilidade) [...]”. Logo à frente, Heidegger (2012, p. 524) dirá que essa “possibilidade para tanto [do ser-um-com-o-outro] não é outra coisa senão o sentido de ser”, poder ser um com o outro.

interpretação e nesta aquela se expõe, tornando-se ela mesma, então a interpretação expõe o modo de ser da pre-sença. Expõe seu fundamento existencial elaborando as possibilidades projetadas por essa compreensão na conjuntura, possibilidades significativas em que os entes aparecem à circun-visão “como” isso ou aquilo. A estrutura “como” da interpretação realiza o sendo da pre-sença, elabora em formas as possibilidades abertas pela compreensão fazendo-se a si mesma como modo de ser assim ou não. Se expondo, abrindo-se a pre-sença abre também o horizonte hermenêutico em que os entes aparecem para ela. A compreensão, o modo de ser da pre-sença, permanece impessoal no cotidiano histórico em que se compreende, até se apropriar do compreendido.

[...] o poder ser do *Dasein* é ele mesmo lançado, o que quer dizer que o possível no qual ele já sempre se encontra lhe é, cotidianamente, sempre já liberado pelo Impessoal (se). Eu me compreendo como impessoalmente se compreende, o poder ser sendo, em princípio, pode ser anônimo, impróprio. Nesse sentido, a “liberdade” do *Dasein* é sempre já comprometida, em um duplo sentido. Como poder ser lançado, por um lado, descobrindo em geral possibilidades fáticas, situadas, e lançado na impropriedade. Compreender-se quer dizer em princípio mal compreender-se, estar na caverna, na opacidade, cegueira. Ou ainda, a compreensão é sempre modulada: ela é ou imprópria, compreensão de si a partir do que se faz, do que se diz que se deve fazer etc., ou é uma compreensão própria de si, abertura verdadeira. Sobre esta última, tendo em vista nosso ponto de partida, nada ainda sabemos, salvo que a compreensão própria de si deverá possuir a forma de uma ruptura com a compreensão imprópria, uma certa apropriação própria, pelo *Dasein*, de seu poder-ser (DUBOIS, 2004, p. 37).

Trata-se da relação entre próprio e impróprio ou compreendido impropriamente, pois é a própria pre-sença que compreende. A apropriação se apropria do impróprio propriamente e, portanto, nossa atenção se volta para essa compreensão (própria) do compreendido (impropriamente), compreensão autêntica em que a pre-sença descobre possibilidades fáticas, situadas, nas conjunturas, descoberta dos entes em suas possibilidades fáticas. O mundo compartilhado impessoalmente só é compreendido, aberto, propriamente. Esse mal compreender-se é a compreensão imprópria, do mundo público, do impessoal (*Das Man*), o ninguém, um modo de ser da pre-sença que é “*ens realissimum*”. Mundo em que “todo mundo é outro e ninguém é si próprio” (HEIDEGGER, 2005, p. 181), mundo em que pergunta-se “[...] o que é um objeto [...]” (REIS, 2001, p. 5) e não como ele é, *ens realissimum* como sendo “[...] o conjunto da inteira realidade, ou as determinações que possuem todas as propriedades [...]” (TONIN,

2015, p. 68).

Esse mundo mediano, familiar e irrefletido é o não apropriado propriamente e que, na medida em que há uma “apropriação própria” de si mesmo, na medida em que a compreensão compreende, se apropria do compreendido e, assim, torna-se ela mesma. Ela abre o compreendido articulado discursivamente e, em cada caso, o compreensível, articulando significações, pode descobrir aquilo sobre o que o discurso discorre. O compreendido torna-se compreensível, o aberto será descoberto na conjuntura. Mal compreender-se – pois sempre se compreende – é estar na cegueira em um mundo aberto pela pre-sença em significados que iluminam, clareiam e fazem ver o compreendido que, se mal compreendidos, tais significados ficam opacos, sem sentido. A compreensão permanece impessoal quando não torna seu o compreendido e a pre-sença permanece cega, sem visão, pois não há o que ver considerando que o “ver da visão já é sempre compreensão e interpretação” (HEIDEGGER, 2005, p. 205).

A compreensão explicita-se em modos, pondo-se fora num modo de ser si mesma, num como, pois a dinâmica da compreensão não se fixa nem se esgota em sua explicitação. A exposição (*Auslegung*) se apropria do que compreende e “[...] elabora as possibilidades projetadas na compreensão” (HEIDEGGER, 2005, p. 204). Assim, a exposição (*Auslegung*) da compreensão elabora em formas as possibilidades projetadas fazendo-se a si mesma como modo de ser assim ou não. O homem, fazendo-se a si e ao mundo, se expõe num determinado “modo”, numa determinada possibilidade de ser sem deixar de ser possibilidades diversas. Se projetando ele abre também o horizonte em que as coisas, os entes, aparecem significando para ele em que ambos fazem-se conjuntamente, como sendo isso ou aquilo, como no exemplo do padeiro, do açougueiro.

A pre-sença tem o modo de ser do pro-jeto, ela é projeto e, por isso, ela abre horizontes significativos. Heidegger (2005, p. 200) afirma que o que pode se abrir na compreensão sempre conduz à possibilidades e não a determinações, conceitos devido a estrutura existencial da compreensão, o projeto (*Entwurf*). A compreensão, o modo de ser da presença é projetivo por ser lançado e, assim, abre possibilidades como possibilidades possíveis. Projeto (*Entwurf*) é a “constituição ontológico-existencial do espaço de

articulação do poder ser de fato da pre-sença” (HEIDEGGER, 2005, p. 201), é quando e como a pre-sença se transcende rumo à realização de seu ser, de suas possibilidades. Essa compreensão projetiva lança a pre-sença em possibilidades, que é o que caracteriza a pre-sença mesma, ser sendo possibilidades a partir de onde os entes manifestam-se em seus significados. A pre-sença é sempre projetada, sempre em-vista-de-que (*Worümwillen*), em função de si e, assim, permanece em jogo, nunca fixada, sempre sendo e deixando vir ao encontro os entes descobertos em si mesmos, na conjuntura significativa, para sua visão, projetar que abre o campo de significados onde os entes surgem em suas possibilidades significativas realizáveis em função da pre-sença.

O projeto permite que afirmemos “sê o que tú és” (HEIDEGGER, 2005, p. 201), pois, existindo como possibilidades, a pre-sença é seu poder-ser e é aquilo que ela não é, mas já é existencialmente como possibilidades, pode ser de diversos “modos” explicitáveis. Sendo o que não é, já sendo um espaço de articulação em que ela pode ser, o caráter de projeto da pre-sença acaba por ser um nada, pois não é um ente que lhe determina *a priori*: “O nada característico do ser-aí enquanto projeto significa a não conclusão de si, o não fundamento de si mesmo, a não ser como fundamento lançado e continuamente projetado” (WU, 2006, p. 60). Ou seja, o projetar-se da pre-sença significa uma “incompletude”, permanecendo como possibilidades possíveis de serem abertas na significância, na mundanidade do mundo, expôr-se de diversos modos, lidando, construindo, andando, quebrando, falando, silenciando. Essa estrutura possibilita que a compreensão esteja sempre além de si, sempre transcendendo rumo ao outro e antecipando, antecipação em cujo retorno os entes abrem-se em si mesmos, sendo em suas possibilidades significativas.

Desse modo, Heidegger inverte a relação da tradição hermenêutica entre interpretação e compreensão, que defendia que a compreensão seria a finalidade da interpretação que teria de expor a integralidade do fenômeno compreendido. Ao invés de supor um fenômeno bruto a ser compreendido ou tudo o que compreendeu do fenômeno, Heidegger defende que a ideia de interpretação ou exposição (*Auslegung*) é o desenvolvimento do projeto da pre-sença, desenvolvimento de seu sendo, de suas possibilidades nunca fixadas que abre os entes em função dessas possibilidades conjuntas, o que faz com que

a compreensão projetiva seja um poder ser nessas possibilidades abertas por ela e para ela. Na circunvisão ocupacional na conjuntura, portanto, os entes compreensíveis são descobertos em suas possibilidades para o ser da pre-sença, não são entes determinados, mas apenas possibilidades significativas possíveis que referem-se ao ser da pre-sença, às suas possibilidades que, articuladas, mostram o ente nessas remissões referenciais da significatividade “como” algo, como uma das possibilidades de ser do ente. O projetar do ente que nós somos descobre os entes em possibilidades significativas, descobrimento no qual ambos se realizam em suas possibilidades conjuntas. A compreensão se apropria – ou seja, torna próprio, presentifica – do ente num horizonte de possibilidades em que ela se mostra em si e o explicita, se faz compreender nessa apropriação e, assim, ela desenvolve os modos como os entes aparecem na compreensão projetiva e como são falados.

As formas compreensivas desenvolvidas em sua exposição são possibilitadas pelo discurso (*Rede*), articuladas, discurso cujo discorrido é esse âmbito hermenêutico em que a pre-sença já se abriu num sentido, o mundo no qual vive, se ocupa, lida. Passamos daquilo com o que se lida (*Wormit*) – lidamos com “algo” em seu significado conjuntural – para aquilo sobre o quê (*Worüber*) se fala – o “algo” explicitado em significados com os quais lidamos –, o discurso que deixa ver o modo com que se ocupa de algo, modo com que se ocupa que já foi projetado e abriu significativamente um campo de ação, de lida significativa que retira seu poder ser, poder lidar dessa projeção e segue sendo descoberto hermeneuticamente em significações nas conjunturas. A mesa significa, foi descoberta conjunturalmente como sendo para (projeções significativas articuladas) apoiar a bíblia, para cortar alimentos, para brincar e assim lidamos com seu significado, produto de significações estruturadas projetadas, antecipadas e articuladas (discurso), cuja compreensibilidade é a explicitação do compreendido (“como”). A significação, sendo ação, possui seus fins e referencia-se à significância que antecipa e abre as possibilidades de ser da pre-sença, significação que está sendo em função das possibilidades da pre-sença.

Pois bem, qual a estrutura do discurso (*Rede*)? Sua “estrutura” fundamental é o “como” hermenêutico, é aquilo sobre o quê (*Worüber*) o discurso fala, o que se faz ver no discurso,

sobre algo, sua referência e que constitui sua “estrutura” (HEDEIGGER, 2005, p. 220). E o que é o “como” hermenêutico-existencial? É a compreensão da pre-sença se apropriando de seu pré-, de seu ser-em em função do qual o ser-no-mundo se abre como sendo em um mundo, é a compreensão apropriando-se, como abertura ao mundo, que vai se explicitando em “comos” particulares que referem-se e ganham sentido nessa abertura ao mundo, explicitação do ente compreendido junto com os outros, no modo como compreende essa explicitação. Compreensão é sempre compreensão de algo, algo que lhe constitui intimamente, indiferenciado à compreensão mesma, pois é o que lhe dá – à compreensão – possibilidade de ser conjunturalmente, “algo” que é o ente naquela abertura ao mundo, é o ente na totalidade significativa na abertura compreensiva em função da qual a pre-sença é, na abertura compreensiva que é a de seu mundo. Esse “algo” é indiscernível da abertura compreensiva, pois é ele mesmo que é aberto em suas possibilidades significativas de ser.

Compreensão é um modo de ser “inicialmente” impróprio que, ao apropriar-se, compreender o compreendido, o “algo”, este “algo” vai se compreendendo em remissões conjunturais significativas “como” “algos”, isso ou aquilo, isto é, vai sendo visto significando isso ou aquilo, vai sendo exposto compreensivamente nos modos em que ele está sendo nas circunvisões das ocupações. Essas exposições articuladas (discurso) compreensíveis possibilitam as enunciações, o “como” apofântico, pois este liga e desliga significações na medida em que a compreensão compreende, torna próprio o ente circunvisto na ocupação, que lhe vem ao encontro. Por isso uma mesa na cozinha serve para cortar alimentos e a mesma mesa na Igreja torna-se altar, cujo corte de alimentos poderia ser interpretado como blasfêmia.

A pre-sença é o ente privilegiado porque nela é dada a possibilidade de compreensão de ser, no modo como está sendo suas possibilidades, pre-sença que não é sinônimo de homem, mas movimento de “exteriorização” conjunto entre homem e mundo, manifestabilidade conjuntas de homem e mundo, manifestabilidade que são as referências da fala. A compreensão é abertura e é um “modo” de ser e o aberto no compreender, o compreendido, é exposto “como” “algo” em remissões referenciais de significados abertos, entes particulares que, em seus usos, serão vistos na circunvisão da conjuntura como “algo” a ser utilizado de diversos modos. O discurso mostra o que já se

manifestou, o discorrido, o horizonte compreensivo-hermenêutico de sentido onde descobrem-se os entes em seus significados quando desenvolvem-se juntos. Nesse contexto conjuntural, em que a pre-sença abre suas remissões significativas nas quais a compreensão se orienta, ela já o projeta para si, em função de seu ser, de suas possibilidades, ela projeta o ente na totalidade em conformidade (*Bewandtnis*) com suas possibilidades e é por isso que, compreendendo, ela compreende ser.

[A pre-sença] se compreende, ela compreende seu mundo...O que isto significa? [A pre-sença], como dissemos, é em função de si. Este ser em função de si é a raiz na qual se configura o mundo, o mundo sendo sempre pro-jetado, lançado em vista de mim mesmo, como “meu mundo”. Ser em função de si significa ao mesmo tempo duas coisas: estar aberto para si, conhecer-se em termos de ser-no-mundo (e não se conhecer no retorno reflexivo a si), e ser fim para si mesmo. Este é o sentido da compreensão: o si mesmo aberto em projeto como ser-no-mundo (DUBOIS, 2004, p. 36).

Compreendendo, a pre-sença é em função de si, ou seja, o ente que ela é, é em função de seu sendo e, por isso, ela é poder ser e não pode deixar de poder ser, pois sua abertura de possibilidades não é um ente que se acoplou a ela de fora. Não há mediações entre a compreensão e o compreendido explicitado, pois o modo ainda mais originário do que o discurso (*Rede*) é a *aisthesis*, a simples percepção sensível de algo, o que a percepção intenciona, percepção de “algo” já vivenciado compreensivamente como “algo”, já vivenciado significativamente num determinado modo, num horizonte de sentido. O “algo” aberto na compreensão foi aberto em um modo de ser – compreensivo – a partir do qual a percepção intenciona. Como afirma Vigo, na análise que faz da crítica de Heidegger a Husserl:

En opinión de Heidegger, ello implica que el análisis husserliano llega ya demasiado tarde, por la sencilla razón de que parte del “objeto” ya individualizado y dado como una mera “cosa”, prácticamente desligada del plexo referencial del mundo. Heidegger, en cambio, cree necesario dar cuenta primero de la individualización del “objeto”, como tal: no hay, en principio, “objetos individuales” dados en estado de aislamiento, pues, como enfatiza el análisis del mundo y el ente intramundano en los §§ 14-18 de SZ, no hay, en principio, algo así como un útil, aislado del conjunto de los otros útiles y del plexo total de la significatividad: “tomado en sentido estricto, no hay nunca un útil (*ein Zeug*)” (VIGO, 2012, p. 104).

Não existe um instrumento isolado, mas ele está sempre sendo, como já vimos. As vivências ocupacionais já se dão numa “[...] “tenencia previa” del ente intramundano en el trato práctico-operativo, el cual trae siempre ya consigo su modo específico de articulación comprensivo interpretativa” (VIGO, 2012, p. 103), “trato” ou lida que já traz consigo seu “como” a partir do qual se dão as percepções. O “como” carrega uma autotelia da pre-sença, na medida em que a totalidade de referências do ser para ...(*Umzu*) origina-se de outra relação de ser, a de ser função de si (*Worun-willen*), em função da pre-sença, autotelia da pre-sença (DUBOIS, 2004, p. 30), cuja compreensão do ser dos entes e, portanto, de si faz com que ela se ocupe de diversos modos com entes particulares em seus modos de serem com sentido, referindo-se ao ser da pre-sença. A compreensão de si é compreensão de seu mundo, pois a compreensão abre seu mundo, em função de ser em um mundo, e só por isso a compreensão pode ser em um mundo, pois este mundo aberto já foi antecipado como compreensão e se descobrirá de diversos modos nas conjunturas.

Compreender é compreender-se em termos de ser-no-mundo, é compreender que, quando se compreende, quando o ente remete-se à rede de significações à qual a compreensão se refere, há um “re-conascer” (KIRCHNER, 2007, p. 130), um nascer do ente compreendido e do que compreende juntos e sempre (*re*). Em toda vez que a compreensão compreende ela “nasce” junto com o compreendido, justamente porque compreender é compreender algo que lhe dá existência, assim como no caso do discurso, da escuta. Mas não se trata de um algo particular, e sim de algo numa totalidade remissivo referencial, dinâmica, ente compreendido que nunca é, mas está sempre sendo, remetendo, significando, ente em suas possibilidades de ser que não é determinado, delineado, não possui forma. Refere-se a todos os outros com os quais se faz junto na totalidade, entes que se referem pelo fato de todos serem entes, remissões referenciais que lhes possibilita serem justamente como possibilidades.

Compreendendo a pre-sença é em função de seu mundo num horizonte de sentido, compreensão que é projetada em função de si mesma, em função de sua exposição em formas e, sendo referências dinâmicas de espacialização que refere-se a si, a pre-sença se expõe em “comos”, a apropriação do compreendido e exposição do compreensível em

seu significado é o desenvolvimento hermenêutico da pre-sença. Nessa projeção da compreensão cujo projeto é si mesmo em formas, o “fim” da compreensão nesse círculo hermenêutico é si mesmo, exposição de si de diversos modos, cuja proposição expressará o sentido prévio da compreensão. A projeção da compreensão, abrindo a significância, um espaço significativo de ação, de poder ser abre os entes em seus significados conforme as possibilidades de realização da pre-sença quando retorna a si mesma, ao seu cotidiano histórico, familiar onde a significância se constitui e de onde as ações de significar são possíveis.

Compreensão é ser possibilidades de poder ser, possibilidade que ela continuamente doa a si mesma ou não, possibilidades que ela sempre pode oferecer, mesmo quando a nega, pois para negá-las é preciso que elas hajam sido doadas. Compreensão significa *hermeneía*, o compreendido na compreensão²³, compreendido que é compreender em cada caso, em cada conjuntura, compreensão hermenêutica, o compreendido a cada vez na compreensão, o aberto que se tornou compreensível, possível de se expor. Compreender é uma estrutura fundamental da existência, cuja “estrutura “como” hermenêutica é a estrutura hermenêutica fundamental da existência” (HEIDEGGER, 2004, p. 125). É um “saber-fazer (*know-how*), uma habilidade (*τέχνη*) de conduzir sua vida segundo as possibilidades que elege em cada caso e é mais originário que a distinção entre pensamento e ação, é uma experiência não-reflexiva, não-teórica que permite apreender a mobilidade da vida e articulá-la conceitualmente” (ESCUADERO, 2009, p. 182). Ou seja, “compreensibilidade é *hermeneía*” (BAY, 1998, p. 78), significação, pois o que é ressaltado é o caráter dinâmico da compreensão no entorno circundante, reforçado no fato de a “compreensibilidade ser o compreender como circunvisão da ocupação” (HEIDEGGER, 2005, p. 203). Saber fazer, condução de si não reflexiva, conforme seus próprios fins em meio aos entes, a compreensão projetiva é ação significativa, na significância, cujo *telos* é, simplesmente, promover o desvelamento, tornar manifesto na transcendência do ente que somos em direção aos outros entes, pois

²³ “*Hermeneía - das Verstandene im Verstehen. Verstehen-Grundverhalten des Daseins. Die Struktur 'als' demnach die hermeneutische Grundstruktur des Seins des Seienden, das wir Dasein nennen (menschliches Leben)*” (HEIDEGGER apud BAY, 1998, p. 77-78). Tradução livre: Hermenéia - o compreendido na compreensão. Comportamento compreensivo básico da existência. A estrutura “como”, portanto, é a estrutura básica hermenêutica do ser a que chamamos existência (vida humana).

“no transcender reside a compreensão de ser” (HEDEIGGER, 2008, p. 229) .

Compreender é “[...] “compreender-se sobre algo”, que indica menos um saber do que uma habilidade ou um poder. “Compreender de uma coisa” significa estar apto para ela, poder arranjar-se com ela [...] é um situar-se” (GRONDIN, 1999, p. 160-1). O “como” hermenêutico é essa compreensão que compreende numa circunvisão, a exposição da compreensão na circunvisão da ocupação, em que circunvisão (*Umsicht*) é um ato de ver o entorno, o circundante, em que o ver mesmo se inclui. O *sicht*, o ver de *Umsicht* vê a partir de seu *Um-*, de seu entorno familiar, circundante que lhe constitui, ela é a “visão pré-teórica que ilumina o contexto do que está por fazer” (DUBOIS, 2004, p. 222), ela espacializa distanciando e aproximando os entes nas ocupações. A circunvisão é “posterior” à compreensão, mais ôntico e, por isso só pode ver o entorno se já compreendeu e só pode ver dinamicamente o entorno, os entes com que se lida em seu sendo, na respectiva totalidade significativa desse entorno, totalidade remissivo referencial na qual o ente se remete e está sendo.

Os entes, que se abrem na abertura compreensiva, tornam-se compreensíveis e, portanto, podem ser expostos articuladamente e, assim, serem vistos “como” isso ou aquilo, como sendo para isso ou aquilo conforme sua utilidade determinada nas totalidades em que está sendo. Vistos em seus significados com sentido que variam de acordo com as exigências da realização do compreendido antecipado, realização do poder ser da presença, em que opera o *hermeneuieren*, explicitação do compreendido e, portanto, do modo de ser da presença em significados articulados quando ela compreende ser. Ou seja, quando se alcança a diferença ente ser e ente, quando o ente que nós somos abre, sendo, os entes em seu ser e nessa diferença se faz, se comporta em relação ao ser do ente que abriu, pois o carrega consigo como totalidade significativa possível e antecipada.

As formas apofânticas, nas quais Heidegger mais se concentra e onde ocorrem as sínteses – e diaíreses – que mostram os entes em significações com sentido, são um dos modos em que é enunciada a compreensão de ser, pois essa manifestação já pressupõe o horizonte de sentido dado na significância, já pressupõe o poder comportar-se em relação ao ente, levá-lo junto (com-portar: com, junto e portar, levar, carregar) de modos

diversos. Se há um horizonte de sentido prévio em que os entes podem se mostrar como sendo isso ou aquilo, então é possível afirmar que “as raízes da verdade proposicional alcançam novamente a abertura da compreensão” (HEIDEGGER, 2005, p. 292). Só posso ver ou falar, enunciar sobre o ente, dizer o que ele “é” numa compreensão prévia de ser. Só posso escutar, ver e falar a partir do modo como abri o mundo na compreensão, me compreendo abrindo e permaneço descobrindo.

Heidegger mostra o caráter projetivo da compreensão e sua relação com o ser da presença, suas possibilidades e com seu poder ser.

Na compreensão, a presença projeta seu ser para possibilidades. Esse *ser para possibilidades*, constitutivo da compreensão, é um poder-ser que repercute sobre a presença as possibilidades enquanto aberturas. O projetar da compreensão possui a possibilidade própria de se elaborar em formas. Chamamos interpretação essa elaboração (HEIDEGGER, 2005, p. 204).

A compreensão projeta o ser da presença para possibilidades que retornam como aberturas em que ela pode ser essas possibilidades nas conjunturas, ser da presença que é poder ser no mundo, com os entes que abriu nessa projeção para que ela seja e os descubra nas ocupações. Elaborar em formas, estruturar é atividade do discurso (*Rede*) que, articulando a compreensibilidade, estrutura uma totalidade significativa, articula a compreensão em significações. É o ser da presença, como possibilidades projetadas, que é elaborado em formas, portanto, o ser é múltiplo, possibilidades. E se o ser são possibilidades e se elabora em formas (*sich auszubilden*) como interpretação, *Auslegung* então é exposição do que se tornou compreensível, pois o compreensível articulado estrutura, expõe, mostra em formas.

Interpretamos tais formas como sendo os aspectos diversos em que os entes são expostos na elaboração da compreensão, as possibilidades de ser, os “comos” do compreendido, no modo como foi aberto, se expõe.²⁴ As formas são os limites, as determinações do ser do ente como possibilidades possíveis, ente que é compreendido em seu ser (possibilidades) e exposto articuladamente em formas enunciativas apofânticas. O ente

²⁴ “O *ονομαζεν* (a denominação) como tal não descerra a coisa mesma, mas só o *logos* (discurso) *τι περαίνει* “apronta algo”. Somente no *logos* (discurso) vem algo à tona no interior da fala no sentido do discurso: algo se mostra, o *eidōs* (aspecto) do ente se torna presente” (HEIDEGGER, 2012, p. 656).

compreendido, portanto, o é em seu ser, em suas possibilidades e é, portanto, “informal”, sem forma, não estruturado, indiscernível mesmo à compreensão que o compreende. A elaboração em formas, a interpretação, exposição desse ente compreendido indiscernível à compreensão, é elaboração articulada “como” sendo isso ou “como” sendo aquilo, o “algo” compreendido indiscernível é exposto “como” algo em suas possibilidades possíveis na conjuntura. É falado, escutado desse “modo”, e só é falado, escutado por ser num “modo” que sempre escuta ou fala “algo”, aquilo sobre o quê escuta, fala, silencia. Antes do aspecto de algo vêm suas possibilidades, o ente, “algo”, em seu ser. Na proposição, esse segundo “algo” – que na verdade, é apenas o modo de realização do primeiro – pode se tornar algo outro e, nela percebido, afasta-se da rede significativa aberta e antecipada que possibilita o lidar e o falar. Dessa maneira, o “como” hermenêutico se nivelaria com a proposição e o sobre o quê (*Worüber*) da fala seria fechada em suas possibilidades significativas, seria inautêntica.

No “como”, “interpretação que compreende numa circunvisão (*hermenéia*)” (HEIDEGGER, 2005, p. 216), a mesa surge em seus diversos modos de dar-se, conforme a totalidade conjuntural à que se remete referencialmente, aponta para os entes em seu ser, para apoiar alimentos, para jantar, para colocar a Bíblia, para brincar, etc. O primeiro que vêm é o significado, aberto familiarmente na significância, consolidado na lida com entes e estruturados na articulação compreensível que vem à fala. A palavra mesa é usada porque seu significado já se deu previamente e as significações que a tornam compreensíveis já se estruturaram quando da articulação desse compreensível. As remissões referenciais da significância encontram, nas diversas ocupações cotidianas, suas possibilidades de elaboração quando da significação da pre-sença. Compreendendo num contexto conjuntural a pre-sença desenvolve seu ser, suas possibilidades de ser junto aos outros aos quais refere-se em seu ser, sendo, em possibilidades possíveis nas conjunturas. O ente aberto na compreensão se explicita quando elabora-se junto com os outros nas remissões referenciais que lhes constituem; quando o ente que somos se ocupa com os entes na conjuntura, descobrido-lhes em seus significados e que, portanto, lhe impõe determinadas possibilidades, os entes abertos delimitam as possibilidades possíveis aos entes que somos, relação na qual a pre-sença tem delimitada suas possibilidades de ser.

A pre-sença não é infinita, mas limita-se onticamente por seu mundo, ontologicamente aberto quando compreende ser e descobre entes. Abertos os entes como sendo possibilidades eles são descobertos nas conjunturas “como” aquilo que eles mesmo são, “algo”. Aberto o ente em totalidades, instrumentais, conjunturais, significativas, como ente na totalidade, como “algo”, ele pode ser descoberto e exposto “como” algo para, um útil sendo em significações, cuja articulação possibilita a fala. Assim como quando a compreensão compreende ela se torna ela mesma, o “algo” compreendido é ele mesmo “como” algo explicitado, não é outra coisa, na medida em que esse “algo” compreendido é o compreender hermenêutico, a circunvisão da ocupação que vê porque compreendeu e compreende porque vê.

A compreensão, portanto, tem um caráter projetual e é a partir dele que são abertos horizontes de ser e é nesse horizonte que a questão do ser pode se dar, é nesse horizonte antecipado como poder ser com sentido que aquilo que está sendo “como” algo aberto pode desvelar-se “como” sendo isso e aquilo, “como” algo na circunvisão que compreende. Essa projeção da compreensão que abre possibilidades de ser da pre-sença, em que algo se dá como possibilidades para ela, é um poder ser, pois compreender é o ser do poder ser e o que se pode na compreensão é ser como existir, ou seja, existindo ou ex-sistindo, a pre-sença é. A pre-sença é suas possibilidades, às quais constituem-se frente às possibilidades dos entes que abriu todas possibilidades em remissões conjuntas significativas, em que, por serem juntas, são indissociáveis. A abertura e o aberto nela, só “dissociados” quando o aberto é descoberto na conjuntura “como” algo, que é uma das diversas possibilidades desse encontro de entes, “como” sendo para (*Umzu*) isso ou aquilo, “como” que revela o sendo do útil na totalidade em que o ente é sendo, ente que já carrega em si a totalidade conjuntural que constitui seu ser e para onde sempre referencia-se e é descoberto “como” isso ou aquilo, pois o ente, o signo instrumento só é sendo, remetendo conjunturalmente ao “algo” compreendido “como” sendo algo que manuseio, algo com utilidade, que a pre-sença usa em função de suas possibilidades. O “algo” que se utiliza nas conjunturas “como” algo, portanto, remete-se conjunturalmente ao “algo” aberto, remissões conjunturais que variam conforme o desenvolvimento do compreendido.

O projetar da compreensão possui uma possibilidade própria que lhe caracteriza, que não é “externo” a ela, mas um movimento de projeção cujo fim é si mesmo como possibilidades de ser num sentido. Não algo “externo”, nem condicionado por tal, mas é a possibilidade de se elaborar em formas exigidas pela própria ek-sistência, pela própria dinâmica da pre-sença de ser, de se expor. Se ser para possibilidades é projeção do ser da pre-sença então a elaboração dessa projeção acontece primeiro em “comos”, em que a pre-sença pode ser hermeneuticamente em modos e, só a partir daí manifestar-se em formas. E se tais possibilidades retornam ao contexto prático, ao presente como abertura, então tais formas são as aberturas fáticas do ser da pre-sença, suas possibilidades mais próprias em que ela pode ser de um modo ou de outro, possibilidades, sempre em função do que a pre-sença é, em função de seu mundo aberto na compreensão que faz com que ela abra permanentemente mundos. A pre-sença é para seu mundo.

Dizer que a pre-sença existindo é o seu pré significa, por um lado, que o mundo está “presente”, a sua pre-sença é o ser-em. Esta é e está igualmente “presente” como aquilo em função do que a pre-sença é. Nesse em função de, o ser-no-mundo existente se abre como tal. Chamou-se essa abertura de compreensão. No compreender dessa função, abre-se conjuntamente a significância que nela se funda (HEIDEGGER, 2005, p. 198).

A pre-sença é abertura na qual os entes são descobertos hermeneuticamente nas conjunturas e encobertos na totalidade como abertura.²⁵ A pre-sença, existindo, é seu pré e, portanto, ela já é no mundo, sendo em um mundo, é em função de seu ser, em função de sua abertura. A pre-sença é em função de suas possibilidades reveladas no contexto conjuntural, contexto no qual ela é aberta como sendo no mundo, por estar em função dele. A pre-sença, compreendendo é e está em função de suas possibilidades hermenêuticas em que há apropriação do compreendido e exposição no modo “como” se desenvolve. A projeção da compreensão abre significações na estrutura significativa da mundanidade do mundo em que se liberaram a pre-sença e outros entes em sua co-pre-sença e de onde se dá a compreender quando expõe-se de modos diversos.

Dando-se a compreender na “compreensão ocupacional” (HEIDEGGER, 2005, p. 216) no todo significativo, nos modos de significar no qual se abre, a pre-sença descobre o

²⁵ Portanto, já se está na verdade (*Un-verborgenheit*), descobrimos o modo “como” a “coisa mesma” é vivenciada, modo “como” a coisa é na verdade.

ente no entorno circundante e, assim, a compreensão se exporá, ou seja, o manual poderá ser visto, pois explicitado. “[...] Em seu caráter de projeto, o compreender constitui existencialmente o que denominamos a visão da pre-sença” (HEIDEGGER, 2005, p. 202) e como projeto a pre-sença “é suas possibilidades enquanto possibilidades” (HEIDEGGER, 2005, p. 201), possibilidades de poder ser abertas como compreensão, cuja visão revela o projetar das referências, para onde a pre-sença se encaminha.

A compreensão, por ser projetiva, dado o caráter lançado da pre-sença, que, por isso, não pode deixar de se lançar, de se projetar em possibilidades, em seu poder ser já é inclusive o que ela não é. Ela não é menos ou mais, mas é o que é, é tanto o que será quanto o que não será, sempre como possibilidades e nunca como uma falta. Só se pode ser o que se é se for uma possibilidade de ser existencialmente.

Também a pre-sença, enquanto possibilidade de ser, nunca é menos, o que significa dizer que aquilo que, em seu poder-ser, ela ainda não é, ela é existencialmente. Somente porque o ser do “pré” recebe sua constituição da compreensão e de seu caráter projetivo, somente porque ela é tanto o que será quanto o que não será é que ela pode, ao se compreender, dizer: “sê o que tu és!” (HEIDEGGER, 2005, 201).

A compreensão abrange todo ser-no-mundo e o projeto sempre diz respeito a toda abertura do ser-no-mundo. A pre-sença, como compreensão, é sempre ela mesma, não é um menos faltando para alcançar a si mesma, mas em função de seu ser, de seu sendo, a pre-sença sempre é. Sempre dizendo respeito a toda a abertura do ser-no-mundo, a compreensão, compreendendo-se, é suas possibilidades e que, por isso, tal abertura compreensivo projetiva abre uma iluminação dos entes que se deixam ver descobertos nessa visão, que funda-se na compreensão, visão que não é a dos olhos físicos, mas a que vê o ente como sendo para isso ou para aquilo nos modos de ocupação com o mundo, nos modos como se comporta com os entes que são descobertos nessa visão. É porque há tal comportamento hermenêutico, o como hermenêutico, em que se explicita o compreendido nas ocupações e se desenvolve nos contextos em conformidade com essa explicitação, é que pode se falar em ser o que se é. Esse comportamento realiza a projeção de onde se origina, mas que nunca se esgota, está sempre à frente, antecipando contextos significativos de ação, possibilitando e conduzindo comportamentos.

Visão é compreensão projetiva, visão pré-predicativa, dinâmica de ser da pre-sença nas remissões referenciais de sua ocupação cotidiana, pois ela, a visão, “já traz em si a explicitação das remissões referenciais (do ser para) constitutivas da totalidade conjuntural, a partir da qual se entende tudo o que simplesmente vem ao encontro” (HEIDEGGER, 2005, p. 205). Explicitando as remissões referenciais do ser para em conjunturas, a visão é compreensão do compreendido em suas possibilidades de ser. É projeção significativa da compreensão que remete originariamente àquele que compreende, visão que não é a teórica ou sensível, mas explicitações das remissões da ação de significar onde são “formalizadas a compreensão” (DUBOIS, 2004, p. 37). Visão que é onde se explicita o compreendido em “comos”, visto “como” isso ou aquilo e já remetendo conjunturalmente à compreensão da pre-sença que abriu e expôs a conjuntura em que o compreendido se explicitou. Visão que vê significações, os entes em suas significações, visão circundante que vê a totalidade de sinais em suas significações, os modos significativos de lidar com os entes.

Herdadas possibilidades, a pre-sença humana livre faz seu mundo, pode abrir outros ou não, encontrar-se ou perder-se, mas jamais deixará de desenvolver sua visão, de projetar compreensivamente possibilidades, e mesmo a tentativa de eliminação de possibilidades é uma delas. O significado existencial dessa visão é o de que o ente acessível a ela se deixa encontrar descoberto em si mesmo (HEIDEGGER, 2005, p. 202-203), no modo como é vivenciado nas conjunturas significativas, pois ele, o ente, é descoberto em seu ser para a totalidade conjuntural, nas referências a partir das quais ele pode ser.

Encontrar descoberto não é conhecer. Como dissemos, na manualidade numa totalidade conjuntural o ente é descoberto pela pre-sença, o ser do ente, o que ele está sendo são remissões do ser para... no todo conjuntural significativo. A compreensão não está na esfera cognitiva, “[...] compreender não é um modo de conhecer, é um modo de ser” (STEIN, 2011, p. 45) e, assim, o ente encontra-se descoberto conforme o modo como se compreende, o modo que se está sendo. O ente só surge na compreensão significando algo, em suas remissões significativas, não na enunciação do que ele seja, mas no modo como ele foi compreendido significativamente, pois já vivemos lidando

compreensivamente num todo significativo, a vivência do mundo já é primariamente significativa. A pre-sença encontra seu mundo aberto como significações e encontrar aberto é encontrar-se a si mesmo. Compreensão, portanto, é um modo de ser, ou seja, um modo de se ocupar, de se comportar, de lidar com pessoas e coisas no modo como eles foram abertos nela e é nesse modo que o caráter ontológico da compreensão se dá a compreender, nessa compreensão ocupacional. O “como” pré-predicativo é o que se explicita na compreensão quando o manual é explicitado (*Auslegung*) na circunvisão que compreende.

O que se interpreta reciprocamente na circunvisão de seu ser para como tal, ou seja, que se *explicita* na compreensão, possui a estrutura de algo como algo. A questão da circunvisão que pergunta: o que é esse manual determinado, a interpretação da circunvisão responde do seguinte modo: ele é para...A indicação do para-quê não é simplesmente a denominação de algo, mas o denominado é compreendido como isto, que se deve tomar como estando em questão (HEIDEGGER, 2005, p. 205).

O denominado é compreendido como “algo”, não como “algo” determinado, mas um indeterminado, como significação compreensiva, numa abertura prévia hermenêutica da pre-sença em que os signos só são remetendo conjunturalmente. São sendo, ente aberto quando da compreensão se explicitando, mostrado na fala, pois toda fala tem algo que é falado, toda fala mostra “algo” que os que falam já estão juntos, juntos desse algo mesmo, não de uma representação dele. O falado é aquilo que reúne os falantes que falam uns com os outros nos modos como compreenderam o que fala e também mostram os que falam, pois, como se expõe juntos, conjuntamente, a fala, articulando o compreensível em significações, mostra o modo “como” foi aberto e torna-se compreensível. O agricultor, por exemplo, fala da manga no modo como a compreendeu, fala da fruta com o empregado da indústria têxtil que compreende a manga como sendo a manga da camisa para usar, grande, pequena. O aberto, o compreendido, a manga, no modo como foi compreendida é explicitada “como” sendo para chupar, fazer suco, vender, retirar, cortar, pintar, etc. e, assim, os que falam uns com os outros se expõem conjuntamente.

Quais são os limites desse algo para que, ao mesmo tempo, não seja determinado, mas possa partir dele como o que está em questão? Não está determinado, mas está articulado

discursivamente, pois é coexistente à compreensão. Não está determinado no modo da proposição, mas já é um signo que significa. A circunvisão ocupacional que pergunta o que é esse manual, portanto, tem como resposta sua significação nas remissões referenciais, o que esse signo (o manual) significa e, portanto, de que modo ele mostra o modo de manuseio do manual, de que modo ele está sendo, esse signo manual traz a totalidade instrumental para ser vista por aquela circunvisão desse sendo s'ignico.

O “como” hermenêutico é também chamado de algo como algo. A pre-sença compreende algo (1) como algo (2), algo (1) aberto como sendo algo (2) explicitado nas significações compreensivas, nas significações da circunvisão da ocupação. O ser do algo (2) é ser para, remissões dos signos no todo significativo de onde retira suas possibilidades de ser, todo significativo aberto na compreensão de algo (1), do ente na totalidade. O carro que se abriu para mim range na rua, ranger, um signo e, portanto, um manual, que é para mostrar para a circunvisão a totalidade significativa em que o carro é, está sendo, manuseio esse signo desse modo em relação a essa totalidade e não no ranger do cachorro. Não acesso o carro “em si”, mas ele vêm com toda a conjuntura significativa em que estamos e em que nos expomos.

Não há qualquer enunciação quando, na conjuntura significativa chamada de cozinha, vejo, na circunvisão, a faca e compreendo que ela é para cortar alimentos, compreendo-a em seu ser, pois me compreendo com tendo aberto esse mundo. Me dirijo diretamente a ela, faca, descoberta na compreensibilidade, quando antecipei o que pretendo fazer sem predicar nada, sem refletir. E a pre-sença humana compreende a faca porque ela compreendeu a si mesma como a que vai utilizar a faca e que deve mobilizar o “conhecimento” adequado para isso, comportar-se de modo adequado em relação à faca, adequado conforme o poder ser num espaço significativo com sentido. E se a faca não corta imediatamente troco-a por outra ou por algo que cumpra a finalidade prática do que visa a pre-sença, não a troco por garfo, colher, não pronuncio, não reflito antes de trocá-la.

É o “como” que já vê pré-predicativamente, e que é anterior e funda a enunciação em modos diversos e que dirige a visão da pre-sença, pois já traz em si a explicitação das

remissões referenciais constitutivas da totalidade conjuntural compreendida significativamente de onde surge o ente onde se mantém para que tenha sentido, para que possa ser em suas diversas possibilidades conjunturais significativas. É só assim que podemos tomar o compreendido como o que está em questão, pois só pode estar em questão aquilo que já compreendemos de algum modo e dessa compreensão é que a questão pode partir, pois todo questionamento só pode partir daquilo que é questionado, no modo como é compreendido, de modo mediano e indeterminado, mas compreensível. Só se pode interpelar sobre o significado disto se isto já se deu à compreensão e é a ela que retornamos para perguntar e cuja exposição se fará num “como”, o algo compreendido de algum modo se exporá “como” algo que a compreensão compreendeu, conforme (*Bewandtnis*) o “modo” de ser da pre-sença. Não há um ente anterior a ser exposto, mas é a própria compreensão hermenêutica que vai se expondo conforme as exigências da conjuntura em que ela se realiza, conforme as possibilidades dos entes com os quais lida compreensiva e significativamente.

As remissões referenciais da totalidade conjuntural estão “contidas na compreensão” e, “na familiaridade a compreensão se atém a essas remissões como o contexto em que se movem suas referências” (HEIDEGGER, 2005, p. 132), isto é, no âmbito pré-predicativo, em que a pre-sença humana já é conjuntamente, as remissões referenciais da compreensão constituem-se na perspectiva em que se deixa e se faz o encontro prévio dos entes, e onde a pre-sença se compreende previamente segundo o modo da referência, referindo-se aos outros entes em seu ser. É quando a compreensão já tem seu mundo, já abriu, guarda e o leva consigo e, por isso, compreende os entes. O contexto aberto na projeção compreensiva são as remissões referenciais comuns à compreensão significativa e o mundo como significância.

Compreensão é o que permite a pre-sença existir como poder ser, “projeta o ser da presença para a sua destinação” (HEIDEGGER, 2005, p. 200), pois a compreensão é um modo de ser que projeta significações na lida, modos de se ocupar que se projeta e abre hermeneuticamente significados em que ela pode ser. Compreendendo, a pre-sença se projeta e, assim, abre possibilidades de compreender-se a si mesma, suas referências familiares onde começam seus começos, manuseia entes particulares, cujos fins são os

de seu projetar permanente que abre espaços em que ela pode ser, pode manusear assim ou pode não manusear assim em conformidade (*Bewandtnis*) com suas possibilidades.

O manuseio é possível porque os entes manifestam-se significando no próprio exercício do manuseio em remissões referenciais da compreensão, em sua manualidade, pois “[...] o lidar com as coisas é significá-las” (LUNA, 2018, p. 75) e o “significado das coisas nós apreendemos dentro da dinâmica mesma da ação” (BAY, 1997, p. 76). Na lida surgem os significados, a indicação do que é utilizado por quem, onde e “como”. “A compreensão [...] contém, numa abertura prévia, as remissões constitutivas da familiaridade da pre-sença. Remissões de referência que são significações, cuja familiaridade da pre-sença com tais remissões faz com que ela signifique para si mesma” (HEIDEGGER, 2005, p. 132), indique a si mesma como sendo nos contextos significativos familiares, onde surgem os significados das ações de significar que possibilitam o uso adequado em remissões na conjuntura.

A compreensão [...] contém, numa abertura prévia, as remissões mencionadas. Detendo-se nessa familiaridade, a compreensão se atém a essas remissões como o contexto em que se movem as suas referências. A própria compreensão se deixa referenciar nessas e para essas remissões. Apreendemos o caráter de remissão dessas remissões de referência como ação de *significar*. Na familiaridade com essas remissões, a pre-sença “significa” para si mesma, ela oferece o seu ser e seu poder-ser a si mesma para uma compreensão originária, no tocante ao ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2005, p. 132).

O caráter remissional do contexto em que se movem as referências da compreensão são ações de significar, referências, ser referido a ... que é a indentificação entre entes, apontamento de um ente aos outros constituindo o sendo do ente e remissão como sendo as referências nas respectivas conjunturas. Portanto, as ações de significar são remissões conjuntas dos entes (como signos) referidos uns aos outros. A compreensão mantém, numa abertura prévia, as remissões significativas, cujas significações serão explicitadas na lida compreensiva, quando a pre-sença precisar manusear, se ocupar com entes. Na familiaridade significativa da lida ocupacional com os entes no mundo circundante de uma pre-sença disposta residem as remissões do contexto significativo em que a compreensão se deixa referenciar.

O contexto em que se movem as referências da compreensão na familiaridade são as

remissões da ação de significar (*Bedeutend*). Se são ações então tem seus fins, aquilo que lhes motiva, que são a “causa” da ação, pois toda ação tem um fim ao qual visa e que torna-se sua causa, seu motivo. Então, no caso, a ação de significar possui como seus fins possibilidades de significar, possibilidades que, por sua vez, encontram seus limites onde se originam essas ações de significar, na significância, que são possibilidades significativas projetadas que retornam à conjuntura e “causam” àquelas ações de significar num sentido prévio. Esse sentido é o *telos*, princípio de desenvolvimento, pois, como dissemos, o *telos*, o sentido de toda ação é consumir a atitude, a significação onde encontram-se homem e mundo, o ente que somos que significa e os entes significados, onde a pre-sença se significa. Então, se o que manuseio é a mesa como significado, produto da ação de significar, o que motiva e orienta esse manuseio, a lida com a mesa é, justamente, a significância, onde residem as possibilidades de significar e para qual tendem as significações conjunturais. Significância onde o ente foi compreendido articuladamente e é explicitado em totalidades conjunturais significativas que é o que se mostra no discurso.

A ação de significar articula, dinamicamente, as referências nos modos como compreendeu o ente a ser significado na conjuntura, compreensão que a pre-sença é por sempre ter sido, sempre ter vivenciado assim. Essa articulação dinâmica das remissões referenciais familiares que possibilita significações num horizonte hermenêutico conjuntural onde o ente pode ser, expor (*Auslegung*) o compreendido, é o articular da compreensibilidade em significações, em “comos” dos quais são possíveis as palavras e num sentido prévio já articulado, pois Heidegger (2005, p. 219) chama de “[...] sentido o que pode ser articulado na interpretação [*Auslegung*] e, por conseguinte, mais originariamente ainda, já no discurso [*Rede*].”

Percebe-se, assim, a estrutura “como” que, articulando o “algo” aberto em remissões referenciais significativas projetadas, são antecipadas e, assim, descobre-se àquele “algo” aberto nas ações de significar que se expressa em “comos”, em “algos” conforme (*Bewandtnis*) àquele “algo” agora descoberto significativamente nas conjunturas, visto. As remissões referenciais impróprias que constituem o ser do ente num sentido articulado discursivamente são articuladas nas conjunturas quando da significação do

ente que surge “como” isso, como algo que é para as finalidades projetadas compreensivamente. Antecipando o ser do ente como possibilidades de ser com sentido articulado, como poder ser, ele é explicitado nas conjunturas tornando-se compreensível, cuja articulação discursiva estrutura uma totalidade de significações a partir da qual o ente é significado “como” algo com finalidade útil que seja conforme (*Bewandtnis*) àquela antecipação. É a pre-sença como compreensão, “modos” de ser sendo, se expondo: estudando assim, fazendo desse jeito, destruindo daquele modo, escrevendo desse modo, fazendo nada de um determinado jeito (deitado, sentado, andando, etc).

Significar, portanto, é uma ação que remete a uma conjuntura significativa, descobrimento hermenêutico de entes em seus significados, para a pre-sença, conforme as conjunturas significativas abertas pela e para ela, projetada para que ela possa ser e cuja estrutura “como” “[...] está en la base del significar [...]” (BAY, 1998, p. 76)

Heidegger utiliza un término muy interesante cuando habla del descubrir, término que también utilizará en *Ser y tiempo*, a saber, “significar”, otorgándole un uso sintáctico extraño. En alemán se trata del verbo “*bedeuten*”, que literalmente quiere decir “significar”. Sin embargo, Heidegger coloca un guión en la palabra para enfatizar el prefijo “be-” otorgándole un sentido activo-transitivo, de modo que no es que la palabra tenga un significado, sino que la palabra es dotada de sentido al ser ubicada en un contexto hermenéutico, es decir, al tener que ver con algo estamos descubriendo a la cosa siempre desde un contexto: la contextualizamos. “*Be-deuten*” significa, pues, descubrir las cosas siempre hermenéuticamente. El significado es el lugar que ocupa la cosa en una red compleja de sentidos. Esto apunta, a su vez, a que el *bedeuten* no es una operación estrictamente lingüística, sino que es el modo en que comprendemos las cosas, incluso en situaciones antepredicativas o pre-lingüísticas. El tener que ver con las cosas es significarlas, es decir, la estructura del tener que ver con las cosas —sea predicativa o ante-predicativa— es significativa. Heidegger denomina a esta estructura del *bedeuten* “*das hermeneutische Als*”, que se traduciría como refiere al en cuanto que hermenéutico. El *Als* se refiere a una suerte de perspectiva, es decir, a que el encuentro con una cosa siempre está determinado por un contexto y un punto de vista, es decir, una estructura hermenéutica. (LUNA, 2018, p. 75).

O modo “como” compreendemos o compreendido é significativo e torna-se compreensível articuladamente em significações estruturadas “como” isso ou aquilo, que vai sendo descoberto em significados na circunvisão cupacional e constituindo o sobre o quê (*Worüber*) da fala. A fala mostra, diz algo ao outro, algo em um todo significativo já indiscernível para a pre-sença, pois é ela mesma como abertura. A fala mostra o modo “como” o ente compreendido tornou-se compreensível, circunvisto na ocupação:

“como” algo. A lida com significações estruturadas é possível porque tais significações estão previamente articuladas e, assim, podem ser mostradas no discurso, é o falado nele. O descobrimento dos entes se dá na ação de significar que “puxa” consigo suas remissões referenciais e oferece os fins possíveis do ente nos limites dessas remissões referenciais significativas projetadas. Projeções significativas que motivam e orientam as ações práticas com aquele ente, significação que, quando aponta, mostra toda sua rede de sustentação, as remissões conjuntas a partir das quais a ação de significar da pre-sença encontra seu sentido, descobrimento que ocorre quando da ocupação com os entes na circunvisão que compreende, onde se descobrem os entes em seus significados já articulados discursivamente.

O sentido ativo-transitivo da significação revela essas variações no significar, seu caráter hermenêutico²⁶, desde a apropriação atemática do descoberto à sua explicitação na conjuntura de modo que a palavra, o nome decorrente da significância não possui um significado, mas os descobrimentos realizados pelas ações de significar na conjuntura podem se estruturar significativamente quando estruturadas pela compreensibilidade a partir da qual brotam as palavras naquele sentido prévio articulado. Diria que o significado, produto de uma significação pela pre-sença, de *Bedeuten*, é o lugar de onde surge a significação quando do encontro do ente que somos e os outros entes, significado que pode mudar de “lugar”, a pre-sença pode significar de modos diferentes, em sentidos diferentes conforme a conjuntura, significado que é o precipitado das ações de significar e onde ocorre o encontro entre o ente que somos que significa e os outros entes, “[...] significar es relación de relaciones [...], requer indeterminación, no se identifica con significación alguna porque es la forma de toda significación [...]” (BAY, 1998, p. 144).

O significado da palavra surge quando ela é utilizada num contexto determinado, contexto onde o ente que somos compreende ser e, assim, compreende os outros entes fazendo surgir o sentido, a direção prévia na qual é possível ser. Só podemos ver a coisa nomeada quando a utilizamos nesse contexto ocupacional em que surge o significado,

²⁶ “El ser del vivir fático se señala en que *es* en él cómo del ser de *ser-posible* él mismo. La posibilidad más propia de sí mismo que el existir (la facticidad) es, y justamente sin que esté “aquí”, se denominará *existencia*. [...] Este ser-posible es un ser-posible concreto, que varía fácticamente según la situación a la cual va dirigido en cada ocasión el cuestionar hermenéutico” (HEIDEGGER, 2000, p. 34-35). A compreensão compreendendo varia conforme a conjuntura em que se desenvolve, em que se explicita, assim como a existência, a possibilidade de ser varia conforme a situação hermenêutica.

quando lidamos com o ente significado. É aqui que a pre-sença se descobre, compreende ser em meio aos entes que abriu num sentido, nesse significar compreensivo²⁷, na ocupação em que já se vive em meio aos significados, significar compreensivo, que remete a uma conjuntura significativa da qual surge, cujo resultado é o significado, que poderá ser estruturado, tornar-se compreensível e, assim, as próprias significações compreensivas, a existência sempre significativa, que se expressa em significações, podem ser explicitadas, os entes em seus modos de lidar, de se ocupar com eles podem ser descobertos. *Be-deuten*, imputa-se à palavra um significado fazendo com que ela indique algo na conjuntura, conforme o contexto hermenêutico em que se lida com algo.

É na circunvisão ocupacional na conjuntura, já compreendida, que aquilo que significamos, nos modos como fazemos, torna-se o sobre o que (*Worüber*) se fala, pois esta estrutura os significados da compreensibilidade gerando uma totalidade significativa onde os entes tornam-se compreensíveis. As significações da lida são articuladas e, assim, surge o sentido que se mantém na compreensibilidade, pois “enquanto aquilo que se articula nas possibilidades de articulação, todas as significações sempre têm sentido” (HEIDEGGER, 2005, p. 219), discurso que, articulando, estrutura uma totalidade significativa que pode “desmembrar-se em significações” (HEIDEGGER, 2005, p. 219), cujo “como” exporá. O exposto articulado é a compreensão compreendendo, é a compreensão hermenêutica, que se apropria do compreendido e, assim, torna-se ela mesma. Tornando-se ela mesma quando da apropriação do compreendido, a compreensão é exposta nas conjunturas em que a pre-sença, vendo o seu entorno circundante, pode lidar num todo significativo já sob a orientação da estrutura “como” hermenêutica, em que, por exemplo, prego com o martelo sem pensar, simplesmente lanço mão dele para pregar e não de qualquer outra coisa. Mas se percebo que ele está quebrado, com defeito o rejeito imediatamente, pois não cumpre sua função, seu para quê foi projetado e aberto.

²⁷ “El significar comprensivo no se dirige primariamente ni a cosas concretas ni a conceptos generales, sino que vive en el mundo circundante inmediato y en el mundo en su conjunto. En este significar, la existencia tiene conocimiento de su mundo; el propio conocimiento es el descubrimiento de la circunstancia respectiva en la que el ente comparece como ente. Lo abierto de este modo puede fijarse aun cuando la cosa mundana respectiva no comparezca ella misma. Es decir, el conocimiento del mundo que nace en el significar comprensivo puede poseerse y custodiarse como significado, como una comprensibilidad en la que se mueve la existencia” (HEIDEGGER, 2004, p. 125).

As significações compreensivas, que possibilitam que vejamos as coisas e pessoas, sem as quais seríamos cegos para o mundo, não se dirige, em princípio, às coisas concretas nem a conceitos gerais, não se dirige a mesa, a essa cadeira, àquele livro nem a conceitos gerais como o de homem, de crítica, de história, de filosofia. Mas o significar compreensivo vive já em seu mundo circundante, familiar, irrefletido, sem mediações, sem reflexão, imediato onde os entes se abrem. Se os entes são mostrados na significação compreensiva, na existência significativa que se expressa significando, é porque o ente que nós somos, e que significa, já é significar compreensivo, se apropria adentrando o ente significativo e o mostra em possibilidades significativas. A partir dessa significação é que derivam os nomes e os conceitos gerais, as palavras, suas articulações verbais. É na significação que a existência tem conhecimento de seu mundo, de suas circunstâncias, de seu ser uns com os outros no mundo, “[...] existencia [que significa] estar juntos uns con otros en tanto que histórico” (HEIDEGGER, 2004, 126). Existência que é, de saída, significativa, seu ek-, o pôr-se para “fora” é *Be-deuten*, signi-ficar, mostrar com sinais, no sentido ativo e transitivo do exercício de mostrar em sinais nos envios e reenvios referenciais de entes na constituição de uma conjuntura, pois a pre-sença, como compreensão, já é dinâmica referencial em uma rede de remissões significativas, mundo aberto por ela que mundaniza nas ações de significar, pois “[...] *Be-deuten* quer dizer “significar”. Remete para o modo pelo qual o mundo se constitui, sendo uma estrutura ontológica” (KIRCHNER, 2007, p. 113).

A cadeira é completamente incompreensível, está oculta se não é compreensível como algo para...sentar, para subir, etc. Não vemos a cadeira, não a compreendemos, não nos ocupamos com ela se ela não se abriu significando na compreensão. A cadeira nos aparece na significância como tendo determinada utilidade, servindo para isso ou para aquilo e essa serventia torna-se tácita, prépredicativa a ponto de não falarmos nada quando sentamos na cadeira ou, quando queremos sentar, buscamos imediatamente uma cadeira e não um chuveiro ou uma caneta.²⁸ “A *aprehensión atemática*, su para qué

²⁸ Como estamos falando de ocupação, nos concentramos na utilidade do manual, em seu ser para...mas, na verdade, o “como” hermenêutico não se refere apenas a utilidade, pois pode-se compreender algo que não tenha utilidade, por exemplo, o modo “como” uma pessoa ama, o modo “como” ouço um pássaro cantar, etc. O canto, o amor para as pessoas não são úteis, não serão utilizadas, estritamente falando não possuem uma finalidade, mas são compreensíveis de algum “modo”, pois já foram abertos em seu ser, sendo no todo conjuntural antecipado por essas pessoas.

(*Wozu*) confiere significado a las cosas, equivale a afirmar que su significado se identifica con el uso que les damos, el significado es dependiente de la función” (BAY, 1998, p. 76), função hermenêutica, cujo discurso faz ver o manifesto, seu referencial, seu sobre o quê (*Worüber*), ou seja, “a manifestabilidade do homem e das coisas” (FERREIRA, 1997, p. 191-2).

Essa serventia tácita significa que a cadeira é o aberto na compreensão e descoberto nos contextos hermenêuticos, cadeira que se abriu na cozinha “como” algo para sentar, para uma criança “como” algo para brincar, etc. Isso que se denominou de cadeira é determinada de acordo com sua função, ao seu ser para, à sua função hermenêutica. A compreensão primária, portanto, se atém a essa serventia, porque significativa, a essa utilidade do manual e tal serventia depende do contexto de uso, da conformidade do útil em relação àquele que o utilizará: uma mesa na cozinha serve para cortar alimentos àquele que cozinha e que se compreende assim, mas na Igreja, “como” altar, não serve para isso, mas para apoiar objetos compreendidos “como” sagrados pelo religioso, objetos que outros podem compreender “como” sendo não religiosos. Dependendo da conjuntura significativa os usos variam, mas sempre é possível sua utilização, pois o ente já se abriu. O apropriado na circunvisão da ocupação de certo “modo” torna-se compreensível, cuja articulação expõe àquele que apropriou e o apropriado, no modo “como” foi apropriado.

Essa estrutura “como” aparece em *Ser e Tempo* como sinônimo de interpretação (*Auslegung*):

O que se abre na compreensão, o compreendido, é sempre de tal modo acessível que pode explicitar-se em si mesmo “como isto ou aquilo”. O “como” constitui a estrutura da explicitação do compreendido; ele constitui a interpretação (HEIDEGGER, 2005, 205).

O compreendido, o apropriado pela compreensão, é o aberto nela e se explicita “em si mesmo”, ou seja, sendo nas remissões referenciais da compreensão que, quando compreende, torna-se ela mesma. Ou seja, como compreensibilidade e, portanto, o aberto na compreensão só pode ser compreendido, só se torna compreensível a partir dela mesma, em sua “[...] compreensão referencial (significância) [...]” onde a pre-sença “[...] constitui e institui, ontologicamente, o mundo como mundanidade e a si mesma como

existencialidade situada no mundo” (FERREIRA, 2013, p. 88).

Se a compreensão torna-se ela mesma quando compreende e, assim, se expõe, isto é, se esse saber-fazer (*know-how*), essa habilidade (*τέχνη*) se expõe naquilo que faz habilmente e se isto é o “como” então, esse “como” é um só, apropriação que só se apropria expondo, só torna seu o que a compreensão abriu como sendo aquilo que será usado na circunvisão da ocupação, em uma totalidade instrumental. No “como” o compreendido, o apropriado, o aberto, no modo “como” foi aberto é exposto na ocupação “como” sendo para..., quando da realização das possibilidades da pre-sença. Descoberto no uso, portanto, o útil, em sua serventia, orienta-se pelas finalidades da pre-sença, o fim do para quê (*Wozu*) reside no modo de ser projetual da pre-sença, cujo poder ser revela os “comos”, a pre-sença desenvolve suas possibilidades, seu poder ser, como o homem desenvolve suas possibilidades de ser lidando com o ente em suas possibilidades significativas e, portanto, como homem e mundo manifestam-se em conjunto.

Em outro livro de Heidegger, *Lógica, la pregunta por la verdad*, essa estrutura “como” aparece como sendo “a estrutura da compreensão primária” (HEIDEGGER, 2004, p. 119), pois o “como” hermenêutico é um fenômeno unitário que reúne compreensão e interpretação. Não há interpretação, portanto, se a compreensão não compreendeu, não vê, o mundo não se abriu. Tal estrutura de explicitação do compreendido, da explicitação pre-sença como compreensão, revela a reunião entre compreensão e interpretação, reunião hermenêutica, apropriação conjuntural da compreensão e desenvolvimento das possibilidades projetadas nela.

O “como” não ocorre pela primeira vez na proposição. Nela, ele apenas se pronuncia o que, no entanto, só é possível pelo fato de já se oferecer a ser pronunciado. É no discurso que a pre-sença se pronuncia, que seu ser-com é partilhado, mas que só pode se pronunciar e partilhar seu sendo com os outros, se já existir: “O ser-com já é só que ainda não partilhado porque não apreendido e apropriado” (HEIDEGGER, 2005, p. 221), apropriação que é o retorno da projeção significativa que descobre aquilo com que a pre-sença se ocupa, mostrando os significados de algo para aquele que significa e assim o discurso pode ser articulação significacional da compreensibilidade, ou seja, só nesse retorno de significados e na lida é que eles podem ser articulados e surgir o sentido prévio

que constitui o horizonte da compreensão.

No ver dessa visão ante-predicativa do “como” não há necessidade, portanto, de proposição, apesar de já existir articulação de sentido a partir da qual a pre-sença se exporá e poderá enunciar. Esse ver da visão, a ação de ver como explicitação hermenêutica das referências, o “como”, permite que Heidegger afirme que, existencialmente, o “como” é “anterior” à compreensão, lhe estrutura: “o fato de o “como” não ser pronunciado onticamente não deve levar a desconsiderá-lo enquanto constituição existencial a priori da compreensão” (HEIDEGGER, 2005, p. 206), pois ele é estrutura da explicitação do compreendido e, portanto, só é explicitado se houver o que tiver de ser explicitado, o compreendido, e só se pode explicitar o que já foi apropriado. O apropriado o é de um modo, no modo de ser compreensivo hermenêutico, no modo “como” lida na ocupação, nos afazeres cotidianos, familiares em que não se questiona quando se faz, simplesmente apropria-se de significações e explicita significando, pois já traz consigo de modo originário a estrutura que lhe permite, nas diversas conjunturas, realizar atividades banais, pois seu mundo prático já foi compreendido. É permanentemente apropriado quando dessas atividades onde desencobre-se o modo de ser hermenêutico projetual da pre-sença, seu poder ser, aquilo para o qual tende.

Essa apropriação que explicita o apropriado é a própria percepção do ente que vem ao encontro. Percepção que já pressupõe interpretação e compreensão, ou seja, o “como” (*als*), pois “[...] toda e qualquer percepção de um instrumento à mão já é compreensão e interpretação [...]” (HEIDEGGER, 2005, p. 206), interpretação, *Auslegung*, que é pôr-se para “fora”, no desenvolvimento do *Verstand* (compreensão), no dar-se do *Verstand* como *Verstandlichkeit*, *lichkeit* que compõe também *Weltlichkeit*, mundanidade. Pois bem, Rodríguez defende o “caráter interpretativo de la percepción” e que esta percepção intenciona o objeto sustentado no “como” hermenêutico, “síntese operante implícita” de onde surge o significar no retorno da compreensão projetiva significativa que manifesta o ente:

Lo percebido en la percepción, es decir, el sentido de esta percepción precisa es, pues, el rendimiento de esa articulación del sentido como estructura anticipativa con el ente afrontado, articulación en virtud de la cual este aparece inmediatamente como “taza”. Si por fidelidad a las cosas mismas la fenomenología ha insistido siempre, contra toda concepción empirista del

aparecer, que lo dado en la percepción es siempre un objeto intencional (ya “constituído”) y no ningún tipo de suceso psíquico (impressions, sensaciones, etc), podemos entender el “en cuanto” hermenéutico como la síntesis implícita operante que sostiene el objeto intencional de la percepción. (RODRÍGUEZ, 2012, p. 189)

O percebido na percepção é o ente no horizonte de sentido antecipado e articulado, é o descoberto na conjuntura significativa, imediatamente, o percebido é o ente num contexto significativo em que ele pode ser com sentido, possa desenvolver seu ser. O caráter perceptivo da exposição (*Auslegung*) do compreendido revela que o “como” hermenéutico não é intencional, mas possibilita o “objeto” que se intenciona perceber, o percebido o é assim ou assado, em “comos”. Ou seja, o “como” hermenéutico é uma síntese implícita que sustenta a percepção e cujo objeto intencional surge como percebido, como apropriado por uma percepção passiva que percebe o sentido do apropriado articulado num horizonte de significações hermenêuticas, num trânsito de sentido dado previamente e que surge da significação da pre-sença, da compreensão até a sua exposição. Não é mais percepção como representação da ideia, a percepção não visa a sua adequação com essa ideia para alcançar a verdade, mas a percepção se dá conjuntamente com o dar-se da significância num sentido previamente interposto, sentido que dará a direção e tornará possível a percepção.

A síntese implícita” do “como” sustenta a intencionalidade da percepção passiva do percebido, o significado com sentido, que deriva do “como” hermenéutico, “como” sendo isso ou “como” sendo aquilo, o ente aparece em seu ser sendo e será percebido nessas suas possibilidades de ser “como”. A ação de articular as significações percebidas, quando a pre-sença se faz conjuntamente, faz surgir o sentido prévio no qual foi possível significar na ocupação. Esse mundo de significações é o primariamente significativo, significância que será articuladamente exposta nas confrontações com os diversos entes significativos nas conjunturas, “como” com o caráter de percepção que, quando diante de algo, desenvolve a compreensão nessas diversas conjunturas, expondo o ente a seu modo, no modo de ser da pre-sença que compreende.

O “como” em sua apropriação e exposição já é desenvolvimento das possibilidades projetadas na compreensão (HEIDEGGER, 2005, p. 204), já visa à realização de si, de sua apropriação que retira sua direção dessa projeção e a antecipa e é, portanto,

apropriação da rede de remissões referenciais significativas abertas na compreensão e exposição do ente particular preso àquela rede de remissões. Daí Heidegger afirmar, como dito anteriormente, que “no uso do instrumento relógio, manuseados discreta e diretamente, a natureza do mundo circundante também está a mão” (HEIDEGGER, 2005, p. 113), o manusear, os modos de lidar revelam sua função descobridora. Descobre-se o mundo de modo hermenêutico, as remissões referenciais significativas daquele que manuseia, no modo como manuseia.

O relógio, por exemplo, é percebido e descoberto em seu ser, sendo, remetendo referencialmente na significância aberta na compreensão e, assim, percebido como instrumento que mostra o tempo cronológico, diferente para um outro modo de ser, por exemplo, para indígenas, para os quais o relógio não tem qualquer sentido. “O “enquanto” é um momento estrutural do que chamamos de mundo” (KREIBICH, 2017, p. 10), pois é síntese implícita de significações percebidas que podem ser articuladas e enunciadas em palavras decorrentes dessas significações. Afirma Rodríguez (2012, p. 186) que Heidegger remonta a estrutura do “como” hermenêutico, estrutura essencial da pre-sença, como a unidade de síntese e diarese com que Aristóteles caracteriza o *logos* enunciativo, o discurso apofântico.²⁹ É, portanto, o “como” que possibilita a re-união da síntese e a diarese e possibilita o discurso apofântico. De acordo com Stein (2010, p. 21) o *logos* hermenêutico é o “como” hermenêutico, comportamento fundamental da pre-sença, síntese implícita que re-une, nos contextos conjunturais, síntese e diarese, mostrar e ocultar, velado e desvelado. Ora, se mostra, ao mesmo tempo, a síntese e a diarese, as ligações significativas e o desligado, é porque trata-se de possibilidades, do sendo do ente ainda sem forma, como discutimos acima, em que as possibilidades, a abertura que é a compreensão, compreende o ente, o abre em possibilidades, o ente em seu ser sendo, referenciando-se. Articuladas as significações, os entes desencobrem-se num “modo” e se encobrem em seus outros “modos” possíveis, ambos nesse horizonte hermenêutico significativo em que a pre-sença pode ser.

A síntese apofântica não é ligação e combinação de representações, manipulações de ocorrências psíquicas, mas o *sin* apofântico é deixar e fazer ver algo “como” algo na

²⁹ Heidegger trata da estrutura “como” do ponto de vista da lógica em *Lógica, La pregunta por la verdad*, 2004.

medida em que se dá em conjunto com outro. A síntese mostra algo na medida em que esse algo se dá conjuntamente a outro algo, a síntese faz ver, manifesta algo remetendo a um conjunto, uma mesa como altar na Igreja, por exemplo. O que não se dá em conjunto permanece separado, em diárese e, portanto, não visualizado. Nesse “como” que reúne, às vezes, opostos, o compreendido no uso, o martelo, como instrumento que serve para pregar pregos na obra, pode ser explicitado como um instrumento que serve para matar, uma arma. A instrumentalidade do instrumento, a instrumentalidade do martelo, o martelar, como campo de ação significativa aberto em que a pre-sença pode ser e descoberto na lida significativa de uma pre-sença que está sendo, deve ser de determinado modo para adequar-se ao poder ser aberto e descoberto na compreensão projetiva. A compreensibilidade, o modo como a pre-sença vai, hermeneuticamente, expondo o apropriado, os modos como o vivenciado na ocupação vai sendo percebido em suas significações é exposto como mundo, mundaniza, “munda” na conjuntura, ou seja, o aberto na compreensão é descoberto como um todo quando sendo com os outros, é toda abertura que surge.

O conceito sussurado da vivência primordial assume um sentido bem marcante: ele designa a percepção assim como ela realmente se realiza – além das opiniões teóricas a respeito. A cátedra *munda* significa então: eu vivencio o significado da cátedra, sua função, sua localização no espaço, sua iluminação, as pequenas histórias que entram nela (uma hora antes outra pessoa esteve aqui parada; a lembrança de um trajeto que cumpro para chegar aqui; meu desgosto porque estou sentado aqui diante da cátedra ouvindo essas coisas incompreensíveis, etc). A cátedra *munda*, isto é, reúne todo um mundo, espacial e temporal. Pode-se muito bem tirar a prova disso. Se mais tarde nos lembrarmos de toda uma situação de vida (SAFRANSKI, 2013, p. 114).

Na percepção o mundo aberto na compreensão se dá no modo como foi vivenciado, “como” que reúne o mundo todo e que se dá nas percepções conjunturais. A pre-sença humana escuta a voz de um amigo que ela traz consigo desde sempre e que lhe constitui, traz sua voz no modo como acontece nossa amizade, não como ela é em si. Escutar, falar, se comportar é sempre sobre algo, algo que é o mundo mesmo no modo como foi aberto na compreensão e que se dá nas conjunturas quando da apropriação e realização de si da pre-sença, quando o mundo se dá reunido, desvelando o modo como a pre-sença humana se ocupa de seu mundo e, ao mesmo tempo, velando, o modo como o mundo vem sendo percebido, o modo como vivencia significativamente suas vivências, como vem sendo exposta (*Auslegung*) a compreensão. O mundo da pre-sença mundaniza nas conjunturas

nos modos “como” são vivenciados significativamente aquilo com que se faz junto. A cátedra é para sentar ou é para brincar, para subir, ou não é para nada.

Assim também é com a vivência do vento sudeste como sinal de chuva, com a vivência significativa deste signo na totalidade instrumental significativa. A mundanidade do mundo se dá quando vivencio o vento sudeste como sinal de chuva, pois a pre-sença já vivencia conjuntamente, já carrega em seu ser, como sendo uma de suas possibilidades, a compreensão de que o vento sul indica, significa chuva. Nessa significação o mundo “munda”, reúne o modo “como” o vento sul nos tornou compreensível, o modo como a pre-sença se apropriou e desenvolve seu ser frente a este signo na significância. É a conduta toda que se desvela quando interpreta o signo numa totalidade significativa constituída historicamente na compreensão, que é hermenêutica, que traduz o ente significativo com que se ocupa a partir do mundo significativamente estruturado de onde sempre se fez.

Com esse modo hermenêutico de ser, que é a compreensão se expondo, é que Heidegger pode afirmar que nosso ser é orientado às coisas e aos homens, pois só sendo hermeneuticamente assim a pre-sença humana pode ser sendo, nessa dinâmica de apropriação significativa primeira do mundo e, assim, se constituir. Desse modo, nosso sendo, sendo em totalidades antecipadas, sendo no mundo, que vai sendo constituído nos modos de se ocupar com entes diversos e se apropriando deles, é um comportamento que tem a estrutura do algo como algo, modo como o manual aparece para pre-sença humana em sua manualidade, como ela o percebe na conjuntura significativa. No modo hermenêutico não estou, necessariamente, enunciando, apesar de poder. A interpretação pode não pronunciar nenhuma palavra, mas sempre já interpretamos quando diante do fenômeno que é para nós, sempre já interpretamos quando temos de mudar a ferramenta quando queremos martelar e o martelo está quebrado e, portanto, buscamos outra “coisa” como um ferro, madeira, etc. que atendam a finalidade de “martelar”, dessa ação significativa.

Compreensibilidade, como dissemos, significa *hermenéia*, conduta fundamental da existência, conduta enunciativa descobridora, “comportamento veritativo” (RODRÍGUEZ, 2012, p. 192) antepredicativo, em que a compreensão circunvisiva se

desenvolve significando conforme a apropriação que adentra o ente que aparece frente a ele, que surge e, assim, eles aparecem à pre-sença no modo como foram compreendidos. Significação que surge no “momento” da percepção, comportamento num campo aberto de significados familiares, cujas ações possíveis num horizonte significativo são irrefletidas e, por isso, constituem mais profundamente a pre-sença, lhes motiva mais profundamente.

Nossa conduta, nosso comportamento é hermenêutico no-com o mundo, com as pessoas e coisas. Essa conduta pode se surpreender, por exemplo, quando falo que a caixa é pesada, quebrando expectativa. Esse falado refere-se a lida significativa e descobre significativamente o comportamento frente a esse ente, a lida significativa com a caixa, que é o sobre o quê da fala e que é compreendido “como” isto ou aquilo. O com que se lida, o aberto, torna-se o sobre o quê que é mostrado “como” algo porque compreensível. Esse sobre o quê, quando enunciado, encobre o modo como foi aberto, o modo como me comporto frente a este ente, encobre o com que lido, pois não está mais referido a lida compreensiva, mas à proposição, ao “pesado” da caixa, a um aspecto seu.

Significando os entes que se abrem na significância, a pre-sença humana significa a si própria, pois na lida com a mesa na cozinha, cortando alimentos, me compreendo como aquele que cozinha, que deve seguir regras práticas para atingir o fim projetado, mas na lida com a mesa servindo para colocar utensílios religiosos me compreendo como fiel. Como afirma Grondin (1999, p. 163) para que nossa compreensão se antecipe ela “[...] se orienta segundo determinados esboços inexpressos que [...] corporificam a possibilidade de nós mesmos, do nosso poder ser[...]”, pois em sua constituição em remissões significativas a pre-sença já é possibilidades, poder ser si mesma sendo com as outras possibilidades de ser, do ente que abriu e, por isso, ela pode ser assim num momento ou pode não ser, pode ser de um modo em um local e em um mesmo local em outro momento pode ser de outro jeito.

“Esboços inexpressos” remete, mais uma vez, a esse aberto na compreensão e indiscernível a ela, pois é ela mesma, é esse indiscernível projetado e antecipado que orienta os modos “como” esses entes se explicitam e delimitam seu uso. Nas diversas situações hermenêuticas, em que pre-sença interpreta em conformidade (*Bewandtnis*)

com seu ser, com suas possibilidades, o ente com que se ocupa surge significando ou enquanto (*als*) isso ou aquilo, ou seja, na medida em que a mesa é descoberta como sendo para cortar alimentos, encobre-se como sendo para apoiar objetos religiosos. Daí a relação da significação com a conjuntura, na medida em que a significação surge da compreensão remissiva na lida que abre significações na conjuntura quando interpreta e, assim, desenvolve as possibilidades de ser, de significar. A interpretação ou exposição (*Auslegung*) do compreendido, portanto, expõe as conjunturas onde o ente pode ser visto. É por isso que Heidegger afirma:

Se, porém, toda e qualquer percepção de um instrumento à mão já é compreensivo-interpretativo, e assim permite, na circunvisão, o encontro de algo como algo, não será que isso significa que primeiro se faz a experiência de algo simplesmente dado para depois apreendê-lo *como* porta ou *como* casa? Isso seria um mal-entendido a respeito da função específica de abertura da interpretação. Ela não lança, por assim dizer, um “significado” sobre a nudez de algo simplesmente dado, nem cola sobre ele um valor. O que acontece é que, no que vem ao encontro dentro do mundo como tal, a compreensão já abriu um conjuntura que a interpretação expõe (HEIDEGGER, 2005, p. 206).

A compreensão compreendeu e o aberto nessa compreensão, o compreendido, é exposto pela interpretação. Por isso a compreensão é de algo (1) como algo (2), algo (2) exposto pela interpretação circunvisiva na conjuntura como algo (1) aberto na compreensão, o compreensível ou como sendo algo (2) para, útil em seus fins particulares remetendo referencialmente aos “fins” da totalidade projetada do algo (1). Não há um sujeito intérprete que “cola” um significado no interpretado a seu modo, mas a interpretação realiza faticamente a compreensão de algo que veio ao encontro no mundo. Ela expõe o compreendido nas remissões significativas, remetendo às diversas significações nas quais surge o ente interpretado, remissões que são a conjuntura que a interpretação expõe, onde a pre-sença humana se faz junto àquilo com que se ocupa. Só interpreto algo a partir de algo, só interpreto a “mesa” a partir da projeção significativa do modo de ser da pre-sença nas ocupações cotidianas, mesa que é aberta em suas possibilidades para a pre-sença humana no mundo.

A percepção do manual em sua manualidade já é interpretação, compreensão compreendendo na circunvisão da conjuntura em que o ente é aberto em suas possibilidades conjunturais, pois não fazemos primeiro a experiência de algo

simplesmente dado para, depois, apreendê-lo, mas a pre-sença já o compreendeu em suas possibilidades, compreensão que será exposta na conjuntura circunvisiva e, assim, tornada ela mesma. A exposição (*Auslegung*) não “lança ou cola” sobre o interpretado um significado ou valor, não lança um signo ou valores subjetivos, não interpreta o “fato”, a “coisa” lá fora. Não há o intérprete de um lado e o a ser interpretado do outro, mas a dinâmica de remissões referenciais significativas já são compreendidas quando da interpretação que expõe, pois a pre-sença já existe, já está “fora” quando compreende, quando convergem as referências significativas (mundo) às quais a compreensão se atém como o contexto de suas referências, nas quais ela se deixa referenciar. Assim, o aberto num modo de ser é exposto como algo que realiza esse modo de ser. Sendo uma estrutura significativa aberta, a compreensão já está sendo, ela não vai se constituindo progressivamente, como se a ela lhe faltasse algo e em seu desenvolvimento ela fosse preenchendo essa falta ou a suprimindo, mas, na medida em que ex-siste, ela já é, está sendo, expondo-se, ex-sistindo, num permanente pôr para “fora” de um “dentro”.

A conjuntura aberta na compreensão que a interpretação expõe, a apropriação de si da compreensão e o desenvolvimento de suas possibilidades, encobre-se quando da interpretação circunvisiva. Quando a compreensão compreende ela vela a totalidade conjuntural que abriu e, por isso, a interpretação pode ser desenvolvimento da compreensão, desenvolvimento das possibilidades da compreensão rumo a totalidade conjuntural vista, pois projetada.

Tudo o que está à mão sempre já se compreende a partir da totalidade conjuntural. Esta, no entanto, não precisa ser apreendida explicitamente numa interpretação temática. Mesmo quando sofre uma interpretação, ela se recolhe novamente numa compreensão implícita. E é justamente nesse modo que ela se torna fundamento essencial da interpretação cotidiana da circunvisão. Essa sempre se funda numa *posição prévia*. Ao apropriar-se da compreensão, a interpretação se move em sendo para uma totalidade conjuntural já compreendida. A apropriação do compreendido, embora ainda entranhado, sempre cumpre o desentranhamento guiada por uma visão que fixa o parâmetro em função do qual o compreendido há de ser interpretado. A interpretação sempre se funda numa *visão prévia*, que “recorta” o que foi assumido na posição prévia, segundo uma possibilidade determinada de interpretação. O compreendido, estabelecido numa posição prévia e encarado numa “visão providente” (*vorsichtig*) torna-se conceito através da interpretação. A interpretação pode haurir conceitos pertencentes ao ente a ser interpretado a partir dele próprio, ou então forçar os conceitos contra os quais o ente pode resistir em seu modo de ser. Como quer que seja, a interpretação sempre já se decidiu, definitiva ou provisoriamente, por uma determinada conceituação,

pois está fundada numa *concepção prévia* (HEIDEGGER, 2005, p. 206-207).

Na totalidade conjuntural a compreensão referencial constitui o ser do ente. Quando muda-se a conjuntura, muda-se a compreensão referencial, mas não a possibilidade de compreender referencialmente. A totalidade conjuntural aberta na compreensão antecipatória, porém, se encobre quando de sua exposição na ocupação circunvisiva que tematiza. Essa estrutura prévia é o que a hermenêutica chama de pré-compreensão que “orienta a compreensão humana e que emerge de uma situação existencial e demarca o enquadramento temático e o limite de validade de cada tentativa de interpretação” (GRONDIN, 1999, p. 159), pré-compreensão interpretante elementar das coisas do meio, ao nível do ser-aí realizada pelo “como” hermenêutico (GRONDIN, 1999, p. 161).

A compreensão, por ser um compreender hermenêutico, situacional, conjuntural, vai se explicitando nesse fazer em conjunto conforme suas possibilidades de ser e conforme sua estrutura prévia: a posição prévia, a visão prévia e a concepção prévias, a compreensão mediana, impessoal. Essa estrutura prévia, quando do desenvolvimento conjuntural da pre-sença, vai sendo acessada de diversos modos que lhe impulsionam para uma totalidade conjuntural prévia, para constituir uma visão previdente que antecipa as remissões referenciais que explicita e que lhe orienta e para uma conceituação prévia, impulsão que a exposição da pre-sença, como sendo em modos diversos, já parte.

A exposição do compreender, portanto, depende dos modos de acesso à sua estrutura, dos modos de apropriação do compreendido pela compreensão. A exposição realiza esse prévio, no modo como os compreende e os explicita, estrutura prévia que, porém, se vela, o compreender referencial se torna implícito. A posição num todo conjuntural, o recorte desse todo numa visão antecipatória e a concepção a partir da qual parte a apropriação para se apropriar se velam, se ocultam e a compreensão torna-se implícita, permitindo novas compreensões, novos modos de ser. Em seu desenvolvimento conjuntural, portanto, o compreender acessa sua estrutura prévia de diversos modos para realizar-se, estrutura que se modifica quando desse acesso, da apropriação do compreendido, do que se tornou compreensível na circunvisão da ocupação. O “como”, portanto, é central, pois é o acessar se apropriando e expondo na ocupação, os modos que o acessível foi apropriado e exposto, descoberto.

Essa estrutura prévia não é um ente a partir do qual a compreensão compreende, não se trata de um pressuposto fixo que vai sendo esgotado no decorrer de sua explicitação, mas o essencial é o modo “como” se acessa essa estrutura prévia, acesso que é apropriação e, portanto, exposição. O acessar já é realizado de um modo em que ele mesmo, o modo de acessar, já está implicado. Os modos de acessar seus pressupostos, ou seja, os modos em que se realiza, se explicita já são o que deve ser compreendido, pois nesses modos, nesses “comos” a própria pre-sença se insere, se apropria e, portanto, se expõe. Não há, portanto, uma essência por trás do que aparece, não há uma estrutura fixa exaurida por seu aparecimento, mas o que há são modos, “comos” em que a pre-sença vê, se posiciona, conceitua e, assim, se expõe nas conjunturas circunvisivas.

Os modos de se acessar essa posição, visão e concepção prévios são os modos de ser da pre-sença em cada caso, pois a pre-sença se faz junto com os outros e, a partir desse fazer-se conjuntural, acessa essa estrutura prévia de diversos modos, em diversos “comos” que são os modos com que se desenvolve, os modos como desenvolve suas possibilidades de ser, os modos como se realiza. A posição em que se encontra na conjuntura, o futuro que visa e as noções, as concepções prévias a partir das quais se expõe, fala, conceitua, age são as estruturas estruturadas historicamente que estrutura o que se estruturará. O modo “como” a porta tornou-se compreensível é por referir-se ao modo como ela foi aberta no ser da pre-sença, no indiferenciado da compreensão, ou seja, no modo como a pre-sença, sendo abertura, abriu esse ente, mas que, nesse aberto, ele é indiscernível desse modo de ser dela, é ela mesma, a pre-sença, como compreensão.

Esses são os pressupostos da exposição da compreensão que sempre parte de uma visão, posição e concepção prévias, visão que lhe antecipa o futuro, posição a partir da qual vê e conhece e concepção que se apropria do transmitido, estrutura prévia que dirige a exposição em “comos” na conjuntura e, portanto, dirige a realização do que se é, o desenvolvimento do modo de ser. O “como” hermenêutico, que se apropria dessa estrutura prévia e a desenvolve nos contextos conjunturais. Essa estrutura prévia é o próprio compreender, o “como” hermenêutico da pre-sença humana que se comporta apropriando-se de entes na totalidade conjuntural significativa previamente compreendida e da qual retira sua orientação e expõe-se nos contextos conjunturais em

que se faz em conjuntamente com os entes com os quais se ocupa num horizonte de sentido dado.

Heidegger (2005, p. 207) se pergunta se há nexos ontológico-existencial entre o projeto e, de outro lado, o “como” hermenêutico e a estrutura prévia da compreensão, se há algo que os liga. Ora, o projeto é a constituição ontológico-existencial do espaço de articulação do poder ser de fato da pre-sença, é o espaço em que ela espacializa, em que ela pode ser suas possibilidades, pode ser como isso ou como aquilo. Abrindo espaços em que ela pode ser nas conjunturas, quando expõe seus modos de ser, tais exposições de si nas conjunturas como possibilidades são modais. São nesses encontros conjunturais entre a pre-sença humana projetante e os outros entes, entre o comportamento adequado e os entes que se abrem em suas possibilidades é que surge o “como” (*Als*), o intérprete e o interpretado surgem conjuntamente, se expõe em diversos “comos”. É somente por isso que o ser do “pré”, o sendo, recebendo sua constituição da compreensão projetiva que retorna como abertura de possibilidades para poder ser, tanto é o que será quanto é o que não será e só assim ela pode, ao se compreender, dizer: “sê o que tu és!”.

No projeto da compreensão, o ente se abre em sua possibilidade. O caráter de possibilidade sempre corresponde ao modo de ser de um ente compreendido. O ente intramundano em geral é projetado para o mundo, ou seja, para um todo de significância em cujas remissões referenciais a ocupação se consolida antecipadamente como ser-no-mundo. Se junto com o ser da pre-sença o ente intramundano também descobre, isto é, chega a uma compreensão, dizemos que ele tem sentido. Rigorosamente, porém, o que é compreendido não é o sentido, mas o ente e o ser (HEIDEGGER, 2005, p. 208).

A compreensão tem o caráter de projeto, de poder ser e nela o ente abre-se em suas possibilidades conforme aquilo que a compreensão pode ser, aquilo que ela projeta, possibilidade que corresponde ao modo de ser do compreendido, modo de ser desse ente é suas possibilidades. O ente que se abre em suas possibilidades é tanto o ente que somos como aquele com o qual lidamos, possibilidades que correspondem ao modo de ser de qualquer desses entes compreendidos, pois, compreendendo ser, a pre-sença compreende outros entes. A possibilidade do ente, o que ele pode ser corresponde ao seu modo de ser, ao modo de ser desse ente que já foi previamente compreendido, já foi previamente aberto nas possibilidades projetadas pela compreensão quando da ocupação familiar, irrefletida e, assim, o ente foi aberto para o mundo, para o todo da significância, projetado

para esse mundo. Como diz Heidegger, “Se junto com o ser da pre-sença o ente intramundano também descobre, isto é, chega a uma compreensão, dizemos que ele tem sentido”, ou seja, se conjuntamente descobrem-se as possibilidades da pre-sença e o ente intramundano então chega-se a compreensão do compreendido, o ente passa a ter sentido, passa a ser compreensível, o ente é apropriado em suas possibilidades conforme seu modo de ser descoberto.

Os entes que se abrem na compreensão projetiva da pre-sença abrem-se como possibilidades de ser e é por isso que, rigorosamente, o compreendido não é o sentido, mas o ente e o ser, ou seja, as possibilidades de ser, se o ente é e pode ser numa conjuntura ocupacional. O que surge nessa relação entre homem e mundo, em que o homem, compreendendo projetivamente na significância familiar, abre possibilidades em que o mundo se abre para ele é o sentido, a orientação da pre-sença na qual os entes podem se abrir em seu ser, pois é o articulável na abertura da compreensão.

Sentido é a perspectiva em função da qual se estrutura o projeto pela posição prévia, visão prévia e concepção prévia. É a partir dela que se torna compreensível algo como algo” (HEIDEGGER, 2005, p. 208).

O algo compreendido torna-se compreensível, pois apropriado num “como” hermenêutico, de um modo ou de outro, compreensibilidade que, quando articulada, estrutura-se um todo de significação com sentido em que aquele algo é explicitado. Na direção de um sentido, o compreendido, o apropriado (o homem apropria-se de si quando se apropria dos entes com os quais lida significativamente), o compreensível pode ser articulado em significações com sentido, articulação que explicita a pre-sença no modo “como” escuta, no modo “como” silencia, no modo “como” fala, no modo “como” usa os instrumentos sempre sendo para isso ou para aquilo, remetendo em função de si, ou seja, nos modos “como” articula o compreensível e o expõe.

Essa perspectiva, o sentido, estrutura o projeto, o espaço de articulação do poder ser de fato da pre-sença em sua estrutura existencial prévia. O que pode ser articulado no “como” hermenêutico são as possibilidades perspectivadas em que a pre-sença pode ser fatualmente ou apenas como possibilidades num sentido. Só a pre-sença, portanto, “tem” sentido, pois só ela abre os entes em sua significação com sentido para a compreensão:

“A pre-sença só “tem” sentido na medida em que a abertura do ser-no-mundo pode ser “preenchida” por um ente que nela se pode descobrir” (HEIDEGGER, 2005, p. 208) na circunvisão da ocupação, onde pode-se descobrir o ente na totalidade instrumental significativa com sentido.

É em função dessa perspectiva que a projeção da compreensão pode abrir possibilidades, que a pre-sença pode ser quando compreender ser e só nessa perspectiva é que algo pode ser compreendido como algo. O sentido é uma estrutura anterior a compreensão e que lhe dá a direção e os limites e é onde os entes podem aparecer em seu ser, nos significados dos entes, e é onde a compreensão compreende ser se remetendo às referências da conjuntura. Só nessa direção perspectiva é que algo pode surgir como sendo algo para, a caneta como sendo para escrever na conjuntura, remetendo seu ser à totalidade conjuntural que lhe constitui, aberta em função do ser da pre-sença. Só nessa direção perspectiva antecipada é que as ações significativas podem realizar seus desígnios.

Só assim o próprio ser da pre-sença e o ente que se lhe abre podem ser “apropriados na compreensão ou recusados na incompreensão” (HEIDEGGER, 2005, p. 208), ou seja, só assim as possibilidades perspectivadas abertas pela compreensão e o ente que é descoberto nelas podem ser apropriados na compreensão, interpretados ou recusados como sem sentido. O sentido é, portanto, a perspectiva em que a pre-sença pode ser em conjunto com os entes que se abrem, é o modo de dar-se da pre-sença, de suas possibilidades. Como fundamento do discurso, o sentido é a totalidade de referências das possibilidades de significação do homem e do mundo, é a possibilidade de existência do homem e do mundo no “como” o qual “abre acesso a toda e qualquer significação” (FERREIRA, 1991, p. 205), pois é exposição das possibilidades da pre-sença.

De acordo com Heidegger (*apud* KIRCHNER, 2007, p. 217) sentido significa originariamente: viajar, aspirar por..., tomar e seguir uma direção; a raiz indo-germânica *sent* significa caminho, ou seja, é a orientação da pre-sença, seu projetar que abre possibilidades, caminhos, numa determinada direção (*Sinn*). De acordo com Colpo (2007, p. 85), no volume II da tradução de *Ser e Tempo* para a língua portuguesa, Heidegger fala sobre o sentido:

[...] sentido é o contexto no qual se mantém a possibilidade de compreensão de alguma coisa, sem que ele mesmo seja explicitado ou, tematicamente, visualizado. Sentido significa a perspectiva do projeto primordial a partir do qual alguma coisa pode ser concebida em sua possibilidade como aquilo que é. O projetar abre possibilidades, isto é, o que possibilita... Dizer que este ente tem sentido ‘significa’ que ele se tornou acessível em seu ser, que só então, projetado em sua perspectiva, ele propriamente ‘tem sentido’. O ente só tem sentido porque, previamente em seu ser, ele se faz compreensível no projeto ontológico, isto é, a partir da perspectiva do ser. É o projeto primordial da compreensão do ser que ‘dá’ sentido” (HEIDEGGER *apud* COLPO, 2007, p. 85).

O sentido são possibilidades onde a compreensibilidade de algo se dá sem ainda ocorrer a tematização do ente, âmbito em que o ente pode ser em seu significado, pode ser-lhe dado uma significação com sentido e, assim, a própria compreensão compreender ser, compreensão que antecipa o sentido quando abre o campo de significações que possibilita a lida significativa e que serão articuladas como compreensibilidade. “O sentido, que surge da articulação da compreensão interpretativa, realiza a incorporação da possibilidade de ser” (FERREIRA, 1997, p. 205), ele abre possibilidades em que o ente pode ser em seu significado quando da compreensibilidade de algo, quando do descobrimento do ente no projetar de algo como algo. O caminho que o projetar num sentido abre é o contexto em que há a possibilidade de compreensão de algo, mesmo que ainda não tenha sido compreensível, mesmo que o ser do ente ainda não tenha se tornado compreensível neste projeto ontológico. É o projeto primordial da compreensão de ser, projeto característico da compreensão como poder ser antecipado, como visão que vê o ente nas remissões referenciais da significância aberta. O sentido é o contexto significativo prévio em que o ente que compreende ser, compreendendo, antecipa suas possibilidades de ser “como” algo na conjuntura, em que o ente pode ser, de um modo ou de outro, quando se faz conjuntamente com outros entes.

Como “aparelhamento existencial-formal da abertura pertencente à compreensão” (HEIDEGGER, 2005, p. 208) o sentido perspectiva a compreensão projetiva em determinadas possibilidades e só a partir dessas possibilidades é que a abertura hermenêutico-existencial pode ser formalizada no discurso que expõe o modo de ser da pre-sença, o modo “como” o homem está sendo em meio aos demais entes, sentido que será expresso quando do descobrimento significativo dos entes na conjuntura. Buscando compreender o ser num horizonte de sentido, o questionamento sobre o que é já retira

sua direção do modo “como” se abriu na compreensão que, tornando compreensível o aberto, ele pode ser articulado e enunciado, explicitando o sentido prévio, pois toda procura retira do procurado sua direção prévia num sentido já disponível, onde a compreensão do sentido de ser se move. O sentido é virtualmente inesgotável, portanto, quanto às possibilidades significativas que podem ser abertas nele quando o ente que compreende ser, se apropria de si, interpreta, pois “[...] interpretação é o nome da ação, da concretização ou realização (exposição) do sentido interposto” (FOGEL, 2012, p. 97).

Se interpelamos³⁰ o ente como coisa já nos situamos num horizonte ontológico de sentido de coisificação, o que deriva dessa interpelação é a realidade, coisalidade, um intramundano quando, na verdade, a possibilidade de questionamento do que significa o ente já se move num horizonte hermenêutico de compreensão do sentido de ser, cujos entes são em conformidade (*Bewandtnis*) com o ser da pre-sença.

Que ente há de ser pré-tematizado e estabelecido como base pré-fenomenal? A resposta comum seria: as coisas. Com essa resposta evidente, no entanto, talvez não se obtenha a base pré-fenomenal que se procura. Pois, ao se interpelar o ente como “coisa” (*res*), já se recorre implicitamente a uma caracterização ontológica prévia. A análise que estende a questão dos entes para o ser já se depara com coisalidade e realidade. Desse modo, a explicação ontológica encontra, sempre e continuamente, caracteres ontológicos como substancialidade, materialidade, extensão, justaposição etc. (HEIDEGGER, 2005, p. 109).

Quando interpelamos o ente como coisa já pressupomos que ele seja uma coisa. A análise que segue nessa direção, buscando o ser do ente e partindo da compreensão de que ele seja uma “coisa”, acaba por encontrar essências ao modo da tradição, fundamento de um lado e o fundado de outro. Se a compreensão, quando compreendeu, abriu entes como sendo coisas a antecipação da compreensão e sua exposição num “como” exporá coisas, realidade, substancialidade, essência. O questionamento sobre algo retira sua direção daquilo que é previamente questionado, mas isso que é previamente questionado não é “conhecido”, nem por isso é totalmente desconhecido e, só por isso – por não ser “desconhecido, mas também não ser “conhecido” - é que se pode questionar esse algo seguindo o caminho dado pelo horizonte de sentido em que isso que não é conhecido

³⁰ Interpelação, procura que é liberdade, não determinação entitativa, mas liberdade como possibilidade.

nem desconhecido, ou seja, que é apenas medianamente compreendido, foi exposto na visão na ocupação circundante. Assim como o questionamento, o “como” sempre retira sua direção do pré-compreendido que, articulado em significações, possibilita a exposição hermenêutica do ente na circunvisão da ocupação. Como diz Heidegger, no início de *Ser e Tempo*:

Todo questionamento é uma procura. Toda procura retira do procurado sua direção prévia. Questionar é procurar cientemente o ente naquilo que ele é e como ele é. [...] Enquanto procura, o questionamento necessita de uma orientação prévia do procurado. Para isso, o sentido do ser já deve estar, de alguma maneira, disponível. Já se aludiu: nós nos movemos sempre numa compreensão de ser (HEIDEGGER, 2005, p. 31).

A orientação prévia de todo questionar e de todo “como” é o sentido, a direção em que o ente pode ser, sentido do ser já disponível em que a compreensão compreenderá ser de modo familiar, irrefletido e que, aquilo que é procurado, será exposto “como” algo compreendido com um sentido prévio. Questionar é procurar naquilo que ele é e como é e como só se é sendo, então é preciso questionar como está sendo isso que procuramos, de que modo está sendo isso que, de algum modo, “como” algo, já está disponível, já se deu. O compreendido, o aberto, o que se tornou compreensível está disponível “como” sendo algo, é exposto “como” sendo algo para isso ou aquilo. Na questão já reside o perguntado, de onde o questionado retira sua direção, ao qual intenciona, a meta do questionamento. Tal meta, orientação prévia, é possibilitada pelas possibilidades com sentido do ente em seu ser, o ente aberto em significações compreensivas, compreensão de ser na qual a pre-sença se move, mas que nem sempre compreende ser, pois o questionado já se deu num horizonte em que ele pode ser descoberto significativamente em seu ser com sentido em modos. O questionamento do ente só é possível nessa perspectiva prévia do sentido, que dá a direção possível e na qual nos mantemos numa compreensão do que é, sem podermos fixar conceitualmente esse “é”. Nos mantemos numa “compreensão mediana”, cotidiana, familiar do ser do ente, pois já nos situamos na estrutura prévia da compreensão, mas o ente permanece “inapreensível” ou mal apreendido, o ente que somos permanece cego. Na apropriação de si da compreensão do ente na totalidade, o ente se abre em seu ser nessa relação de ser entre os entes e o ente que nós somos, a compreensão pode se expor, desenvolve suas possibilidades, interpretar

e, assim, ser formalizada e enunciada.

Nos movemos numa compreensão de ser, cujo sentido orienta a busca pelo questionado e cuja interpretação externaliza a compreensão quando do encontro fático com entes. O que se procura é o que o ente é em seu sendo, remetendo às remissões referenciais da significância que constituem seu ser, o ente na totalidade significativa antecipada pelo ente que somos. O “como” desenvolverá faticamente as remissões referenciais da compreensão quando da apropriação do compreendido, quando remeter o ente explicitável à totalidade significativa decoberta na conjuntura onde a compreensão torna-se ela mesma. O compreensível é o sobre o quê (*Worüber*) do discurso, o que ele articula e a partir de onde fala, o que oferece as possibilidades de falar uns com os outros, pois torna-se compreensível aos que falam, é o todo das significações compreensivas se totalizando nas conjunturas, ou seja, é o sentido, pois “[...] o sentido, como fundamento do discurso, representa a totalidade das referências das possibilidades de significação do homem e do mundo. A conjuntura das referências do sentido inclui a possibilidade de existência significativa do mundo e, obviamente, do homem” (FERREIRA, 1997, p. 205). Como disse Dubois acima, a compreensão própria, o apropriado, abertura verdadeira num sentido revela “algo” que se tornou compreensível e será exposto “como algo” no todo das referências conjunturais.

Em outras palavras, quando se pergunta o que “é” esse ente já se pressupõe que o ente seja, já se tem uma compreensão de ser, já compreende-se a si mesmo “frente” a outro medianamente compreendido que se abriu, pois a interpretação compreensiva é dirigida para “fora” de si, para o ente a ser descoberto por ela, por esse comportamento hermenêutico descobridor que é a interpretação em sua estrutura, o “como”. Quando se pergunta o que “é” a explicação já se depara com substancialidade, extensão, coisalidade, realidade etc. previamente, como discutido em Descartes, e perde o significado, o sentido daquilo que é. Perde-se a dimensão da busca mesma, seus pressupostos, sua perspectiva, o contexto de possibilidades em que o ente pode ser, a dinâmica histórica de constituição da pre-sença humana em meios aos outros entes. Vela-se o modo como o fenômeno mostra-se, como surgem um para o outro, interprete e interpretado, como essa relação de ser é vivenciada.

Na compreensão são abertas possibilidades até de se manter num falatório, num dizer impróprio que fecha as possibilidades de descobrir, encobrendo aquilo sobre o quê se fala, em que a pre-sença mantém-se no cotidiano mediano, irrefletido, num comportamento “natural” que encobre, mas para onde deve retornar toda investigação fenomenológico-hermenêutica, para onde o “como” deve retornar para descobrir o aberto na projeção da compreensão cotidiana. O espaço de articulação da pre-sença em que ela pode ser de fato em remissões significativas abertas é a “visão que, [de modo igualmente originário à abertura do pré que se dá existencialmente, é] a pre-sença, nos modos básicos de seu ser” (HEIDEGGER, 2005, p. 202).

Deve-se resguardar o termo “visão” de mal-entendidos. Ele corresponde à iluminação, que caracterizamos como a abertura do pré. “Ver” significa não só perceber com os olhos do corpo como também não apreender, de modo puro e com os olhos do espírito, algo simplesmente dado em seu ser simplesmente dado. Para o significado existencial de visão, a única coisa a ser levada em conta é a particularidade do ver em que o ente a ele acessível se deixa encontrar descoberto em si mesmo. É o que todo “sentido” realiza em seu âmbito genuíno de descoberta (HEIDEGGER, 2005, p. 203).

No ver o visto se deixa ver, pois descoberto “como” algo. A visão é a iluminação da abertura do pré-da pre-sença no qual ela já está fora, junto aos entes que podem ser vistos em seus significados com sentido, pois o que não tem sentido é incompreensível e não pode ser visto, pois não remetido às referências da compreensão. A visão vê o ente já acessível a ela e descoberto em si mesmo, ou seja, sendo na totalidade significativa da conjuntura, em sua manualidade ou disponibilidade. O ente já aberto na significância em suas possibilidades de ser é circunvisto, pois compreendido, já dado na compreensão projetiva, numa totalidade instrumental significativa conforme a conjuntura em que se encontra a pre-sença. Ver, portanto, não é ver com os olhos do corpo nem com os olhos do espírito em que algo simplesmente dado se dá, mas algo significativo se dá quando da mundanidade do mundo da pre-sença num horizonte de sentido em que se pode ser.

Visão é a explicitação das remissões referenciais abertas na compreensão projetiva e descobertas na circunvisão em que o ente vem ao encontro naquelas remissões referenciais que lhe dão sentido e que, permanentemente, totaliza seu entorno. O ente só é significando para a compreensão da pre-sença humana, para suas remissões significativas, não é em si, só é em significações compreensivas. Significados não se

referem ao ente como tal, mas ao ente como signo que surge na compreensão e é visto pela circunvisão num todo significativo, rede de remissões significativas, hermenêuticas, nas quais os entes são descobertos em suas referências nas conjunturas. Para a pre-sença humana falar o que significam as coisas precisa partir de si mesma, de seu modo de ser, no modo como foi afetada pelo mundo circundante, nos modos como espacializa, circunvê seu entorno do qual a própria circunvisão se origina. Para ver os entes é preciso partir do modo como está sendo, do modo como vê aquilo que já viu, ou seja, compreendeu, a partir de si.

Dizer que “precisa partir de si mesma” significa dizer que precisa partir de sua estrutura-prévia existencial, que se expressa no círculo da compreensão ou círculo hermenêutico, círculo que trata a compreensão e a interpretação como um fenômeno unitário e que não se trata de um círculo vicioso, onde já se pressupõe o que deve ser provado. Mas, para que haja a possibilidade de um conhecimento mais originário, a interpretação deve, na elaboração de sua estrutura prévia, assegurar o tema que pretende conhecer a partir do modo como o compreende. A interpretação não ignora aquilo que ela é, compreensão do compreendido, mas parte dela para interpretar na circunvisão conjuntural. Como diz Heidegger (2005, p. 210), “não se trata de equiparar compreensão e interpretação [...]”. Para se preencher as condições fundamentais de uma interpretação possível, não se deve desconhecer as suas condições essenciais de realização”, ou seja, é necessário conhecer a compreensão de que parte a interpretação, compreensão desenvolvida nas interpretações circunvisivas, e de sua estrutura prévia, da posição, visão e concepção prévias. Em outras palavras, é necessário conhecer a compreensão que será explicitada e, só assim, obtém-se uma explicitação autêntica, que não fique girando num círculo vicioso, “provando” de diversos modos o que já pressupôs. Já deve ser transparente o modo “como” algo foi compreendido para que, em seu explicitar conjuntural “como” algo, ele seja compreendido que o foi propriamente. A estrutura da pre-sença, da existência é circular e no círculo

[...] se esconde a possibilidade positiva do conhecimento mais originário que, de certo, só pode ser apreendida de modo autêntico se a interpretação tiver compreendido que sua primeira, única e última tarefa é de não se deixar guiar, na posição prévia, visão prévia e concepção prévia, por conceitos ingênuos e “chutes”. Ela deve, na elaboração da posição prévia, visão prévia e concepção

prévia, assegurar o tema científico a partir das coisas elas mesmas (HEIDEGGER, 2005, p. 210).

Na elaboração da estrutura prévia da compreensão, a interpretação deve ter clara a tradição que lhe condiciona, a partir de onde interpreta, os modos “como” a compreensão se apropria de si quando de sua explicitação devem ser tornados claros, pois o central não está naquilo a ser acessado, a estrutura prévia, nem na explicitação do compreendido, pois ambos não são algo pré-constituído, não são algo que se imponham de “fora”, não são determinações prévias que normatizam os modos de acessar e expor. O que dirige os modos em que se acessa são os modos “como” a compreensão se desenvolve faticamente, como ela segue realizando o que projetou. Quando do desenvolvimento de sua estrutura existencial “prévia” ela não deve partir de certas concepções cristalizadas, sendo necessário ir ao modo “como” as concepções foram concebidas. A interpretação não pode partir de conceitos tradicionais para desvelar o modo de ser da pre-sença, mas deve partir do modo como a interpretação compreende, o modo “como” ela expõe o desenvolvimento de sua estrutura existencial, sua posição, visão e concepção prévias. A exposição da significância aberta na compreensão é feita de modo perspectivado e conjuntural, num determinado sentido já consolidado nos diversos modos de se ocupar cotidianamente. A ocupação cotidiana assenta-se sobre o modo como compreendeu a significância familiar transmitida historicamente, que constitui a estrutura existencial prévia da pre-sença e que será apropriada em modos pela compreensão em sua exposição com sentido.

O “círculo” da compreensão pertence à estrutura de sentido, cujo fenômeno tem suas raízes na constituição existencial da pre-sença, enquanto compreensão que interpreta. O ente em que está em jogo seu próprio ser como ser-no-mundo possui uma estrutura de círculo ontológico (HEIDEGGER, 2005, p. 210).

O círculo da compreensão, a exposição (*Auslegung*) do movimento da compreensão de ser sendo junto aos entes exprime a circularidade da estrutura “como”. Porque a compreensão não é um ente que se expõe de modo completo, em partes ou como aparência de uma suposta essência, ela permanece sempre compreendendo hermeneuticamente de diversos modos, por vezes contrários, nos modos diversos em que se acessa, permanece expondo o que compreendeu conforme as exigências das conjunturas, no modo como acessou esse ente nas remissões referenciais significativas da compreensão. Não acessa e explicita algo de modo que possa se falar que essa

explicitação é verdadeira ou falsa, mas que encobre ou descobre o que foi acessado, pois este já se deu hermeneuticamente para ser acessado e só pode ser descoberto ou encoberto. A interpretação, movendo-se na dinâmica compreensiva, já deve saber o que deve expor, pois só pode fazê-lo a partir de si próprio, já deve “saber” o sentido a tomar, pois é explicitação do que se projetou e retornou compreensivamente. Só assim, nesse retorno ao sendo de seu ser, no retorno permanente ao seu pré, à sua abertura é que a presença pode ser num sentido quando compreende ser. E o compreendido com sentido, com significado, pode se exprimir em palavras que, por sua vez, exprime o sentido de algo já compreendido e exposto.

A circularidade hermenêutica apresenta em palavras, através da proposição, o que foi compreendido como algo dotado de sentido, como algo que foi lançado pela estrutura hermenêutica da compreensão e desenvolvido pela interpretação. A resposta para o que se procurava compreender mostra-se, portanto, no sentido dado pelo discurso interpretativo, que tende a deixar alguma coisa ser vista como é ou como não é. O sentido, como significado, diz o sobre o quê do referenciado no discurso e expressa a designação do compreendido através das palavras e da articulação dessas na proposição. Como a proposição expressa o sentido da circularidade hermenêutica, ela também pode ser vista como contendo a mesma estrutura tripla que a circularidade que ela demonstra. Como a proposição é derivada da interpretação e a interpretação encontra-se fundamentada sobre as estruturas antecipativas da compreensão, a proposição também apóia-se nas mesmas estruturas (FERREIRA, 1997, p. 206).

No círculo da compreensão o compreensível é algo dotado de sentido, pois o sentido é o que sustenta a compreensibilidade de algo, o ente que compreende ser se compreende na compreensão do ser do ente que vem ao encontro e o que permite que ambos sejam é o contexto de sentido expressos em seus significados. No desenvolvimento do compreender o ente pode ser mostrado como sendo isso ou aquilo. Pode ser algo compreendido que, na circunvisão ocupacional, será interpretado, explicitado como sendo para isso ou aquilo, será visto, circunvisto compreensivamente como sendo para (*Umzu*) num sentido prévio expresso em significações compreensivas explicitadas na lida significativa em “comos” referenciados naquelas significações compreensivas. O sentido, que delimita o contexto significativo em que o “como” se desdobra hermeneuticamente, se expressa na proposição que, por sua vez, carrega toda a estrutura circular da pre-sença, a compreensão projetiva antecipativa da totalidade significativa, a apropriação expositiva do compreensível articulado num sentido (compreensão

interpretativa) e a proposição que articula as palavras³¹ que designam o compreendido num sentido.

A pre-sença possui a estrutura do círculo hermenêutico na medida em que, existindo, expõe o compreendido de diversos “modos” desenvolvendo as possibilidades de ser que projeta e, modos que surgem na conjuntura onde são juntos os que se fazem conjuntamente. No entanto, são o mesmo, o “como” algo para isso ou aquilo remete referencialmente àquilo que ele é sendo, ao “algo” compreensível nas totalidades. Não há uma essência subjacente que funda o que aparece, mas o que existe é o próprio movimento de ex-posição do compreendido, o próprio movimento de exposição do comportamento hermenêutico que desenvolve suas possibilidades nas possibilidades possíveis desta e daquela conjuntura. O modo como a pre-sença vai compreendendo conforme a situação é o próprio movimento fático de existência. O círculo, portanto, vai da estrutura prévia constitutiva da compreensão à exposição (*Auslegung*) da posição prévia numa totalidade conjuntural delimitada pelo ver prévio, conforme as possibilidades de interpretação, e pela concepção prévia já apropriada pela pre-sença. O acesso ao círculo ontológico, como não se trata de acessar uma essência prévia, é o acesso ao modo como (*als*) se desenvolve o compreender. Daí a importância da estrutura “como”, apropriação do todo compreensivo e exposição modal na conjuntura,

³¹ Heidegger (2012, p. 454-470), em *Platão, o Sofista*, afirma: “Ao contrário, na própria palavra – e esse é o seu sentido primário – tem-se algo em vista. Já na fala natural de um com o outro, no diálogo, já não nos encontramos mais no plano dos sons que vêm à tona, se inserem, mas já nos achamos naturalmente de maneira primária e total junto ao que é dito. [...] Uma palavra aponta para algo em um sentido totalmente peculiar do significar intencional.” A palavra dita aponta para aquilo que é intencionalmente significado, o dito, o algo, pois, na medida em que “todo algo é, e todo algo é *um* algo [...] concomitantemente visados no sentido do próprio *legein* (próprio dizer), do efetivamente-dizer-algo, o ser e o uno” quando falo “eu já digo no não ser o ente e o uno”, isto é, ser ou não ser já devem estar sendo num sentido que já foi dado, mesmo se não pronuncio palavras, que eu fique em silêncio, pois “[...] o não ser só é caso esse entrelaçamento [de ser e não ser como algo] tenha o direito de subsistir em um sentido qualquer”, cujo “entrelaçamento (*symplokê*) é apresentada como possibilidade de que haja algo que é e que, ao mesmo tempo, não é.” Numa direção dada, as significações intencionam “algo”, a significação de algo se dá num sentido, algo que é indeterminado, mas compreensível por já estar sendo nesse sentido expresso nas palavras que designam o compreendido e são articuladas na proposição. Mais à frente, Heidegger afirma que “esse elemento uno do todo dado diante de nós é o *sobre-o-quê*. Nós o fixamos: o sobre-o-quê da fala. Na esfera daquilo que é assim dado diante de nós, então, algo é destacado por meio do *legein* (*dizer*) junto a ele mesmo, junto ao dado diante de nós. Esse elemento destacado é o *como-o-quê*. Junto a ele, portanto, junto ao ente dado diante de nós, mas ainda indistinto, algo se destaca, e, em verdade, de tal modo que ele é compreendido como algo que determina o que é dado diante de nós. Com isso, porém, apreende-se ao mesmo tempo o sobre-o-quê, o ente dado diante de nós como um todo, o carro que range, a partir do próprio ranger: se encontrando na rua *ele* é experimentado e determinado *como* rangendo e *como* passando ao largo.” O “como”, portanto, é algo compreendido, porém indeterminado, cujo modo com o qual nos ocupamos significativamente dele, o modo como o vivenciamos no todo significativo antecipado, o determina como sendo algo. O carro é vivenciado como barulhento e, assim, a partir desse modo de ser barulhento para mim é que o compreendo, ou seja, no modo “como” o carro foi aberto em minha compreensão e “como” tornou-se compreensível para mim nas conjunturas (a rua citada). O “como” é esse *sobre-o-quê se fala*, o todo como sendo isso ou aquilo.

apropriação de seu sendo expondo o que se é.

O círculo hermenêutico pertence à estrutura do sentido, ao modo de dar-se da pre-sença, a perspectiva a partir da qual a compreensão projetiva acontece e que torna articulável tal sentido. A interpretação que compreende se funda nessa estrutura perspectivada de significação em que o mundo é apreendido e compreendido e a partir de onde ele pode ser articulado e exposto. Expondo algo como algo a compreensão já transita nessa estrutura, ao mesmo tempo formal e existencial, do sentido (*Sinn*), dando direção, rumo ao existir num contexto em que se mantém a possibilidade de compreensão de algo, sem que necessariamente o tematize, mas que delimita “como” esse algo pode ser.

Em vias de conclusão e abrindo caminho para o próximo assunto, sobre o discurso (*Rede*), o “como” hermenêutico é deixado ver como sendo o “sobre o quê” do discurso, é o referencial do discurso, a partir de onde ele discorre e o que lhe possibilita ser de um modo ou de outro, de diversos modos. O discurso deixa ver a explicitação do compreendido, o modo “como” o compreendido, junto ao qual aqueles que discorrem estão, é explicitado, pois “[...] el habla contiene ya aquello *acerca de qué* (*Worüber*) es, el *sobre* del habla es indiscernible del habla misma.” (BAY, 1998, p. 73). Do discurso decorrem palavras que devem se manter reunidas para que expressem significações com sentido e para que tais significações possibilitem enxergar o ente significado. O que as une e, portanto, o que possibilita a significação? Recorrendo a Platão e Aristóteles, Heidegger afirma que o que mantém unidas as palavras a ponto de se constituírem em proposições sobre sujeitos é o fato de que o discurso é sempre discurso sobre “algo” (*tinós*), algo que re-une aqueles que discursam, que falam sobre esse algo.

A primeira investigação da estrutura do *logos* simplesmente dado constata o simplesmente dar-se em conjunto de várias palavras. O que gera a unidade desse conjunto? Como sabia Platão, a unidade reside no fato do *logos* ser sempre *logos tinós*. Em função dos entes revelados no *logos*, as palavras se compõe em um conjunto verbal. Aristóteles viu mais radicalmente: todo *logos* é síntese e diairese ao mesmo tempo e não ora um – por exemplo, como juízo positivo – ora outro – como juízo negativo. Toda proposição, ao contrário, quer afirmativa ou negativa, verdadeira ou falsa, é de maneira igualmente originária síntese e diairese. A demonstração é, ao mesmo tempo, uma conjunção e uma disjunção (HEIDEGGER, 2005, p. 217)

Todo discurso é sobre algo, *tinós*, e é o que gera a unidade do conjunto de palavras, de

uma totalidade de palavras decorrentes da estruturação significativa do discurso, cujo *tinós* é o “como” hermenêutico, explicitação conjuntural do compreendido, o modo como aqueles que discursam entre si compartilham um mundo aberto na compreensão. Retornamos, aqui, à síntese implícita que falamos anteriormente, que realiza a compreensão hermenêutica em que a pre-sença sempre é. E o que Heidegger afirma é que nessa conduta enunciadora, descobridora, nessa compreensão, que é sempre hermenêutica, síntese já é diárese, ligação já é separação, re-união: para unir é preciso que esteja desunido e para desunir é necessário que esteja unido. Essa é a articulação conjuntural, que liga e separa, conforme são juntos – da mesa mesma, como foi vivenciada ocupacionalmente, compreendida “como” sendo para... cortar, apoiar, brincar. Essa re-união é realizada como discurso, que mostra e oculta sempre a partir do fenômeno unitário da interpretação que compreende e que a articulação unirá.

Do ponto de vista fenomenal, o que se deveria encontrar nas estruturas formais de “ligação” e “separação”, mais precisamente, em sua unidade, é o fenômeno de “algo como algo”. De acordo com essa estrutura, algo só é compreendido em função de algo – isto é, numa conjunção, de tal modo que o confronto da compreensão e a articulação da interpretação mantenham, ao mesmo tempo, disjunto o que era conjunto. Se, no entanto, o fenômeno do “como” permanecer encoberto e, sobretudo, se sua origem existencial a partir do “como” hermenêutico continuar entranhada, então o ponto de partida fenomenológico de Aristóteles na análise do *logos* decai para uma “teoria do juízo” meramente exterior, segundo a qual julgar não passa da ligação e separação de conceitos e representações (HEIDEGGER, 2005, p. 217).

O discurso é sempre sobre algo que lhe possibilita e que une o que ele separa e junta. O algo compreensível articulado é compartilhado na comunicação em que aqueles que se comunicam o determinam conforme o explicitaram. Numa conjunção algo é compreendido em função de algo que se abriu na compreensão dos que se comunicam, “algo” que não é uma representação do representado, mas a “coisa mesma”, o modo como o ente foi vivenciado em sua significação originária, o modo como foi significado compreensivamente e, portanto, o que ele é sendo, ocupando-se com ele nas conjunturas significativas já compreensivelmente articuladas como discurso que as deixa ver como sendo o falado na fala, que discutiremos agora.

2.2. O discurso (*Rede*) deixa ver àquilo sobre o que (*Worüber*) discorre que são os modos “como” o compreendido vai se explicitando em conjunturas.

Falar, discursar é uma conduta universal do homem com os outros, com o seu mundo e consigo mesmo em que se compartilha um mundo experimentado no falar, fala que orienta seus modos de ser, seus modos de atuar, pois articula as significações projetadas e antecipadas que orientam o modo de ser da pre-sença. A fala ou discurso (*logos*) foi entendido pela tradição como proposição ou enunciado, experimentado como algo simplesmente dado (HEIDEGGER, 2005, p. 218) quando, na verdade, a fala (*Rede*) é articulação da totalidade significativa mostrando-a em formas compreensivas. Ao invés do *logos* como enunciado, partindo desta concepção, Heidegger descobre uma estrutura anterior, *Rede*, cujo “como” hermenêutico, que Stein (2010, p. 21) chama de *logos* hermenêutico, lhe é indiscernível, pois previamente articulado, estrutura hermenêutica significativa mostrada no discurso (*Rede*).

O discurso ou a fala (*Rede*) torna-se um re-unir conforme os contextos particulares reveladores do todo da experiência daquele que fala em seu referencial, naquilo sobre o que se fala (*Worüber*). Nesse falar, como experiência global, o homem dá direção a seu ser na medida em que, falando, experimenta o acerca de que se fala (*Worüber*). O horizonte hermenêutico em que se constitui essa fala, traz a luz esse “acerca de quê”, essa síntese significativa do compartilhado, as experiências de mundo compartilhadas na compreensão hermenêutica, na estrutura “como”. A fala (*Rede*) articula e, assim, mostra aquilo sobre o que se fala (*Worüber*)³², no modo como se fala, no modo “como” o explicitado é mostrado. Ou seja, a fala é “[...] algo em lo que se anuncia una relación de ser entre los dos dominios universales que se han citado antes: hombre (*Ethos*) – mundo (*Physis*)” (HEIDEGGER, 2004, p. 13).³³

Falar, que sempre é falar sobre algo, determina esse algo explicitado e o mostra,³⁴ fala que re-úne diferenças para mostrá-las em aspectos que são comunicados, para falar com os outros, se compreenderem. Esse algo percebido ou experimentado, quando falado, é

³² “La función del habla es hacer accesible algo en cuanto estando aquí presente, mostrándose abiertamente. [...] En el helenismo se generalizó este significado de *hermeneuîn*, que corresponde a nuestro “significar”; una palabra, una frase quiere decir algo, “tiene un significado” (HEIDEGGER, 2000, p. 29).

³³ “O *deloun* (tornar manifesto [função do discurso]), no qual reside a possibilidade da fala, é uma determinação constitutiva do próprio ser-aí, que eu costumo designar por meio do ser-no-mundo, do ser-em” (HEIDEGGER, 2012a, p. 655).

³⁴ Heidegger afirma que falar, que é determinar, mostrar o experimentado, é o que se chama de pensar e refletir (HEIDEGGER, 2004, p. 13).

determinado, comunicado, ou seja, a enunciação mostra o ente quando o determina e, assim, permite a comunicação, a troca entre os que falam disso sobre o que é falado e, assim, compartilham seus mundos. A fala faz ver, mostra o vivido de algo já compreendido e cuja comunicação permite a troca daquilo sobre o que se fala, daquilo ao qual já estão juntos, são juntos, os modos como vivenciaram ocupacionalmente algo que se explicita “como” sendo algo na conjuntura.

Nosso objetivo, aqui, é esclarecer a noção de discurso como articulação, estruturação que mostra o que se manifestou significativamente, o “como” visto anteriormente, o falado na fala e o que lhe permite falar de diversos modos em diversas conjunturas. Já opera o “como” hermenêutico quando de sua mostração pelo discurso, pois são cotemporais e, assim, possibilitam a enunciação. Porque, de acordo com Heidegger, da falta de palavras não se pode concluir falta de interpretação, o discurso não se resume à enunciação, que só é possível quando da articulação discursiva já fundada no “como”. Partindo da análise da proposição, tipo mais familiar de discurso e o modo como o *logos* foi entendido pela tradição, Heidegger alcança a estrutura citada chegando a uma noção mais fundamental, a do “como” hermenêutico, *logos* hermenêutico. Para alcançar esse objetivo, analisaremos o parágrafo 34 de *Ser e Tempo*, que trata do discurso (*Rede*) e de sua relação com a pre-sença, e intérpretes.

Pois bem, no início de *Ser e Tempo*, quando trata da palavra fenomenologia e do *logos* que a compõe, Heidegger, pergunta:

Desse modo, se “traduz”, o que sempre quer dizer, interpreta-se *logos* por razão, juízo, conceito, definição, fundamento, relação, proporção. Mas como poderia o discurso modificar-se tanto para que *logos* signifique tudo isso e, justamente, no uso da linguagem científica? (HEIDEGGER, 2005, p. 62).

Heidegger levanta suspeita sobre o significado fundamental de *logos*, no modo como ele foi entendido até agora, pois a grande variação das interpretações, das traduções não deveria supostamente existir num contexto científico, em que se busca a verdade dos fenômenos e, portanto, um conjunto estável de proposições sobre fatos no âmbito ôntico. Mas o que faz com que a proposição, o *logos*, o que se pro-põe do sujeito e, assim, o determina, mudar tanto? Quem ou o quê mudou: o intérprete? O que é interpretado? Ambos? De que modo? A partir de onde? Heidegger afirma que tradicionalmente a

proposição (*logos*) foi entendida como o lugar da verdade, *adequatio*, verdade como concordância do pensamento com o ente.

Tais questionamentos encaminham Heidegger a se aprofundar no tema da lógica, da ciência do *logos* e seu primeiro passo, de acordo com Courtine (1996), era questionar as interpretações restritivas que identificavam a lógica com o estudo do juízo como primeiro suporte da verdade e, assim, esclarecer o sentido autêntico da apofântica aristotélica e a “função propriamente fenomeno-lógica do *logos*: fazer aparecer, manifestar [...]”: Estudando o discurso (*Rede*), viu-se que sua operação fundamental residia nisto: tornar visível, tornar manifesto aquilo de que é falado nele” (HEIDEGGER, *apud* Courtine, 1996, p. 25). A lógica, em seu sentido mais fundamental, portanto, passa a ser ciência “[...] do discorrer, da palavra [cujo] sentido fundamental era fazer/deixar ver o mundo, o ser-aí humano, o ente em geral” (HEIDEGGER, *apud* Courtine, 1996, p. 21). A dinâmica da enunciação traz à vigência, mostra o vigente em sua vigência, as relações entre homem e mundo, a abertura de ambos em suas possibilidades num horizonte de sentido, a estrutura “como”.

A lógica, ao invés de ser a análise do juízo, da proposição apofântica (*logos apofântico*), supostamente o local da verdade, passa a ser a investigação do deixar ver, não só apofântico, pois “toda habla es un cierto dejar ver (*sehenlassend*), pero no toda es apofântica (*ausagen*), sólo la que puede ser verdadera o falsa” (BAY, 1998, p. 68). Se alcança um *logos* mais fundamental que o apofântico, o hermenêutico. A investigação se concentra, agora, no simples falar, articular, sobre qualquer tipo de fala em que se fala aquilo sobre o que é falado, pois a lógica, sendo a ciência do *logos ou Rede*, na tradução heideggeriana, busca desvelar os fundamentos deste *logos*, a estrutura “como”, a interpretação compreensiva, pois só se articula aquilo que já foi aberto na projeção da compreensão e antecipado numa estrutura de significações. Assim, passa-se da análise da proposição apofântica para a analítica da pre-sença, à investigação da conduta hermenêutica que mostra os diversos modos em que se vivencia o mundo. O central agora, nas meditações heideggerianas, passa a ser o deixar ver, o discurso (*Rede*), cuja

estrutura é o “como” hermenêutico, “indiscernível” (BAY, 1998, p. 74) da fala.³⁵

O discurso, ao articular, mostra aquilo sobre o que (*Worüber*) ele fala com aqueles que se pro-nunciam conjuntamente, sobre o que ele faz referência, as vivências comuns nos modos “como” surgem para cada, e só assim ele pode desvelar ou ocultar. Articula o articulável e, assim, o mostra. Aquilo sobre o que se fala foi projetado e antecipado como sentido no compreender da compreensão e, portanto, o falar mostra o antecipado na compreensão para aqueles que falam conjuntamente. O discurso, portanto, deixa ver o que discorre a partir do que se discorre, retira o que diz daquilo sobre o que diz e que aparece para aquele que fala “como” isso ou aquilo. Heidegger afirma que o discurso (*Rede*) é articulação em que “algo” é visualizado. O que é esse “algo” que o discurso (*Rede*) mostra? O ente, como tal, na totalidade, isto é, o modo como se explicita o compreendido na compreensão, compreensível, compreensibilidade que é o que o discurso articula em significações. A fala mostra, de modo global, as vivências significativas conjuntas.

Já o *logos* ou “como” apofântico, constitui as condições de possibilidade da proposição, condição de possibilidade de dizer o ente e, assim, de fazer vê-lo. Heidegger atribui três significados à palavra proposição retirados do fenômeno designado pela própria proposição, pelo o que ela mesmo propõe.

Proposição significa, em primeiro lugar, de-monstração. Com isso, conservamos o sentido originário de *logos* enquanto *apofainestai*: deixar e fazer ver o ente a partir dele mesmo e por si mesmo. [...] Proposição também diz predicação. Propõe-se ao “sujeito” um “predicado”, o predicado determina o sujeito. [...] Proposição significa, ainda, comunicação, declaração. Enquanto comunicação, a proposição está diretamente relacionada com as duas acepções

³⁵ Ao escutar (mostrar a articulação da compreensibilidade em significações) um carro lhe ouço rangendo na rua, não ouço o carro depois seu ranger e, depois de refletir, concluo que está na rua. Não. Escuto o todo do que é discorrido. O discurso (*logos*) é indiscernível do discorrido, o escutar é indiscernível daquilo que é escutado como um todo, pois trata-se de um todo dado diante de nós, o sobre-o-quê do discurso em que este, como articulação, deixará e fará ver aspectos do carro: seu ranger, o buzinar, o fato de que passa na rua: “A constituição do *tí* (o quê) como *deloumenon* (algo que se tornou manifesto), como *legomenon* (dito), é, portanto, *pragma* (coisa) no modo de ser da *práxis* (ação). Por isso, segundo o seu sentido, o *legomenon* (dito) possível está dado diante de nós como algo, junto ao qual se trata de algo. Isso quer dizer propriamente *praxis* (ação) – *pragma* (coisa). O tratar-se de algo é, portanto, aquilo que está diante de nós a cada *logos* (discurso) de acordo com seu sentido mais próprio. Platão designa isso por meio do termo *περι ον* (sobre-o-quê). É constitutivo de todo *logos* (discurso) o *περι ον* (sobre-o-quê). O que está aqui em questão é compreender esse *περι ον* (sobre-o-quê) como momento estrutural do *legomenon* (dito) ou não compreendê-lo mal, deixando-se extraviar pela tradição. O *logos* (discurso) como interpelação discursiva de algo tem de início dada diante de si uma unidade não distinta de um ente, por exemplo, o que é ouvido em um determinado momento é o carro que range na rua. Não escuto barulhos em um sentido isolado, tal como se estivesse em um instituto de psicologia experimental, mas ouço o carro na rua.” (HEIDEGGER, 2012a, p. 661).

anteriores (HEIDEGGER, 2005, p. 212).

Ao dizer que o martelo é pesado, fazer vê-lo, a coisa que, hermeneuticamente, serve para martelar, se deixa ver, torna-se um martelo determinado e comunicado como sendo pesado. Vejo o martelo a partir de sua essência, ser pesado. Porém, “a proposição é uma demonstração que determina através da comunicação” (HEIDEGGER, 2005, p. 214), deixa e faz ver o ente a partir dele mesmo, no modo como é comunicado e esta vela a manualidade, os modos de lidar compreensivo com o martelo, e, assim, o *logos* apofântico restringe a visão inicial do ente em sua determinação possível, ou seja, como determinação predicativa. O que se deixa ver a partir de si pode, assim, ser comunicado, demonstrando o ente em sua determinação e não mais apenas servindo para. Na comunicação, portanto, determina-se o martelo como tendo a propriedade de ser pesado, por exemplo, e, assim, a comunicação demonstra o ente que se dá, faz vê-lo na comunicação para aqueles que se fazem em conjunto.

No “como” apofântico há permanente síntese e diarese (HEIDEGGER, 2005, p. 217), ligação e separação de proposições. Não é síntese agora, disjunção depois. No mesmo momento que junta os que se mostram de modo conjunto, separa os que não se mostram assim.³⁶ Essa junção e disjunção simultânea é possível, justamente, devido ao “como” hermenêutico. Tanto a síntese quanto a diarese podem mostrar e ocultar, pois dizer que o céu é azul ou dizer que o céu não é rosa, mostram o céu. Como exemplo, na síntese em que o ente é mostrado, o martelo, por exemplo, pode ser pesado, ser leve, ser grande ou pequeno, ser adequado ou inadequado dependendo do uso a ser dado na conjuntura e se

³⁶ Por exemplo, na proposição “o martelo é pesado” permanece a possibilidade de articular as relações de remissões que constituem o martelo e interpretá-lo como sendo para isso ou para aquilo na significância do mundo circundante. Ou seja, o martelo como instrumento de uso recebe seu ser remetendo-se à totalidade de remissões significativas da prática da qual faz parte – por exemplo, o martelo é para pregar o prego que é para fixar as madeiras que são para evitar entrada e saídas, etc. – e, quando torna-se objeto de proposição, separa-se dessa totalidade e torna-se “objeto”, um ente com “propriedades”, no caso, de ser pesado. O ser do martelo no uso, na prática é sendo para e, quando revelado nas proposições, recebe determinações: o martelo é pesado. Justamente porque a dimensão predicativa funda-se numa dimensão pré-predicativa, “prática” de remissões significativas em que o ser dos instrumentos se define remetendo-se a toda totalidade significativa que lhe constitui, é que existe a possibilidade de a proposição ser verdadeira ou falsa. A predicação é sempre sobre algo, nesse caso, o martelo. A predicação retira sua forma do martelo e o determina. Essa forma decorre das relações remissivas do martelo. O martelo tem suas finalidades que atendam às suas finalidades referenciais. As remissões significativas dessas finalidades formalizam-se em relações e assim são apreendidas, logicamente, pelo homem. A dinâmica remissiva de significações constitui a compreensão, remissões que são tomadas como relações. Assim, o martelo relaciona-se com o prego e este com as madeiras como instrumentos isolados que se relacionam quando, na verdade, o martelo é para o prego, para a madeira, enfim, para a obra no qual é usado. Só assim, “tanto a ligação quanto a separação [de proposições] ainda podem ser formalizadas como “relação” [entre conceitos, representações] (HEIDEGGER, 2005, p.217).

na interpretação que compreende, hermenêutica, ele é exposto como leve numa conjuntura, ele oculta-se como pesado, por exemplo, nesta conjuntura e, assim, permanece possibilitando os diversos usos do martelo. Tais possibilidades ocultas nas conjunturas determinadas só são possíveis de constatação pela via do “como” apofântico.

A visualização demonstrativa, mostrativa ou indicativa do ente no “como” apofântico é possível devido ao modo como o ente se mostra significando, visualização apofântica que “restringe a visão” da manualidade usual do ente, pois restringe os modos como o ente foi aberto na totalidade pela compreensão. Em outras palavras, as diversas possibilidades que decorrem do uso do manual em sua manualidade, conforme suas finalidades são restringidas quando determinadas, pronunciadas e, assim, comunicadas, quando o ente de que se fala, tendo sido compreendido e interpretado, não está sendo mais ali entre os que falam sobre ele. Quando entende-se o sujeito a partir de seu predicado, o martelo a partir do pesado, remete-se à ideia do martelo, a um aspecto seu e perde-se as possibilidades conjuntas de sua manifestação. Na comunicação, o martelo é mostrado a partir do modo como se fala sobre ele, como sendo azul, verde, rosa, em diversos aspectos, na perspectiva de um predicado que mostra aquilo que se mostrou e que pode ser predicado na comunicação. Na comunicação, portanto, fala-se sobre o ente, mas no âmbito hermenêutico, lida-se compreensivamente com ele.

Essas possibilidades acontecem no âmbito pré-predicativo da vida, no mundo irrefletido onde agimos significativamente e, por isso, encontra-se fora de qualquer juízo que nos faça tematizar, julgar, afirmar, negar, diferenciar os fenômenos e onde os entes abertos, em seus significados possíveis, vêm ao encontro na ocupação no modo da manualidade, do fazer, do ser para. “Fazer” é ter experiência existencial da compreensão de mundo. Quando vou abrir a porta não fico pensando se abrirei dando socos nela, argumentando com ela, ficando parado a sua frente ou se uso a maçaneta. Simplesmente uso a maçaneta.

Nessa visão pré-predicativa do “como” o ente pode ser compreendido como algo. Algo só pode ser compreendido na significância como algo, só pode ter sentido, quando, nessa significância, algo remeter a algo e, assim, na conjuntura, deixar revelar seu significado em conjunto. Algo como algo que encontra seu ser no ser para (*Umzu*), em suas

finalidades, no uso, algo que é significação, ação de significar na significância. “Não conhecemos uma cadeira em sua plenitude como objeto na nossa frente” (STEIN, 2004, p. 21), mas como algo no qual podemos sentar, como cadeira. Esse ente que sentamos, arrastamos, usamos para isso ou para aquilo, que usamos praticamente em nosso cotidiano, nós o determinamos na comunicação como cadeira, e o atribuímos propriedades, conceitos, tornando-a um objeto. Ela, sendo algo significativo que usamos para sentar, é o “objeto” do qual falamos, do qual a palavra expressa significações estruturadas na articulação da compreensibilidade. A cadeira expõe-se como o objeto cadeira no “como” apofântico. Já no “como” hermenêutico, a cadeira é algo para sentar, mas que pode servir também para subir ou para apoiar objetos, de acordo com a circunvisão que compreende na conjuntura.

A cadeira, determinada na comunicação proposicional, na proposição apofântica, é um signo, portanto, instrumento que remete a um todo de significações, remissões que são as significações nas quais se referencia o signo cadeira, que remete-se como significação no todo. No como hermenêutico, a cadeira como objeto para sentar, se constitui como tal no horizonte de possibilidades em que a pre-sença se faz. A cadeira se descobre, se deixa ver significando na projeção de possibilidades da pre-sença e é mostrada na proposição. O todo das ações de significar, a partir do qual os entes se mostram, retorna como abertura no qual o homem pode fazer-se em seu horizonte de possibilidades, em seu poder ser a partir do qual o que se deixa ver em suas possibilidades significativas é mostrado na proposição que comunica.

Dessa maneira, a proposição já não pode negar a sua proveniência ontológica de uma interpretação compreensiva. Chamamos de “como” hermenêutico-existencial, o “como” originário da interpretação que compreende numa circunvisão (*hermenéia*) em contraste ao “como” apofântico da proposição” (HEIDEGGER, 2005, p. 216).

O “como” hermenêutico é onde torna-se possível a predicação, é onde se constituem as vivências e as projeções de possibilidades da pre-sença e é onde algo só pode ser compreendido em função de algo, enquanto algo para isso ou para aquilo. Ali onde se compreende algo como algo, esse “algo”, que não está determinado na comunicação, não está formalizado, mas não é completamente indeterminado, é algo que se abriu na

compreensão em que o ente que somos abre o ente com o qual lida em seu significado em função de suas possibilidades de ser conjunturais. No como hermenêutico, o predicado aparecerá à pre-sença como a explicitação de seu fazer-se, de seu ser sendo.

Heidegger (2004, p. 14) afirma que “a demonstração que faz a proposição se dá com base no que já se abriu na compreensão e na circunvisão”, ou seja, o que se abriu e possibilita o “como” apofântico foi possível no que se deu no âmbito hermenêutico-existencial, pois a “proposição não paira no ar”, mas é possibilitada pelo caráter hermenêutico da pre-sença. A pre-sença humana discursa, ou seja, enuncia, articula, estrutura e, já tendo articulado uma totalidade de significados abertos e que lhe vem ao encontro, ela se pronuncia (*aus*) nessa articulação. No discurso ela se “externaliza”, compartilha seu ser com os outros, objetiva aquilo que vivenciou no próprio discursar, em seu caráter hermenêutico, da própria articulação significacional com sentido que ordena o mundo significativo e se dá a ela. Pronunciar em alemão é *aus* que significa pôr, fora de, indica de onde vem aquilo que se mostra. Essa partícula também aparece em *Auslegung*, interpretação ou ex-posição, *aus* e *legung*, pôr, ser-expresso.

A pre-sença se “externaliza”, assim, na linguagem, na totalidade de palavras que brotam das significações articuladas e nessa linguagem o discurso (*Rede*) se pronuncia, se “externaliza” e se nessa linguagem o discurso se pronuncia e se este mostra o que é compreensível hermeneuticamente então, na linguagem se explicita, também, esse compreendido nas conjunturas. A pre-sença se “objetiva”, se “mundaniza” em seu fazer-se como discurso e este se objetiva, se “mundaniza” em palavras com significações. As palavras, o âmbito mais mundano da pre-sença nessa hierarquia fundacional, não são coisas dotadas de significados, simplesmente dados que “possuem” significados. A palavra demanda a totalidade significativa estruturada discursivamente. A palavra demanda o discurso, necessita dele para que a pre-sença se realize, palavra que “[...] é a coisa nela mesma, é a coisa mostrando-se em seu surgimento” (SCHUBACK, 1996, p. 70), é o explicitado compreensivelmente “como” algo, são os entes mesmos surgindo em conjunturas significativas e significando, apontando para elas, indicando sua origem, reunindo os que se significam juntos.

Conforme a conjuntura em que a pre-sença apropria-se de si sendo, em seu fazer-se, em seu existir, as palavras vêm ao encontro e são vistas, pois articuladas e, assim, o ente significativo é pronunciado na palavra, cujo discurso articula em significações a compreensibilidade, dá sentido e significado a elas. Além disso, o discurso deixa ver aqueles que discursam conjuntamente, os que se pronunciam (*aus*) juntos e sobre o que discursam, pois aquilo sobre o que eles discursam, o horizonte hermenêutico em que se fazem, são comuns. No discurso, na compreensibilidade articulada em significações, a pre-sença se expõe, se “objetiva” e, por isso, o “ser-com é partilhado “explicitamente” no discurso”, ser um com o outro fica explicitado nessa articulação da compreensibilidade, na compreensão como circunvisão da ocupação. Pois, “o ser-com já é, só que ainda não partilhado porque não apreendido e apropriado” (HEIDEGGER, 2005, p. 221), isto é, quando acontece o discurso a compreensibilidade é articulada e, assim, ele estrutura uma totalidade significativa que mostra essa compreensibilidade em significações.

Do ponto de vista existencial, o discurso é igualmente originário à disposição e à compreensão. A compreensibilidade já está articulada antes mesmo de qualquer interpretação apropriadora. O discurso é a articulação dessa compreensibilidade. Por isso que o discurso se acha à base de toda interpretação e proposição (HEIDEGGER, 2005, p. 219).

Quando compreende a pre-sença já está sendo com os outros, compreende-se a si na dinâmica do compreender, do significar conjuntos. Compreensão é compreender, um modo de ser sendo conjunto, sendo com os outros e, assim, articulando significações em que a pre-sença pode ser, se expõe, convive, comunica num sentido. A pre-sença, como ser-com, sendo com os outros já é, já está sendo, apropriando o ente na totalidade, o mundo e, portanto, se expondo, se interpretando compreensivamente nas ocupações significativas. A pre-sença, o ser uns com os outros já está na verdade, a pre-sença humana já está junto aos outros entes porque aberta e, por isso, ela pode articular significações e, assim, expressar-se, pôr-se, sempre retornando aos horizontes de seu começar interpretativo-compreensivo em que os entes vêm ao encontro e que é o falado no discurso, o sobre o quê da fala.

A fala ou discurso articula, estrutura e, assim, faz ver o “algo” compreendido hermeneuticamente, o compreensível e explicitado “como”. Como diz Heidegger (2004,

p. 12)

El hablar em este sentido amplio y natural es una forma de comportamiento del hombre, y em concreto un comportamiento en el que justamente para la reflexión natural y precientífica se anuncia la diferencia del hombre respecto de los demás vivientes em el mundo; el ser específico del hombre se hace notar mediante el hablar, y en esto lo esencial en el propio hablar es que se lo experimente como hablar de algo – acerca de algo – a alguien.

Falando sobre algo com alguém experimentamos aquilo sobre o que falamos, os modos como nos fazemos hermeneuticamente nas conjunturas num sentido, em contextos em que os entes podem ser. O discurso, como comportamento do homem, já traz consigo a ideia de que o discurso apofântico pressupõe o “como” hermenêutico, os modos “como” o compreendido se explicita em formas mostradas no discurso. Discurso ou fala é articulação da pre-sença, de seu pré, da compreensão e da disposição. Articulação é síntese que mostra, “configura, dá forma, estrutura, articulação para o descerramento, cujas formas básicas são a disposição e a compreensão” (GORNER, 2018, s.n) para que, assim, a pre-sença seja, se estructure em formas científicas, gestuais, artísticas, articule e mostre determinando a existência. Nesse sentido,

El habla [discurso] es um momento estructural del *Dasein*, le compete constitucionalmente; por tanto, éste no puede decidir acerca de su hablar o no hablar. Em última instância, tener [discurso] significa estar essencialmente ligado al ser y, por ello, en el caso del *Dasein* es indiscernible del existir mismo (BAY, 1998, p. 13, colchetes nossos).

O discurso é um momento estrutural da pre-sença, de articulação do que se mostra hermeneuticamente e não cabe a ela decidir acerca do discursar. Portanto, é uma atividade que lhe transcende, apesar de necessitar do homem para se realizar. O discurso é indiscernível do existir mesmo, do *ek-sistir*, do pôr-se para “fora” do “dentro” e a “internalização” do “externo”, da significância e de sua rede de significados se espalhando em palavras, nomes que expressam o ente. A mundanidade do mundo, o modo de ser do mundo para a pre-sença e cuja formalização encontramos na significância articulada como discurso, é por ela exposta em formas. Se o mundo dá-se ao homem como remissões das ações de significar, cuja articulação permite dizer, predicar, nomear então o discurso é a estrutura que, dando forma ao mundo, precisa do homem para expô-lo, pois este não decide acerca de seu discurso.

O discurso articula mostrando, dá unidade à totalidade significativa da compreensibilidade e, assim, possibilita que o compreendido significativamente seja expresso em palavras, nomeado, conceituado, enunciado nessa articulação. O discurso liga e separa significações possibilitando proposições apofânticas em diversas conjunturas significativas a partir do horizonte hermenêutico da significância aberto na projeção compreensiva. Ele é articulação de significados abertos e compreensíveis na projeção da pre-sença. Nessa projeção, em que os entes se mostram à pre-sença, é que ela revela seu ser, isto é, revela-se sendo, na medida em que vê que as possibilidades modais em que esses entes se mostram, derivam de sua própria possibilidade de significar e, assim, compreender-se projetivamente abrindo significados. Esse mostrar, deixar ver o ente em conjunto com o modo em que o “ente que nós mesmos somos” mostra-se é função do discurso.

Articular não significa dar uma expressão linguística, mas estruturar, “estruturar um conjunto, modo de ordenar ou unificar”, ele “articula o articular”. Articula o articular da compreensibilidade. Articula o ser do ente como possibilidades significativas antecipadas e abertas e o expõe conforme (*Bewandtnis*) as conjunturas, cujo articulado, resultado da articulação do articular “[...], é o compreensível que possibilita que, na circunvisão, algo se mostre como algo. Sem isto os entes [...] careceriam de significados”.

Lo próprio del habla, según Heidegger, es articular. Esto es, estructurar un conjunto; también puede entenderse como um modo de ordenar o unificar. A esta función, de suyo formal, se añade la nota también formal de lo articulado. El habla, valga la redundância, articula el articular, la comprensibilidad misma. Como la palabra lo indica, lo articulado es él carácter mismo de comprensible que possibilita que, en el *mirar em torno*, algo se muestre como algo (BAY, 1998, p. 199).

Da função formal do articular resulta o articulado, o compreensível. A articulação da compreensibilidade torna compreensível o compreendido na compreensão. O aberto na compreensão, o compreendido e, portanto, a compreensão de algo se mostrará “como” algo articulado na conjuntura, cujas significações abertas serão estruturadas na compreensibilidade. Discurso é articular e, assim, deixa ver algo como algo na síntese, o apropriado e exposto na conjuntura quando os significados são “ligados” no *syn* da *synthesis*, pois o “[...] *sin* possui aqui um significado puramente apofântico e indica

deixar e fazer ver algo como algo na medida em que se dá em conjunto com outro” (HEIDEGGER, 2005, 63). As sínteses realizadas nas conjunturas significativas, nas relações dos entes com a totalidade onde são, portanto, articulam as significações e, assim, mostram o modo como a pre-sença humana se compreende.

O discurso (que a autora chamou de *habla*) é articular, estruturar um conjunto numa conjuntura significativa para torná-la compreensível conforme a circunvisão compreensiva desta situação. O discurso é a “estrutura em que se estrutura tudo que se estrutura” (BAY, 1998, 199-200), uma estrutura estruturada pela projeção da compreensão que estrutura a explicitação dessa compreensão. Ele articula significados no modo como vão aparecendo no horizonte significativo e, assim, dá unidade e inteligibilidade ao sobre o que do discurso, significados articulados por um discurso que se expressará na linguagem, nas palavras significativas nas conjunturas.

Falando sobre o signo mesa, articulo esse signo em sua totalidade significativa a ponto de obter a inteligibilidade da mesa, ela sendo altar na Igreja ou para por alimentos na cozinha, no modo “como” ela se explicita em suas finalidades significativas descobertas e antecipadas na compreensão. Na conjuntura significativa que são a Igreja ou a cozinha, o discurso articulou as significações dos signos e possibilitou a compreensibilidade sobre o que discorre para aqueles que discorrem. Não há aqui, portanto, uma ideia que reúne e antecipa idealmente a plenitude do objeto dado, mas articulação significativa num horizonte de possibilidades realizáveis conforme a conjuntura, estrutura que estrutura situações nos contextos em que aparecem os entes, como possibilidades, não apenas em seu aspecto. Não há uma regulação prévia da experiência possível por uma essência, mas um horizonte de compreensão circunvisiva em que a experiência acontece.

Para Heidegger, o lugar da verdade não está na adequação (*adequatio*) do intelecto à coisa, cujo elemento central é a proposição, local da verdade alcançada pela síntese judicativa da razão, mas “é a verdade que determina a proposição” (BAY, 1998, p. 67), verdade que já se deu quando ocorre a proposição do sujeito, pois quando da enunciação a articulação de um modo de ser já ocorreu e só a partir dela a proposição será mostrada e possível. Por ser articulação que deixa ver, o discurso pode ter a forma estrutural da

síntese, que não é a síntese de predicados, ligações de representações, mas é o próprio “como”, articula significações nas quais fazem-se juntos compreensão e compreendido, os modos significativos de se ocupar num mundo previamente aberto em significações em que os entes vêm ao encontro.

Síntese não diz aqui ligação e combinação de representações, manipulações de ocorrências psíquicas, combinações a respeito das quais surgiria, posteriormente, o “problema” de como, sendo algo interno, poderiam concordar com os dados físicos externos. O *sin* possui aqui um significado puramente apofântico e indica deixar e fazer ver algo como algo na medida em que se dá em conjunto com outro (HEIDEGGER, 2005, 63).

Discurso (*Rede*) sempre envolve algum modo de *sin*, de composição no sentido de por algo como algo. *Synthesis*, *syn* exerce a função de unidade e identidade, significa junto, com e *thesis* significa posição, daí com-posição. Síntese, aqui, não se refere a forma de síntese, de ligação de representações sobre o mundo ao modo da relação entre sujeito e objeto, um sujeito que representa o objeto e busca sua adequação ao que ele representa. Síntese é puramente apofântica, ou seja, em que residem as possibilidades do descoberto e do coberto, conforme a conjuntura significativa. Podemos falar que o que é não é ou dizer que não é o que é, ou seja, posso falar que o céu é azul, o que faz corresponder a afirmação com o que compreendo como céu; mas posso falar que ele não é azul, negando, ocultando seu ser, ou que ele é roxo ou, com a mesma função de ocultação, posso falar que ele é verde e, assim, não preciso exatamente da negação para ocultar, mas o fiz com uma afirmação. Ou seja, a síntese pode ser “verdadeira” ou “falsa”, desvelar ou velar.

Essas relações são possíveis justamente porque a síntese do discurso apofântico se funda em possibilidades, num poder ser e, assim, algo pode ser e não ser ao mesmo tempo, pois, no dizer (*legein*), que é sempre dizer algo, demarca-se, delimita-se remetendo referencialmente à totalidade significativa compreendida:

[..] ao mostrar, afastando (*apóphansis*), já se decidiu não só sobre o que mostrar mas sobre o “quê” do que é mostrado. No mostrar, decide-se sempre pelo sentido do que se mostra: todo mostrar é já um interpretar (*hermeneúein*). E é aqui que entra o fato de que toda *diaíresis* já é *synthesis*, que todo *lógos* envolve o *com* (*syn*), ou, como diz Heidegger, o *como* (*als*). Falar é mostrar algo *como* algo: é interpretar, é decidir-se sobre a possibilidade de sentido que é a terra enquanto desejo insistente de sentido, enquanto desejo insistente de interpretação. Pois desde que a terra é partida, ela não cessa mais de se partir dali pode sair qualquer coisa: tudo. É preciso decidir-se, portanto, sobre o que tirar (OLIVEIRA, 2015, p. 67).

Falar é mostrar algo como algo que se compreende hermeneuticamente, mostra o sobre o quê daquilo que se mostrou e é visto na interpretação compreensiva, daquilo que já se desvelou e que, na mostração apofântica, isso que é compreendido, volta a se velar, o comportamento hermenêutico, descobridor, se oculta, pois ele é possibilidade de ser, síntese e diárese. Nessa revelação articulada da compreensão numa síntese, numa composição ocorre o “como” de algo como algo, pois quando da síntese já se decidiu pelo sentido do mostrado, já se decidiu o que vai ser mostrado, o que deseja que seja revelado daquilo que já se desvelou, qual o aspecto a ser enfatizado. É justamente nesse com (*syn*) dessa con-junção, dessa *synthese* em que se faz ver a ideia do ente, nessa síntese de palavras, ocorre o como (*als*), a exposição do ente como algo já compreendido, já sendo explicitado como algo, pois já se decidiu sobre seu sentido, sobre a perspectiva a partir da qual se dará o projetar significativo e se abrirá campos de significação que possibilitam a compreensão de algo como algo.

No como (*als*) já ocorre, portanto, a decisão do sentido e, ali ela se revela articuladamente, na fala, fazendo ver o ente, não importando se é verdadeiro ou falso. A estrutura da síntese expõe aquilo sobre o que é falado, isto é, quando falo o que esta mesa que está em minha frente é ocorre uma ligação de minha forma de pensar com a ideia de mesa, de maneira formal, seguindo regras formais que identificam, geram a identidade de formas, a forma de meu pensamento com a forma do ente. A síntese liga as representações e, assim, mostra o modo como o ente foi compreendido. O que Heidegger mostra, diferente disso, é que tal ligação, tal correspondência de formas deriva do modo como o ente já se deu a ver, conjuntamente, como é compreendido em contextos conjunturais significativos, a partir das quais os modos diversos em que a cadeira pode ser mostrada poderão ser enunciados, a cadeira em suas diversas significâncias, nos modos em que ela é compreendida.

O discurso é articulação da compreensão como circunvisão da ocupação, do que foi descoberto e apropriado nas conjunturas no entorno familiar pela compreensão onde ela se desenvolve hermeneuticamente, realiza suas possibilidades de ser, em que a pre-sença humana e os outros entes surgem juntos em seus significados. No discurso a pre-sença se

pronuncia nos modos como se apropria e assim, desenvolve suas possibilidades num contexto com sentido. O sentido é o que se mantém na compreensibilidade e se instaura no discurso, ou seja, o que pode ser articulado e exposto é a perspectiva em função da qual se estrutura o projetar e o compreender e a partir de onde algo se torna compreensível como algo.

Articulado o sentido e a totalidade de significados da significância surge a palavra, fazendo-a brotar do todo significativo articulado, revelando o conjunto de significados a que remete. Ou seja, “a compreensibilidade do ser-no-mundo, trabalhada por uma disposição, se pronuncia como discurso. A totalidade significativa da compreensibilidade vem à palavra” (HEIDEGGER, 2005, p. 219). Primeiro, então, surgem os significados e, depois, a palavra, cujo ânimo é dado pelas significações, pois uma palavra em si está morta, inerte, significações compreensivas em que a pre-sença vai, hermeneuticamente, significando os entes. O significado indica, na palavra, o compreendido, expressa o modo como foi compreendido, algo na sua dinâmica de significados, dinâmica de significação histórica e temporal de surgimento do ser do ente que é a própria lógica do *logos* buscada por Heidegger, a lógica do discurso que mostra.

O discurso articula a significância, que são remissões da ação de significar, remissões com...juntas que, como dito anteriormente, estão “contidas na compreensão” e “acopladas em si como totalidade originária”. Compreensão “que se atém a essas remissões como o contexto em que se movem suas referências” (HEIDEGGER, 2005, p. 132), remissões da ação de significar, portanto, que são a totalidade originária da compreensão, onde “a pre-sença se dá a compreender previamente a si mesma no seu ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2005, p. 132), ações de significar que o discurso articula abrindo a possibilidade de surgimento da palavra.

O ente que somos significa por ter compreendido a si como ser no mundo em meio a significados que surgem na lida com o mundo. Na conjuntura significativa com os entes o homem significa, e se ele significa é porque a relação entre homem e mundo já se dá significando, significados articulados numa totalidade que possibilita a realização da presença, realizar o ente que ela é, isto é, seu modo de ser.

No discurso, a pre-sença se *pronuncia*. Entretanto, isso não ocorre porque a pre-sença se acharia, de início, encapsulada num “interior” que se opõe a um exterior, mas porque, como ser-no-mundo, ao compreender, ela já se acha fora. O que se pronuncia é justamente o estar fora, isto é, o modo cada vez diferente da disposição (ou do humor) que, como se indicou, alcança toda a abertura do ser-em (HEIDEGGER, 2005, p. 221).

A pre-sença se manifesta, mostra-se a si mesma no discurso, ou seja, como articulação significativa, pois as remissões significativas da compreensão articuladas revelam que a pre-sença já está fora, o mundo se deu articuladamente como significatividade, mundanizou como momento estrutural da pre-sença. A pre-sença, como ser em já está fora e, assim, se pronuncia, se põe fora onde já é, em modos e é só por estar “fora” que ela pode se pronunciar, pois, do contrário, ela não “sairia” de si, pois não há meios, não há “como” fazê-lo. A articulação das significações da compreensibilidade é a manifestação da apropriação do mundo e da exposição do apropriado pela pre-sença humana. O conjunto das remissões da ação de significar é onde ocorre a conexão essencial do fenômeno com o significado das palavras, ou seja, a articulação dos significados das remissões significativas, do mundo como significância, possibilita a linguagem ôntica, o surgimento de palavras. Em outras palavras, se a compreensão projetiva abre a significância e esta pode ter o caráter do fenômeno do mundo e, além disso, é onde o fenômeno encontra-se com o significado das palavras, a pre-sença, como ser-no-mundo, abre um mundo significativo que, articulado, torna compreensível o entorno familiar num sentido prévio, num contexto significativo em que os entes podem ser. Assim, a pre-sença, “como ser-no-mundo, ao compreender ela já se acha fora” (HEIDEGGER, 2005, p. 221), junto aos que se fazem juntos.

O discurso articula a visão circundante que espacializa uma totalidade significativa tornando inteligível aquilo sobre o que ele discorre, o modo como compreende, o modo como se desenvolve nas conjunturas, o modo como foi apropriado pelas estruturas prévias, ou seja, aquilo sobre o que o discurso discorre é a pre-sença mesma em seu ser, suas possibilidades. Discursar para Heidegger é o que caracteriza o homem, um vivente que discursa e se discursar é articular significados então tais significados devem ser prévios ao articular, já devem estar disponíveis para serem articulados. O que se dá significativamente e a ser articulado é o mundo inteiro, que se dá à pre-sença que, por sua vez, em seu fazer-se junto com outros, se descobre nessa lida, nas ocupações

significativas em que, quando lido compreensivamente com o livro é o mundo que mundaniza nessa lida, são as significações compreensivas que se dão a partir daquilo com que se lida no modo como o faz. A pre-sença humana já está imersa em significações e nelas é que vivencia seu mundo, é de modo significativo que a pre-sença humana se apropria de seu mundo e o expressa. Articulando a totalidade significativa num sentido dado, numa determinada perspectiva compreendida previamente, o homem disposto (*Befindlichkeit*), então, pode falar, dizer, interpretar, expor em formas a compreensão, pode realizar o real.

Os entes em seus significados que se mostram, no modo como se mostram articulados são conformes (*Bewandtnis*) ao ser do homem, diz respeito a ele, pois “o ente cujo “estado de aberto” articula em significações tem a forma de ser do ser-no-mundo”, ou seja, “não há significado a margem de *Dasein* e, por sua vez, este não se distingue da totalidade significativa na qual está constitucionalmente imerso” (BAY, 1998, p. 201). A pre-sença, como abertura, ilumina significativamente seu mundo fazendo-o ver e por isso não há significado além dela, pois o modo como vivencia o mundo é significativa em suas remissões e, assim também ela se expressa, expõe o compreendido na compreensão em formas discursivas. O ente que se abre às possibilidades do ente que somos, no modo como se abre o faz na lida que é significativa, aquilo com que se lida passa a ser aquilo sobre o que se fala nas significações possíveis antecipadas e é nele que a pre-sença ilumina os entes que, sob a luz, podem ser determinados, delimitados, pois na escuridão tudo é indiferenciado.

É articulando significativamente a compreensibilidade que o homem se faz homem, ou seja, que o “homem se mostra como um ente que é” (HEIDEGGER, 2005, p. 224). Articulando seu modo de ser a cada momento ele mostra-se como homem, mostra-se na palavra significativa homem, articulada – por ele – na significância aberta por sua própria projeção, no modo como compreende a si e será determinado como sendo isso ou aquilo na proposição que comunica. Isso pois “a proposição é uma demonstração que determina através da comunicação” (HEIDEGGER, 2005, p. 214), ou seja, a proposição mostra o ente compreendido, determinando-lhe e, assim, permite a comunicação, falar sobre, e só mostra o ente compreendido por que as estruturas essenciais da exposição do

compreendido aparecem na proposição, pois ela se dá fundada no que foi descoberto na circunvisão que compreende.

É na convivência comunicativa que há a “partilha da disposição comum e da compreensão do ser-com” (HEIDEGGER, 2005, p. 221), na comunicação partilhamos nossa disposição afetiva ou nosso encontrar-se (*Befindlichkeit*), um dos existenciais de abertura do pré, que consiste num encontrar-se ontológico num estado de humor, num afeto com o inapreensível e incontornável que lhe é afetável sendo-no-mundo. É nessa vivência comunicativa, de onde falamos sobre algo, lidamos com palavras e não mais com o modo como os entes aparecem à pre-sença em sua vivência imediata que, mostrando o sobre o que se fala, oculta o que o falar é originariamente, comportamento enunciativo descobridor, um comportamento hermenêutico que sempre refere-se ao mundo no qual está disposto.

“A disposição abre a pre-sença em seu estar-lançado e, na maior parte das vezes e antes de tudo, segundo o modo de um desvio que se esquiva” (HEIDEGGER, 2005, p. 190), desvio da primazia da vontade e do conhecimento que, por isso, é um permanente encontrar-se – e, portanto, perder-se, velar o que permanece descobrindo e enunciando, a mundanização na qual a pre-sença está afinada, mas da qual se esquiva quando da enunciação. Desse modo ocorre esse desvio que se esquiva, disposição comum e compreensão de ser com os outros, no encontrar-se afetivos significativos, pois, na medida em que nos encontramos a nós mesmos e, portanto, podemos descobrir nosso mundo, permanecemos desencontrados pois se encobre a própria possibilidade de descobrir, o poder de descobrir mundos.

É também nessa convivência conjuntural onde o homem é determinado, conceituado na proposição e só assim ele pode ser animal racional, ser a ser superado, *homo symbolicus*, *homo economicus* e os diversos modos em que ele já foi determinado. O “como” apofântico da proposição esquece que esse homem, como isso ou como aquilo, representado na proposição, é o modo pelo qual as proposições tradicionais sobre o ser estabelecem seus significados, e não o contrário. Ou seja, a tradição, ao invés de buscar os significados abertos que possibilitaram a determinação apofântica, parte dessas

formas apofânticas tomadas como simplesmente dadas (*Vorhandenheit*), como “objetivas”, conceitos, gêneros para espécies para dizer o que o homem é. A tradição perde a dimensão projetiva significativa do ente que somos, de sua constituição como possibilidades hermenêuticas, como poder ser.

Heidegger deixa mais claro como ocorre a conexão entre essa projeção compreensiva, que é a pre-sença mesma, e a compreensibilidade e, portanto, a possibilidade de articular significados explicitados compreensivelmente:

A conexão do discurso com a compreensão e sua compreensibilidade torna-se clara a partir de uma possibilidade existencial inerente ao próprio discurso, qual seja, a escuta. [...] A escuta é constitutiva do discurso. E, assim, como a fala está fundada no discurso, a percepção acústica também se funda na escuta. Escutar é o estar aberto existencial da pre-sença enquanto ser-com os outros (HEIDEGGER, 2005, p. 222).

Escutar, como discurso, é o estar aberto com os outros e funda a percepção acústica, pois só percebo o que já foi articulado e aberto na compreensão. Nunca escutamos ruídos, sons isolados, mas sons que remetem a nossa compreensibilidade, ao “como” hermenêutico já bastante discutido, pois só podemos escutar se já compreendemos, no modo “como” compreendemos, no modo “como” explicitamos esse compreendido. Escutar é sempre escutar algo de algum modo. Desse modo, escutamos a voz de um amigo que a pre-sença traz consigo desde sempre e que lhe constitui, se entrelaça com suas significações projetadas e desde sempre abertas na convivência, no ser com os outros, ser juntos com os outros.

Trago a voz de um amigo no modo como acontece nossa amizade, não como ela é em si, trago no modo como sempre nos compreendemos. Sendo com os outros desde sempre, pois a presença é abertura, transcendência rumo ao outro, cuja projeção constitui a si mesma, a escuta passa a ser um aberto existencial, originário, onde toda compreensão, toda presença já é desde sempre e, articulando significados quando da escuta de uma moto, de uma música, de uma voz o ente que somos mostra que sempre está junto, é conjuntamente (*Bewandtnis*) com esses fenômenos, que lhe constituem desde sempre e, dependendo da conjuntura, vem ao encontro ou permanecem velados. Quando o dizer não é claro para nossa escuta ele torna-se incompreensível para nós, não meros sons isolados,

mas sem sentido. Escutar não é ouvir com os ouvidos físicos do corpo, mas um aparecer do mundo daquele que escuta, pois o surdo escuta quando o tocamos e, assim, surge todo seu mundo, toda sua rede significativa nesse escutar compreensivo.

Além da escuta, o silêncio é outra possibilidade que constitui o discurso, pois silenciar não é deixar de falar, mas só silencia quem tem “algo” a falar, já compreendeu. Falar é ação, verbo, articulação, é um fazer, estruturar mundo e se é ação, seus fins são a enunciação a partir daquilo que ela enuncia, o compreendido explicitado e antecipado que, por isso, orienta essa ação, a fala no que ela deve falar, de que modo deve enunciar para que a proposição expresse esse modo de ser sendo, em seu desenvolvimento. “Silenciar, no entanto, não significa ficar mudo. Ao contrário, o mudo é a tendência para falar” (HEIDEGGER, 2005, p. 224), ou seja, para silenciar é preciso falar e é só silenciando, sendo possível falar, que este silêncio fala, a pre-sença se pronuncia nele, silenciando. Falta possibilidade de o mudo provar que pode silenciar. E não o pode, mas só aquele que fala, pois silenciar também é articular e, portanto, falar. O caráter ativo da pre-sença em sua compreensão projetiva faz com que, nem a escuta nem o silêncio sejam meras passividades receptivas, mas só a partir de uma abertura em que o compreendido se deixa ver é que elas poderiam se constituir. Possuem caráter ativo, pois a escuta e o silêncio são possibilidades compreensivas projetadas pela pre-sença que, existindo, já é, já abriu um horizonte no qual ela se desenvolve, fazendo-se estruturalmente em seus momentos constitutivos, a partir de onde ela pode escutar ou silenciar. Portanto, para silenciar a pre-sença deve ter algo a dizer, já deve ter-se dado sua mundanidade do mundo, apesar de não emitir sons com a boca já articulou aquilo sobre o que cala.

Como dissemos, discorrendo a pre-sença se expressa e se expressar é ser-fora, ou seja, encontrar-se e mais, compreender, pois, quando compreende ela já está fora e, portanto, o compreendido na compreensão, o sobre o que ela fala já está “fora”. O discurso faz ver, no que se fala, aquilo mesmo de que se fala, não uma substância subjacente, não uma coisa em si, mas aquilo que lhe constitui como fala, o explicitado pela compreensão que é quando ela torna-se ela mesma, ou seja, compreensibilidade, circunvisão compreensiva na lida, no “fora”, nas ocupações, cujos significados antecipam seu ser para e, na totalidade, orientam esse ser para...alcançar suas possibilidades projetadas e antecipadas

como poder ser em significações. O que se fala é a coisa mesma, não há nada por trás dela, disso do que se fala, de modo que, na tradição, conforme alcançasse ou não essa coisa se chegaria ou não a verdade. A fala revela a vivência significativa total da presença humana de diversos modos em diversas conjunturas. Fala-se sobre o ente na totalidade significativa, o ente significando para a presença e, portanto, falamos de nós mesmos conforme essa conjuntura, falamos conjuntamente ao ente pois já o compreendemos, já somos nesse modo de ser conjunto e é assim que “o homem se mostra como um ente que é no discurso [...] o homem se realiza no modo de ser da descoberta do mundo e da própria presença” (HEIDEGGER, 2005, p. 224). Não se fala, por exemplo, de uma cadeira em si, que está “fora” dos que falam, mas conjuntamente da cadeira, falamos dela no modo “como” ela aparece nas conjunturas para nós e, por isso, podemos falar dela mesma não estando perto dela, já a carregamos conosco, por isso ela tem sentido, pois atada a significância, à cozinha, à sala de aula, ao escritório e por isso, também, é que há diversas perspectivas sobre a mesa, pois há diversos modos de explicitação do compreendido quando da realização da presença nas conjunturas.

O discurso é dinâmica do sendo da presença, “articulação “significativa” da compreensibilidade do ser-no-mundo, a que pertence o ser-com, e que já sempre se mantém num determinado modo de convivência ocupacional” (HEIDEGGER, 2005, p. 220), com-vivência que é sempre interpretativo-compreensiva, cujo discurso articula e mostra. O discurso é sempre “sobre algo”, a escuta é sempre sobre algo, o dizer (*legein*) e o pensar (*noein*) são sempre sobre algo, enfim, ser para é sempre ser para algo, algo já compreendido hermeneuticamente, mostrado no discurso, a escuta e o pensar no modo como são, pois nela, na compreensão hermenêutica de algo, já se é esta compreensão, este comportamento descobridor onde o ente já se desvelou (*ἀληθεύειν*), já se tornou acessível no modo como foi compreendido, já se abriu como mundo. Ocupado nas tarefas cotidianas, a presença humana lida com diversos instrumentos e encontra pessoas em diversas situações que, dinamicamente, já reconhece, já fazem parte dela no modo como se ocupou com elas. O ser para isso ou aquilo discutido no capítulo anterior, da ocupação não cessam quando deixo de prestar atenção em algo, pois já são a presença humana mesma, ações significativas constitutivas de seu comportamento no mundo, o modo como vivencia o mundo.

A convivência é convivência discursiva e o discurso é sempre discurso de algo, algo que lhe dá os limites conforme o desenvolvimento do que se é nas conjunturas em que se vive junto. Ele refere-se sempre àquilo com que me ocupo na significância, isto é, conforme “a perspectiva em função da qual o mundo se abre como tal” (HEIDEGGER, 2005, p. 198). Esse algo é compartilhado no modo de ser com os outros e, só assim, nesse compartilhamento, é que pode haver discurso sobre esse algo e fazer sentido. Nesse sobre o que o discurso se comunica (HEIDEGGER, 2005, p. 220) e a partir dele a pre-sença se pronuncia, se põe fora, pois já compreendeu e, assim, pode articular significados e fundar a “totalidade de palavras” que constitui a linguagem.

Contra as interpretações posteriores do que seria o homem, contra a redução de que o que o caracteriza seria a “articulação sonora” (HEIDEGGER, 2005, p. 224), Heidegger afirma que o discurso (*Rede*), na verdade, é descoberta do mundo e da própria pre-sença e no qual “o homem se realiza” (HEIDEGGER, 2005, p. 224). Por isso que, como ser-no-mundo, a pre-sença se pronunciou como discurso, que ela possui linguagem e que “o homem se mostra como um ente que é no discurso”, a pre-sença, em seu modo de ser compreensivo, expressa o que compreendeu no modo como compreendeu nas conjunturas, se pronuncia e, assim, mostra o explicitado. E por já estar fora quando compreende, abrindo remissões significativas que só existem como significados, o discurso já é significação, articulada. Mundo, significância já são significações e só podem existir assim.

Em vias de conclusão, o homem significa descobrindo entes a partir daqueles significados que se deram a ele, nos quais os entes surgem significando ao homem conforme a conjuntura em que homem se faz, no modo como se faz e o que visa ser quando compreende os entes. Nesse surgimento é onde encontram-se homem e entes, na significância, é o onde se dá o “encontro” entre fenômeno e “significado no sentido de significado de palavras” (HEIDEGGER *apud* VANNY, 2009, p. 44). A pre-sença só é sendo, projetando significados em que os entes podem mostrar-se como palavras, palavras significativas, na linguagem, cujo fundamento ontológico existencial é o discurso, articulação da compreensibilidade em significações com as quais lidamos e que expressam o compreendido. Só nessa articulação significativa da compreensão

circunvisiva na ocupação é que podem surgir o ente, isto é, a palavra significativa, por exemplo, a cadeira em sua conjuntura significativa.

“O homem se mostra como um ente que é no discurso [e isso significa que] o homem se realiza no modo de descoberta do mundo e da própria pre-sença” (HEIDEGGER, 2005, p. 224), descobre-se a si naquilo que discorre, nos modos como discorre uns com os outros, nos modos “como” explicita o compreendido que, articulado, mostra a pre-sença, mostra seu ser sendo na medida e na diferença com o ente que descobre em seu mostrar-se, em seu desvelar-se, descoberta que o “ente que nós mesmos somos” e que mantém uma relação com seu ser realiza quando re-úne a significância e anuncia o que ele mesmo é, no modo como aparece. Como vimos, o que se manifesta, se anuncia, mostra-se em si mesmo são os signos, que assinalam, marcam o ente e remetem a totalidade significativa, possuem significados. Esse ente “que nós mesmos somos”, portanto, é um signo junto a outros que, reunidos, anunciam seu ser como possibilidades significativas.

O discurso, portanto, sempre discorre sobre “algo” (*reden über etwas*) que lhe é indiscernível, que faz com que o discurso torne-se compreensível imediatamente, que lhe constitui como discursar, a partir de onde o discurso comunica, comunicação onde partilha-se o ser com os outros, pois nenhum discurso discorre sobre nada. Esse “algo”, que é a referência do discurso, da fala, àquilo a que ela se refere é “algo” compreendido e que se explicita “como” “algo” útil, explicitável no uso – a mesa “como” sendo para apoiar, brincar, subir, se esconder – conforme (*Bewandtnis*) a pre-sença, que visa a si mesma (*Worumwillen*), “algo” antecipado em significados abertos na compreensão e permanentemente descobertos na circunvisão ocupacional nas conjunturas, no lidar significativo, onde já se consolidaram as ações de significar na significância aberta na compreensão. O ente que somos se ocupa com significações num sentido, numa direção prévia que se desencobre nessas ocupações, sentido que já se deu articuladamente na compreensão e que, retornando ao ôntico, vai surgindo nas explicitações do compreendido, explicitações que expõem a direção, o sentido do falado.

CONCLUSÃO

Buscamos compreender, neste trabalho, o que significa o “como” hermenêutico para Heidegger, como sendo aquilo sobre o quê a fala fala. O “como” hermenêutico tem estrutura interpretativa ou explicitativa (*Auslegung*) e é a própria compreensão compreendendo, isto é, se explicitando. Por isso, a obra escolhida para investigação foi *Ser e Tempo*, onde são discutidas a compreensão, a explicitação (*Auslegung*) e seu caráter conjuntural circunvisivo, de apropriação perceptiva compreensiva do ente na circunvisão da ocupação em conjunturas. A interpretação que compreende numa circunvisão é o “como” hermenêutico, é compreensibilidade que, estruturada em significados articulados, possibilitam a fala.

Essas escolhas nos encaminham para a investigação da mundanidade do mundo, do caráter estrutural de mundo e das relações de ser nas totalidades que lhe constituem. O mundo se abriu como significância que, articulada como discurso, permite a pronúncia da pre-sença, a convivência e a partilha de ser uns com os outros no mundo, a enunciação da pre-sença humana, sua exposição. Heidegger percebeu a multiplicidade dos modos de ser e, questionando a noção de proposição como lugar da verdade, interrogou o *logos*, no modo como foi entendido pela tradição, como proposição, palavra, enunciado e alcançou um âmbito mais fundamental, o “como” hermenêutico, a interpretação que compreende numa circunvisão, a compreensibilidade descobrindo o ente nas conjunturas abertas na compreensão. Do *logos* como proposição, palavra tomada como um simplesmente dado (*Vorhandenheit*) pela tradição, Heidegger busca a lógica desse *logos*, cuja concepção era interpretada de diversos “modos”, isto é, a noção de *logos* era explicitada e mostrada discursivamente de diversas maneiras nos modos “como” foi sendo compreendido, alcançando, com isso, o discurso (*Rede*) e aquilo que lhe possibilita, o “como”, aquilo sobre o que fala, que lhe dá direção prévia e os contornos possíveis.

As remissões de significações ocupacionais, onde a pre-sença se consolida antecipadamente, na lida com os entes em seus significados, quando se manuseia a caneta, por exemplo, são todas mobilizadas articuladamente, mexo em todas as remissões referenciais da caneta no manuseio. Nesse manuseio surgem as possibilidades abertas e

antecipadas como poder ser numa totalidade significativa, na significância, no mundo no qual sempre já estamos e somos de modo impessoal, de onde partem nossos discursos e para onde devemos retornar para um discurso autêntico, onde se dá o encontro do fenômeno e sua significação. Na significação compreensiva, nas significações conjunturais das ocupações, quando a pre-sença se ocupa com o ente já compreendido, aberto, ou seja, no modo como o ente está sendo na própria abertura significativa do pré-, por que essa compreensão já está articulada, esse ente vai se compreendendo nas conjunturas, vai tornando-se compreensível em significações articuladas e articuláveis e, assim, pode ser falado, o ente pode ser mostrado, pois já se deu a ver. Ou seja, homem e mundo relacionam-se significativamente, significações que, compreensíveis, descobrem os entes e fundam o “como” hermenêutico, possibilitando que algo seja compreensível como algo que são o sobre o quê do discurso.

Heidegger investiga o “como” do ponto de vista de uma lógica, não mais formal, mas de modo fenomenológico-hermenêutico, ou seja, a partir dos modos “como” surgem os fenômenos, os entes em seus significados para a pre-sença, modos que são a articulação do todo e da parte e alcançados a partir da investigação do que já surgiu, do fenômeno que vai hermenêuticamente se expondo. O fenômeno, como um mostrar-se a si mesmo a partir de si vai sendo deixado ver nas conjunturas. Se não há mais um fundamento e um fundado do outro lado, não há uma substância, uma essência por trás do que aparece. O que importa, agora, é o movimento do aparecer mesmo, ek-sistência, pre-sença se pondo “fora” de diversos modos conforme (*Bewandtnis*) as possibilidades de desenvolvimento de seu ser, sendo o que se é, dinâmica de efetivação das possibilidades a partir do que se foi antecipando o que será. Dinâmica hermenêutica da compreensão, do modo de ser da pre-sença, em que ela é sendo nas conjunturas, em que homem e mundo fazem-se, se expõe um para o outro, quando, compreendendo, a pre-sença compreende-se, em que o mundo dá-se como possibilidades e que a compreensão delimita quando compreende ser.

O que, originariamente, nos moveu foi o interesse em superar dualismos no modo como Heidegger se empenhou e encontramos no “como” essa possibilidade, que “traga de volta” o homem ao mundo (de onde ele nunca saiu, mas para o qual se fechou), como seu mundo, que se expõe em situações hermenêuticas, mundo que aparece na palavra significativa

quando percebido um contexto em sua totalidade remissivo referencial. O que é a estrutura “como” (*Als Struktur*)? Como dissemos, é a estrutura de explicitação (*Auslegung*) do compreendido e este é a compreensão compreendendo em conjunturas, é compreensibilidade. Qual a relação do “como” com discurso (*Rede*)? Ora, discurso é articulação da compreensibilidade em significações e o discorrido (*Worüber*) é o “sobre o que” se discorre, àquela articulação da significância. Buscamos ressaltar a dinâmica existencial do “como” hermenêutico, na medida em que é movimento, ek-sistência, realização de possibilidades, pôr-se, pronunciar, como fazer, como falar, como construir, como arrumar, como ser, pois a obra, a fala, a construção, a arrumação já foram projetadas, abertas, antecipadas e exigem realização. A compreensão já projetou e, portanto, antecipou um espaço em que ela pode e exige ser.

Nosso objetivo foi compreender como Heidegger entende o que significa o “como” em sua atividade expositiva modal, hermenêutica, explicitação do compreendido já aberto no mundo pela compreensão e exposto na circunvisão de um contexto conjuntural, onde o entorno significativo é visto, explicitado em suas remissões, e cuja ocupação realiza o sentido posto previamente e efetivado quando a pre-sença compreende o sentido de ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BAY, T. A. **El lenguaje en el primer Heidegger**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

COLPO, Marcos Orestes. **Ideias para uma pedagogia da desconstrução: desdobramentos da ontologia de Martin Heidegger**. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação). São Paulo: USP, 2007.

COURTINE, Jean-François. **As investigações lógicas de Martin Heidegger**, da Teoria do Juízo à Verdade do Ser. São Paulo: Revista Discurso, 1996.

DUBOIS, Christian. **Heidegger: introdução a uma leitura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

ESCUADERO, Jesús Adrián. **El lenguaje de Heidegger**. Barcelona: Herder editorial, 2009.

FERREIRA, Acylene Maria Cabral. **A função significativa da linguagem**. Revista Ideias, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas: Unicamp, 1997, p. 187-211.

FOGEL, Gilvan. **Homem, realidade, interpretação**. Revista Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia, v. 1, n. 1, 2012.

GORNER, Paul. **Ser e Tempo: uma chave de leitura**. Petropolis, RJ: Vozes, 2018.

GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **As questões fundamentais da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

_____. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes,

2002.

_____. **Platão: o sofista**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

_____. **Ser e Tempo I**. Traduzido por Marcia Schuback. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Vozes, 2005.

_____. **Ser e Tempo**. Campinas: Editora da Unicamp, Vozes, 2012. 1200p. Trad. de Fausto Castilho. Resenha de: KAHLMEYER-MERTENS, Roberto S. **HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Trad. de Fausto Castilho**. São Luis: Revista Humus, 2013, n. 8.

KREIBICH, Susiane. **O homem é formador de mundo: mundo como conceito metafísico segundo Martin Heidegger**. Porto Alegre: Revista Intuito, 2017.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Apresentação da 15ª edição de Ser e Tempo**. São Paulo: Vozes, 2005.

LUNA, Federica Gozález. **What is Still True about Heidegger's Idea of Truth? Approaching Truth in Being and Time (Heidegger Reads Aristotle)**. México: Universidad Panamericana, 2018.

REIS, Róbson Ramos dos. **O *ens realissimum* e a existência: notas sobre o conceito de impessoalidade em ser e tempo, de Martin Heidegger**. Belo Horizonte: Revista Kriterion, nº 104, Dez/2001, p.113-129.

RODRÍGUEZ, Ramón. **La percepción como interpretación** in.: Lógos, Lógica, Lenguaje. Buenos Aires: Editora Teseo, 2012.

SAFRANSKI, Rudiger. **Heidegger**. Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. Sao Paulo: Geração editora, 2013.

STEIN, Ernildo. **Aproximações sobre hermenêutica**. Rio Grande do Sul: EdiPUC, 2010.

_____. **A questão do método na Filosofia**. Um estudo do modelo heideggeriano. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

_____. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: EDIPUC RS 2011.

_____. **Mundo Vivido**. Das vicissitudes e dos usos de um conceito da fenomenologia. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2004.

TONIN, Jean. **A socialidade impessoal do *Dasein* na analítica existencial de Ser e Tempo**. São Paulo: Revista Kínesis, Vol. VII, nº 15, Dezembro 2015, p.60-74.

VANNY, Adel Fernando de Almeida. **O conceito de significância em *Ser e Tempo* de Martin Heidegger**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

VIGO, Alejandro C. **Categorías y experiencia antepredicativa en el entorno De *Sein und Zeit***. in.: Lógos, Lógica, Lenguaje. Buenos Aires: Editora Teseo, 2012.

WU, Roberto. **Heidegger e a possibilidade do novo**. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Filosofia, 2016.